



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

ISABELA VICENTE MONTI

**NEOCONSERVADORISMO-NEOLIBERAL NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: uma
investigação da representação de família no portal online da Universal do Reino de Deus**

**CAMPINAS
2024**

ISABELA VICENTE MONTI

NEOCONSERVADORISMO-NEOLIBERAL NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: uma investigação da representação de família no portal online da Universal do Reino de Deus

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Sociologia.

Orientador: SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELA ALUNA
ISABELA VICENTE MONTI, E ORIENTADA PELO
PROF. DR. SÁVIO MACHADO CAVALCANTE.

CAMPINAS
2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

M767n Monti, Isabela Vicente, 1996-
Neoconservadorismo-neoliberal no Brasil contemporâneo : uma investigação da representação de família no portal online da Universal do Reino de Deus / Isabela Vicente Monti. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Sávio Machado Cavalcante.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Cardoso, Renato, 1972-. 2. Igreja Universal do Reino de Deus. 3. Conservadorismo. 4. Neoliberalismo. 5. Família. I. Cavalcante, Sávio., 1982-. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Neoconservatism-neoliberal in contemporary Brazil : an investigation of the representation of family on the online portal of the Universal Church of the Kingdom of God

Palavras-chave em inglês:

Conservatism

Neoliberalism

Family

Área de concentração: Sociologia

Titulação: Mestra em Sociologia

Banca examinadora:

Sávio Machado Cavalcante [Orientador]

Mariana Magalhães Pinto Côrtes

Michel Nicolau Netto

Data de defesa: 22-04-2024

Programa de Pós-Graduação: Sociologia

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-8904-3960>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/2867404807012470>



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos(as) Professores(as) Doutores(as) a seguir descritos, em sessão pública realizada em 22 de abril de 2024, considerou a candidata Isabela Vicente Monti aprovada.

Prof. Dr. Sávio Machado Cavalcante

Prof. Dra. Mariana Magalhães Pinto Côrtes

Prof. Dr. Michel Nicolau Netto

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

DEDICATÓRIA

Wolfgang Von Goethe, em sua obra intitulada *Fausto*, escreveu que “se cinza é toda teoria, verde é a árvore da vida”. Para meus pais, **Cristiana e Renato**, que transformam, cotidianamente, cinza em verde, eu dedico esta dissertação de mestrado.

Dedico esta dissertação também para meus avós, **João e Miriam**, que possuem o trabalho como a característica principal de sua existência. Quero que saibam que o trabalho que os formou foi o mesmo que fomentou a possibilidade objetiva para que eu pudesse estar, hoje, concluindo o mestrado. Suas são as mãos que me seguram, afagam e direcionam. Suas são as mãos que me protegem e abençoam.

(Vô João, agora você está no céu, mas sei que está feliz com a conclusão do meu mestrado. Infelizmente, você não pode estar aqui fisicamente para compartilhar comigo essa alegria, mas quero crer que você continua a me guiar e a me emprestar sua força gigante, mesmo que daí de cima. Obrigada, meu vô. Por tudo. Por tanto. Sempre).

Este trabalho é dedicado também à **João Carlos Soares Zuin**, professor responsável por me impulsionar a ir além. Foi o seu trabalho que plantou as sementes necessárias para que o meu trabalho pudesse florescer. Suas foram as mãos que, primeiro, acreditaram no trabalho das minhas mãos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo suporte financeiro desta dissertação de mestrado, sob o processo nº 2021/07068-6.

Agradeço ao Professor Doutor Sávio Machado Cavalcante, orientador deste trabalho e principal responsável por acreditar na potencialidade do projeto. Sem nossas conversas, reuniões e indicações bibliográficas, sem suas aulas e paciência, esta dissertação não seria viável.

Agradeço à Professora Doutora Mariana Magalhães Pinto Côrtes por ter realizado, ainda durante o exame de qualificação deste trabalho, uma leitura atenta e cuidadosa, que possibilitou mudanças significativas na redação do texto da defesa.

Agradeço também ao Professor Doutor Michel Nicolau Netto que, além de estar na banca de defesa e de qualificação, também foi o docente responsável pela primeira disciplina que cursei como estudante do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Desde as perguntas que me foram feitas por você durante a entrevista para o ingresso no mestrado, passando pelas perguntas colocadas para o projeto na disciplina de Seminários I até a banca de qualificação, sua contribuição foi fundamental para que ideias fossem organizadas e melhor desenvolvidas.

Agradeço ao meu tio Junior e às minhas primas Mônica e Lara, pessoas que são, para mim, inspiração e acolhimento. Exemplos daquilo que, um dia, quero também ser. Agradeço também ao Pedro, meu mais antigo amigo, para todas as horas, em qualquer dia. Agradeço à Letícia e Renan, amigos da Universidade e da vida, pesquisadores que muito me ensinam. Agradeço à Bruna e Iânes, amigas da Universidade e da vida, artistas que me acolhem e me ensinam sobre a beleza de tudo aquilo que finda. Por fim, agradeço à Cacá e Léo, filhas do coração, que me fazem querer seguir, todos os dias.

RESUMO

Essa pesquisa objetiva compreender se valores e princípios neoconservadores e neoliberais podem estar sendo articulados, no curso do tempo presente, em outros espaços que não o da política institucional. Para isso, interroga se a representação de família elaborada e difundida por lideranças religiosas da igreja Universal do Reino de Deus é neoconservadora-neoliberal. Para responder a essa pergunta, foi construído um corpus documental composto por 257 postagens publicadas entre os anos de 2017 e 2021 pelo atual líder terreno da Universal, bispo Renato Cardoso. Ao longo do desenvolvimento do trabalho, evidenciaremos a maneira pela qual a representação familiar iurdiana envolve e articula o neoliberalismo e o neoconservadorismo, promovendo continuidades, mas, também, deslocamentos com relação à uma representação convencional de família.

Palavras-chave: Neoliberalismo; conservadorismo; família; Igreja Universal do Reino de Deus; Renato Cardoso.

ABSTRACT

This research objectives to understand if neoconservative and neoliberal values and principles could be articulated in contemporary spaces other than institutional politics. To this end, it asks whether the representation of the family elaborated and disseminated by religious leaders of the Universal Church of the Kingdom of God is neoconservative-neoliberal. In order to answer this question, a documentary corpus has been constructed, consisting of 257 articles published between 2017 and 2021 by the current leader of the Universal Church, Bishop Renato Cardoso. Throughout the work, we will highlight the ways in which the family representation of the Universal Church of the Kingdom of God involves and articulates neoliberalism and neoconservatism, promoting continuities but also displacements with respect to a conventional representation of the family.

Keywords: Neoliberalism; conservatism; family; Universal Church of the Kingdom of God; Renato Cardoso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 SITUANDO A PROBLEMÁTICA DE PESQUISA	15
1.1 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO: O REINO DE DEUS NO ESPAÇO DIGITAL	17
1.2 RENATO E CRISTIANE CARDOSO: A CONQUISTA DO AMOR INTELIGENTE EM UM CASAMENTO À PROVA DO DIVÓRCIO	24
1.3 ENTRE PERCURSOS E PERCALÇOS METODOLÓGICOS: AS POSTAGENS SOBRE FAMÍLIA NO BLOG DE RENATO CARDOSO	26
2 UMA FAMÍLIA MODERNA, À MODA ANTIGA	33
2.1 HOMOSSEXUALIDADE, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO AMOROSA.....	35
2.2 MONOGAMIA, SEXO E REPRODUÇÃO: FIDELIDADE FÍSICA	41
2.3 IMPOTÊNCIA PORNOGRÁFICA E VENENO ROMÂNTICO: FIDELIDADE EMOCIONAL	46
2.4 MORAL SEXUAL E BANALIZAÇÃO DO SEXO E DO AMOR	48
3 O REINO DO PAI: A ORDEM E A AUTORIDADE.....	56
3.1 NO PRINCÍPIO, INVESTIR PARA CONHECER E CONHECER PARA INVESTIR	57
3.2 O DEUS-PAI E A IGREJA-MÃE: AUTORIDADES NA FAMÍLIA.....	62
3.3 OS INIMIGOS AMEAÇAM O REINO: FEMINISTAS, PROGRESSISTAS, MARXISTAS E PORQUE UM CRISTÃO NÃO PODE SER DE ESQUERDA.....	65
4 CUIDADO E RESPONSABILIDADE NA FAMÍLIA-EMPRESA	80
4.1 QUEM CASA, QUER CASA. MAS, QUEM CUIDA DA CASA?	80
4.2 SÓCIO INTELIGENTE NÃO DIVORCIA: FIDELIDADE FINANCEIRA	87
4.3 CRISE NA FAMÍLIA E CRÍTICA DA NAÇÃO: O NEOCONSERVADORISMO-NEOLIBERAL E A UNIVERSAL DO REINO DE DEUS.....	90
5 NEM MENINO NEM MACHO: A FABRICAÇÃO DO HOMEM UNIVERSAL.....	99
5.1 INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL PARA (MUDAR) SUA VIDA.....	103
5.2 SERVO DE DEUS, SENHOR DE SI: O HOMEM RESPONSÁVEL.....	105
5.3 HOMEM BANANA E OS DIFERENTES MODELOS DE MASCULINIDADE NA IURD.....	110
5.4 A VIRTUOSA: CASAMENTO E SUCESSO FAMILIAR.....	112
CONCLUSÃO.....	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
ANEXOS	141

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa interroga se a representação de família elaborada e difundida por lideranças religiosas da Igreja Universal do Reino de Deus é neoconservadora-neoliberal. Para responder a essa pergunta, foi construído um corpus documental composto por 257 postagens publicadas entre os anos de 2017 e 2021 pelo atual líder terreno da Universal, bispo Renato Cardoso. As postagens foram coletadas de seu blog, localizado no interior do portal online oficial da Igreja, o universal.org.

No curso dos últimos decênios, o crescimento demográfico evangélico, sobretudo pentecostal e neopentecostal, favoreceu a ampliação da presença religiosa em diferentes espaços institucionais, para além dos templos. Isso significa que, apesar da forte atuação das igrejas no âmbito local, não podemos ignorar a força política, econômica e cultural que elas representam no âmbito regional e nacional. A vitória de Marcelo Crivella para a prefeitura do Rio de Janeiro (2017), a existência de partidos políticos confessionais vinculados às igrejas como, por exemplo, o Partido Republicano, pertencente à Universal do Reino de Deus e o Partido Social Cristão, ligado à Assembleia de Deus, bem como as relações de clientelismo tecidas entre atores políticos e líderes religiosos (Machado, 2018), são apenas alguns dos fenômenos políticos que demonstram a impossibilidade de se pensar o Brasil hodierno sem considerar o impacto dos evangélicos.

Antes de nos apressarmos com afirmações que podem tecer associações diretas entre o grupo evangélico e o neoconservadorismo, é necessário enfatizarmos as pesquisas de Teixeira (2018) e Spyer (2020), que evidenciaram a existência de diferenças significativas entre o discurso propagado pelas lideranças religiosas e aquilo que é compreendido e praticado pelos fiéis. Como também argumentam Burity e Machado (2014) e Burity (2020), são as lideranças religiosas que tendem a ser mais intolerantes, no âmbito dos costumes e da moral sexual, do que os frequentadores dos cultos.

E é importante enfatizar que, neste trabalho, priorizamos aquilo que está sendo produzido exclusivamente por líderes da IURD, não sendo o foco da pesquisa a maneira pela qual os fiéis, e o público em geral, interpreta e reelabora aquilo que é cotidianamente difundido pela Igreja. Apesar de compor menos de um terço do eleitorado brasileiro, estas lideranças são extremamente atuantes na política e no espaço público contemporâneo. Elas produzem cotidianamente valores e princípios, avaliações, juízos e concepções de mundo que adentram no interior de milhares de lares brasileiros, tanto por meio dos templos e cultos de pregação,

quanto por meio do uso intensivo das mídias eletrônicas e digitais que, atualmente, operam como amplificadoras do discurso religioso.

Apesar de distintos serem os trabalhos que investigaram as relações entre a Universal e o neoliberalismo, sobretudo considerando a relação da igreja com a teologia da prosperidade (TP) e os cultos para o sucesso (Côrtes, 2018; 2021; 2022; Abreu, 2017; Lima, 2010; 2007; Santos, Vilaça, 2022; Marchesi, Rosa, Resende, 2021; Teixeira, 2022), bem como os modelos de feminilidade atrelados à IURD e ao neoconservadorismo (Machado, 1999; 2018; 2012; Teixeira, 2012; 2014; 2021; 2023, Rosas, 2018), essa pesquisa pretende contribuir com o estudo da articulação entre o neoconservadorismo e o neoliberalismo, fenômeno recente denominado por distintos pesquisadores como (neo)conservadorismo-neoliberal (Chaguri, Cavalcante, Neto, 2021; 2019; Biroli, Machado, Vaggione, 2020; Lacerda, 2019; Santos, 2020), objetivando contribuir para a compreensão de *se e de que maneira* valores e princípios neoconservadores e valores e princípios neoliberais podem estar sendo articulados em espaços que não o da política institucional.

Cabe destacar que, mediante a contribuição analítica de diferentes autores (Brown, 2006; 2015; 2018; Cooper, 2017; Dardot e Laval, 2016), compreendemos o neoliberalismo como uma ideologia, um conjunto de políticas econômicas e uma específica forma de racionalidade política de mercado. Enquanto racionalidade, o neoliberalismo alude a uma série de discursos, práticas e dispositivos que “generalizam a concorrência como norma de conduta e a empresa como modelo de subjetivação” (Dardot, Laval, 2016, p. 17). Enquanto a razão neoliberal é desprovida de moralidade substancial, podendo operar por meio do esvaziamento do sentido e do significado do mundo e não se filiando a nenhum partido político específico, a racionalidade política neoconservadora, por outro lado, é extremamente moral, centrada no estabelecimento, reforço e conservação de modos de vida tradicionais (Brown, 2006, Lacerda, 2018; Biroli, Machado, Vaggione, 2020).

A hipótese explorada é a de que, ao deslocar valores e princípios morais e econômicos para uma determinada representação familiar, as lideranças iurdianas podem estar favorecendo a articulação entre o neoconservadorismo e o neoliberalismo, duas formas díspares de racionalidades políticas (Brown, 2006; Cooper, 2017) que colaboram com a legitimação e com o reforço da construção de um tipo de indivíduo que, enquanto sujeito político e agente econômico, é moralmente funcional para a economia capitalista do século XXI: o indivíduo que crê viver em uma realidade determinada por verdades morais inabaláveis, que apresenta dificuldades em acompanhar as aceleradas transformações sociais que desestabilizam sua

existência e o ressentem e, por fim, que delega à figura do pastor e das forças de mercado a tarefa de resolução de questões coletivas e individuais, sociais e privadas.

Partindo da interpretação de Bourdieu (2011) acerca da sociologia weberiana, concebemos a religião como um sistema simbólico ligado ao poder e a política, uma vez que “contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social” (Bourdieu, 2011, p. 33), representando uma força social que, mediante um corpo de agentes especializados, responde a um conjunto de necessidades próprias a certos grupos sociais, através de suas práticas e de seus discursos. Atentando para as funções políticas e sociais que a religião cumpre em acordo ou em desacordo com as diferentes classes e grupos sociais, pretendemos refletir sobre o modo pelo qual a produção e a difusão da mensagem religiosa *pode*, enquanto potência e possibilidade, contribuir com o reforço e a legitimação (Bourdieu, 2011) da ordem econômica e política brasileira contemporânea. Considerando, tal qual Teixeira (2012; 2018) e Côrtes (2018), que a religião opera como uma tecnologia social capaz de produzir subjetividades e conduzir condutas.

No primeiro capítulo, caracterizamos o vasto sítio online construído pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em seu site, enfatizando as distintas possibilidades a serem exploradas por meio de nosso objeto empírico em uma tentativa de, também, evidenciar a relevância política, econômica e cultural desta instituição religiosa. Neste capítulo, apresentamos Renato e Cristiane Cardoso, casal de lideranças iurdianas responsável por desenvolver a temática da família, do amor e do casamento. Por fim, descrevemos o processo metodológico de seleção, coleta e organização do corpus investigativo.

Caba destacar que as postagens selecionadas são compostas não apenas por textos *escritos* que foram publicados por Renato Cardoso, mas, também, por episódios do podcast *Escola do Amor Responde*, trechos do programa *The Love School* e, ainda, palestras da *Terapia do Amor*, incluindo cursos, entrevistas e *lives* realizadas por Renato e Cristiane nos templos iurdianos e no interior de sua própria residência. Ao longo da construção do corpus documental, apreendemos que essas postagens possibilitam que a influência religiosa se expanda para além do círculo de fiéis da Universal, alcançado também o público secular e os sem-igreja, terminologia que designa aqueles que acreditam no Deus cristão, mas não seguem nenhuma denominação específica. Alguns episódios do *Escola do Amor Responde*, por exemplo, possuem aproximadamente um milhão de visualizações, como ocorre no episódio intitulado Casamento SEM SEXO: Marido desabafa, ouve a solução, que conta com 996.659 mil visualizações no

youtube até o presente momento, o que evidencia a relevância das postagens e do material trabalhado na pesquisa.

No segundo capítulo, *Uma família moderna, à moda antiga*, nos propomos a descrever e interpretar qual é a representação de família elaborada e difundida pelas lideranças iurdianas. Para isso, partimos de uma série de questionamentos que serão desenvolvidos ao longo do texto: a IURD aceita ou reconhece as relações homoafetivas? Como a instituição se posiciona com relação à homossexualidade e, conseqüentemente, às pautas acerca do gênero e da diversidade sexual? O corpo, o desejo sexual e o sexo são interpretados com assento negativo ou positivo pela teologia iurdiana? Essas interrogações são importantes porque nos ajudam a construir um primeiro indicador acerca da possibilidade da representação de família iurdiana vincular-se ao neoconservadorismo e, também, ao neoliberalismo.

Em *O reino do pai: ordem e autoridade*, nosso objetivo é expor e explicar como operam, dentro da representação familiar iurdiana, dois valores fundamentais para grupos neoconservadores: a defesa da ordem e da autoridade. É neste capítulo que também argumentaremos que, mais do que vincular-se a valores neoliberais, toda a esfera familiar é economicizada na IURD, construindo-se por meio dos princípios e das métricas de mercado e, ainda, sendo avaliada por meio destas mesmas métricas. Evidenciaremos de que maneira os cônjuges são retratados enquanto capitais humanos e a maneira pela qual a família iurdiana é construída, organizada e interpretada como uma empresa.

Por fim, mas não menos importante, demonstraremos que as lideranças iurdianas mobilizam argumentos neoconservadores e neoliberais para combater e desclassificar os antagonistas ou, na linguagem neoconservadora, os “inimigos” da família: os movimentos feministas e das mulheres, os movimentos sociais em geral e, sobretudo, a esquerda (política, partidária e intelectual).

Por sua vez, em *Cuidado e responsabilidade na família-empresa*, exploramos a articulação neoconservadora-neoliberal que ampara a privatização da esfera familiar e delega a responsabilidade pelo cuidado do lar e da criação dos filhos às mulheres, construídas enquanto esposas e mães. O argumento principal mobilizado no capítulo consiste em apontar que, em cenários marcados pela supressão de bens e serviços públicos, próprios da racionalidade neoliberal, é necessário que se revitalizem os papéis convencionais de gênero, movimento defendido por grupos neoconservadores-neoliberais.

Por meio destes quatro capítulos esperamos ser possível evidenciar a maneira pela qual a família iurdiana é neoconservadora-neoliberal. No entanto, nos propomos a também expor e explicar de que forma o modelo de homem – e, conseqüentemente, de marido ideal –, é construído a partir da mobilização de valores, princípios, avaliações e concepções de mundo neoliberais, eis o quinto capítulo do trabalho.

Em *Nem menino nem macho: a fabricação do homem universal*, apresentamos os quatro modelos de masculinidades elaborados por Renato Cardoso, expondo e explicando a íntima relação entre o perfil do homem de Deus e a responsabilidade, o autocontrole e a resolução de problemas, valores fundamentais da gramática moral neoliberal. Ainda nesse capítulo, apresentamos quem é *a Poderosa*. Trata-se da representação de mulher rejeitada pelas lideranças iurdianas e construída como o oposto daquela que seria a mulher *Virtuosa* (popularmente conhecida como mulher V).

Ao longo das pesquisas bibliográficas para a realização da dissertação, apreendemos que, apesar de diversos serem os trabalhos que abordam as relações de gênero na Universal, a grande maioria elabora uma caracterização da mulher V, construída com base nas passagens bíblicas de provérbios e modelo ideal do feminino na IURD. No entanto, pensamos ser relevante descrever a maneira pela qual outros modelos de feminilidade são apresentados por Renato e Cristiane Cardoso.

Nossa proposta consiste em evidenciar que a mulher Poderosa é o oposto da Virtuosa, porque enquanto a primeira encarna a solidão e o fracasso feminista, a segunda aparece vinculada ao casamento e ao sucesso familiar. Nessa dinâmica entre homem e mulher, marido e esposa, é possível apreendermos também a existência do neoconservadorismo-neoliberal, que conforma as subjetividades de cada um dos membros envolvidos na família. De fato, apreendemos que, na Universal do Reino de Deus, o *homo oeconomicus* do neoliberalismo não se apresenta como um sujeito universal, mas sim por meio de um gênero específico: o masculino.

1 SITUANDO A PROBLEMÁTICA DE PESQUISA

Nos últimos quarenta anos, forças políticas de direita e extrema-direita ascenderam ao poder nas democracias liberais. Um dos principais elementos que contribuíram para a formação da temporalidade política hodierna foi a consolidação transnacional de coalizões neoconservadoras. O neoconservadorismo, que pode ser compreendido como uma racionalidade moral política que opera em contextos democráticos mediante uma lógica disciplinar e reguladora (Brown, 2006), consolidou-se inicialmente no cenário estadunidense mediante uma “coalizão que reuniu parcela majoritária do movimento religioso evangélico, elementos da direita secular do Partido Republicano e intelectuais da eleição de Ronald Reagan” (Lacerda, 2019, p. 290).

Segundo Lacerda (2019), o neoconservadorismo se baseia em um ideário privatista, que defende o predomínio do poder privado da família e das corporações em detrimento do Estado, o que não o impede de ser favorável à intervenção pública em dimensões da vida pessoal e, ao mesmo tempo, defender a redução da intervenção estatal no combate às desigualdades. Para Lacerda (2018), no Brasil hodierno existe um movimento neoconservador nos moldes do neoconservadorismo norte-americano. Em confluência com a autora, distintas pesquisas sinalizam a existência de afinidades entre o neoliberalismo, entendido neste trabalho como uma específica forma de racionalidade política de mercado e o neoconservadorismo, que convergem ao colocar no centro de sua definição mais ampla de sociedade a família (Cooper, 2017; Biroli, Machado, Vaggione, 2020; Quintela, 2020; Santos, 2019; Cavalcante, Chaguri; Netto, 2019).

Para os neoconservadores, a família é o fundamento de toda ordem social e econômica. Grupos neoconservadores se opõem às políticas sociais porque as culpabilizam pelo declínio dos valores familiares convencionais e pela subversão da estrutura familiar. Nesse ponto, convergem com grupos neoliberais, que interpretam a família privada como a rede de proteção e de segurança econômica mais eficiente e moralmente legítima e, ainda, como uma alternativa abrangente ao Estado Social (Friedman, 2015; Hayek, 1983).

Investigações como as de Lacerda (2019) e Santos (2020) evidenciaram que a defesa da família e dos valores familiares convencionais pode ser um elo de articulação entre atores políticos neoconservadores e atores políticos neoliberais mediante a análise da atuação parlamentar brasileira. Chaguri, Cavalcante e Netto (2019; 2021) chegaram a resultados semelhantes, a partir da observação dos primeiros anos do governo do ex-presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro e das lideranças por ele escolhidas para compor os cargos ministeriais de seu governo. Segundo os sociólogos, o chefe do executivo federal compartilhava com seus

eleitores e aliados políticos um registro de elaboração de mundo neoconservador-neoliberal, que usa de uma suposta superioridade moral para justificar os privilégios da posição social de que desfrutam.

Quintela (2020), por sua vez, enfatiza que a extrema-direita brasileira encontra na instrumentalização da defesa da família convencional uma de suas principais estratégias políticas de reprodução. Mediante esta instrumentalização, atores políticos da extrema-direita articulam o neoliberalismo e o neoconservadorismo. Esta é, também, a conclusão de Kalil (2020) e Santana (2020). As pesquisas de Chaloub e Perlatto (2016) corroboram com esta compreensão, investigando a intelectualidade da direita e da extrema-direita política no Brasil.

Através da mobilização da família e da consequente inserção de valores familiares, seus regulamentos e suas reivindicações na esfera pública e política, é possível justificar retrocessos em leis e em políticas públicas, porque “o neoliberalismo restringe a capacidade política e estatal e o neoconservadorismo moraliza o poder estatal nas esferas internacionais e domésticas” (Biroli, Machado, Vaggione, 2020, p. 149).

Desse modo, a defesa da família realizada por neoconservadores e neoliberais é capaz de promover sucessivos processos políticos que desfazem as bases da democracia, o que a cientista política norte-americana Wendy Brown (2015; 2018) conceituou como desdemocratização. A primazia da economia sobre a política, a afirmação de que a política deve ser avaliada como um mercado e a própria ênfase na necessidade do Estado ser construído por uma lógica empresarial constituem alguns destes processos que, ao esvaziarem a cultura democrática, equiparam a democracia tão somente à existência de mercados livres e desregulamentados (Brown, 2017).

Apesar das tensões existentes no interior do movimento político neoconservador, Lacerda (2019) apreende que é o antagonismo aos segmentos sexuais minoritários – que, desde o final da década de 1980, obtiveram importantes conquistas legais como a ampliação da permissão do aborto, o reconhecimento do casamento homoafetivo e a formulação de políticas públicas voltadas para a igualdade de gênero –, que confere identidade política a coalizão neoconservadora. Nesse sentido, o cristianismo evangélico, denominação ampla que reúne igrejas pentecostais e neopentecostais¹, constitui um importante grupo social que atua pública e politicamente nesta nova configuração do conservadorismo no Brasil.

¹ Para Ricardo Mariano (2004, p. 134), o bloco “evangélico” engloba igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista, Batista, Adventista), pentecostais (Congregação Cristã no

Este grupo religioso se expande aceleradamente e integra bancadas parlamentares, partidos políticos e redes de comunicação impressa, eletrônica e digital, sendo impossível refletir sobre o cenário político brasileiro hodierno sem considerar a centralidade destes atores religiosos (Camurça, 2020; Cunha, 2016; 2022; Almeida; Toniol, 2018; Spyer, 2020).

Nesse sentido, Biroli, Machado e Vaggione (2020), consideram que a “novidade” presente no conservadorismo religioso consiste, justamente, nas articulações, promovidas por distintas lideranças religiosas, entre o sucesso econômico, o mérito individual e a moralidade cristã. Investigações recentes (Carranza, 2020; Almeida, 2020; 2016; Mariano, Girardi, 2019; Machado, 2020; 2018) apreenderam, por um lado, a centralidade de atores religiosos na mobilização política de rótulos como “feminismo radical” e “ideologia de gênero” para inserir-se no debate público e político em oposição aos movimentos feministas e LGBTQIAP+. Por outro lado, diferentes pesquisas evidenciaram que denominações neopentecostais estimulam seus fiéis a adotarem uma postura empreendedora, centrada na importância do mérito e da ascensão social na vida cotidiana (Côrtes, 2018; Abreu; 2017; Oro, 2011; Lima, 2010; 2008; 2007; Cunha, 2002).

Diante de um cenário político e institucional caracterizado pela mobilização, por diferentes atores políticos, midiáticos e intelectuais de um repertório de valores e princípios morais, éticos e econômicos que pertencem, concomitantemente, aos polos neoliberal e neoconservador, essa pesquisa se propõe a compreender se a representação de família elaborada e difundida por lideranças religiosas da Igreja Universal do Reino de Deus pode (e de que modo pode) ser também uma expressão da articulação entre valores, princípios, avaliações e juízos de mundo neoliberais e neoconservadores no Brasil contemporâneo.

1.1 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO: O REINO DE DEUS NO ESPAÇO DIGITAL

Fundada na década de 1970, a Universal do Reino de Deus representa a igreja neopentecostal que mais angaria sucesso midiático, político, patrimonial e econômico (Mariano, 2004; Almeida, 2009; Teixeira, 2018). A Igreja, avaliada no Estado de São Paulo como a 5º instituição de maior prestígio e relevância social do país (Datafolha, 2015), conta com mais de 1.873.243 fiéis (IBGE, 2010) e investe maciçamente nos meios de comunicação e de informação de massa, considerados pelo fundador da igreja, bispo Edir Macedo (2000),

Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção etc.) e neopentecostais (Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra etc.).

como fundamentais para a promoção da evangelização, da expansão e do fortalecimento de sua instituição.

Diversas são as pesquisas que enfatizam a centralidade dos meios de comunicação e informação para as igrejas pentecostais e neopentecostais (Tadvald, 2020; Fonseca, 2020; Campos, 1997). Sabemos que a tradição escrita é uma característica do cristianismo evangélico (Cunha, 2009). A importância da palavra, do texto e do livro faz parte do pentecostalismo desde a sua gênese, com a reforma protestante e a ênfase, no século XVI, para que a Bíblia fosse traduzida na língua dos fiéis, o que os possibilitaria ler, compreender e interpretar as sagradas escrituras sem a necessidade da intervenção de outra pessoa. A forte cultura oral do Brasil, no entanto, fez com que, além da palavra escrita, o rádio logo se transformasse em um importante instrumento de propagação da voz religiosa.

Conforme apreende Magali Cunha (2009), a facilidade na compra e na concessão de espaços no interior das rádios existentes no país possibilitou que, desde meados da década de 1970 e 1980, cultos e missas, meditações, pregações e até mesmo exorcismos fossem transmitidos para os fiéis. Na primeira década do século XXI, com a explosão do fenômeno gospel (Cunha, 2007) e a conseqüente proliferação de gêneros musicais, cantores e bandas, foi possível aumentar a programação musical, os programas de entrevistas e *talk shows* religiosos nas rádios.

Já na década de 1990, por sua vez, temos a consolidação de “pequenos impérios de mídia vinculados a igrejas” (Cunha, 2009, p. 48), como é o caso da Universal, que dispõe de um aparato midiático com mais de 64 emissoras de rádio, programas televisivos vinculados à TV Record (adquirida pela família Macedo em 1989 e, atualmente, segunda maior emissora do país) e, também, plataformas digitais. Além disso, os nomes dos fundadores da igreja estão entre os proprietários do Banco *Digimais*, do partido político Republicano Brasileiro (PRB) e, ainda, da primeira instituição de ensino superior mantida por um partido político (PRB) reconhecida pelo MEC, a *Faculdade Republicana*. Com sede no Distrito Federal, a instituição apresenta como missão a promoção da “educação política”, e oferta cursos de graduação e de pós-graduação nas áreas da ciência política, do marketing político e digital, da assessoria parlamentar e do direito.

No curso das últimas duas décadas, as lideranças iurdianas passaram a administrar um perfil oficial no Facebook e no Twitter, uma conta no Instagram e no Youtube e, ainda, o Portal online oficial da Igreja, idealizado pelo próprio Edir Macedo. Fundado no ano de 2001, o portal da IURD é constantemente mobilizado para vocalizar a perseguição da mídia secular contra o

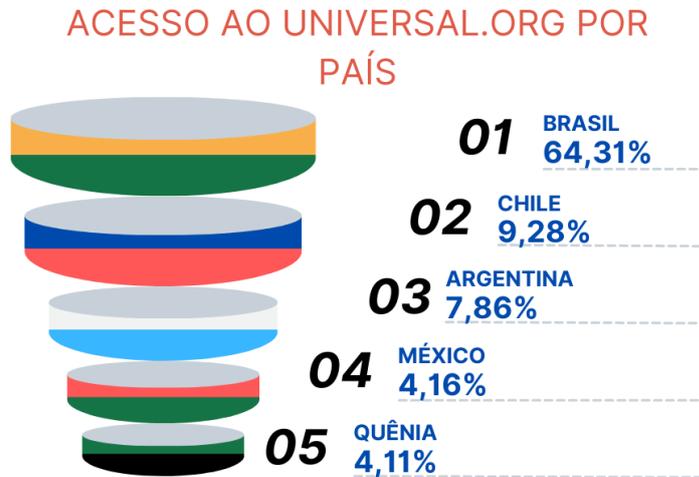
fundador da instituição e suas atividades de evangelização (Tadvald, 2020). O site recebe uma quantidade expressiva de acessos mensais, o que aponta para a sua relevância nacional e internacional. Em um levantamento feito pela redação do portal no ano de 2018, foi constatado que eram recebidos cerca de 1 milhão de acessos mensais, contabilizando 12 milhões de acessos ao ano.

Em um levantamento recente, que realizamos para a elaboração desta pesquisa com base no uso do site *SimilarWeb*, apuramos que foram recebidos, em média, 1,3 milhões de acessos ao mês no primeiro semestre de 2023, o que posicionou o portal da IURD entre os 40 sites mais acessados do país na categoria “fé e crença”.

No mês de abril, foram 1,487 milhões de acessos, em maio, 1,168. O mês de junho, por sua vez, recebeu 1,292 milhões de acessos, em julho foram 1,153 milhões. Agosto, no então, foi o mês em que o site obteve o maior número de acessos do ano de 2023, sendo 1,515 milhões, conforme ilustra o gráfico abaixo.



Fonte: dados de pesquisa obtidos por meio do *SimilarWeb*



Fonte: dados de pesquisa obtidos por meio do *SimilarWeb*

Além de estar bem posicionado entre os sites da categoria “fé e crença”, o portal da IURD também é acessado por pessoas de distintos países, conforme demonstra o gráfico acima, o que aponta para o êxito das estratégias de transnacionalização dessa instituição que, atualmente, conta com centenas de templos espalhados pelos cinco continentes do globo, com expressiva presença na América do Sul, na Europa e em África (Lorensini, Oro, 2015).

Por meio do *SimilarWeb*, apreendemos que 60,23% dos usuários do site são mulheres e 39,27% homens. A faixa etária daqueles que acessam ao portal é composta por pessoas entre 25 e 34 anos (que representam, aproximadamente, 31,83% dos usuários), seguidas por aquelas entre 18 e 24 anos (25,68%) e entre 36 e 44 anos (18,83%). Pessoas com 45 e 54 anos de idade constituem 12,21% dos usuários. Aquelas de 55 e 64 anos representam 7,75% e as com mais de 65 anos representam 3,70% do total de usuários.

Inicialmente denominado *Arca Universal*, o portal foi renomeado *Universal.org* no ano de 2013, período em que passou por reformulações em seu layout. Chefiado por Cleber Nascimento, pastor iurdiano formado em administração de empresas e pós-graduado em gestão (controladoria), a plataforma constrói para os seus usuários, de fato, um universo de possibilidades a serem exploradas.

Logo no topo da página é possível encontrar o símbolo da Igreja Universal: um coração vermelho com uma pomba branca, e a palavra “Universal”, na cor azul e escrita com letras maiúsculas. Também existem ícones que redirecionam o usuário do site até a programação da rádio *Aleluia*, assim como ao Facebook, ao Twitter, ao Instagram e ao Youtube da Igreja. É

possível, ainda, que o usuário mude o idioma do portal, disponível em Português e em Inglês. Nesta mesma localização, vemos, ainda, um ícone da Apple Store e um do Google Play, onde é possível baixar o aplicativo para celular da Igreja Universal do Reino de Deus.



Imagem extraída do portal online oficial da IURD: disponível em: <https://www.universal.org/>.

Abaixo destes ícones de acesso, ainda no topo da página, é possível escolher qual o conteúdo que se deseja acessar. As opções são diversas. O usuário pode clicar na aba notícias e, dentro desta, escolher entre as notícias relacionadas à *Universal*, que reúne postagens sobre a evangelização e a centralidade da igreja na vida cotidiana; pode também escolher ler postagens relacionadas à *Vida a dois* que, como o próprio nome sugere, reúne postagens que enfatizam as relações afetivas, sobretudo conjugais.

Outra opção consiste em acessar as notícias relacionadas ao *Fim dos Tempos*, que abordam os conflitos, as guerras e as doenças que estão acontecendo no Brasil e no mundo, bem como as catástrofes ambientais e climáticas. É possível, ainda, ver postagens relacionadas à *Ação social*, na qual são encontradas as iniciativas da igreja e de seus fiéis em presídios, escolas, hospitais e, também, as iniciativas voltadas para pessoas com deficiência visual, auditiva, motora; ao clicar na opção *Comportamento*, o usuário encontrará uma série de textos que abordam distintos temas relacionados à saúde como, por exemplo, a infância, a importância dos pensamentos positivos e de Deus na vida de uma pessoa.

Se, por um lado, a aba *Notícias* é responsável por informar os fiéis, e o público geral, sobre diversos assuntos do Brasil e do mundo que tocam em temas que vão da saúde espiritual à saúde do corpo e dos relacionamentos, passando por questões econômicas, políticas e culturais, por outro lado, é através da aba *Serviços*, que os navegantes do *universal.org* podem ter acesso ao *Pastor Online*, cujo principal objetivo é operar como um auxiliador espiritual online e anônimo, sendo também gratuito.

Outros serviços oferecidos através do site são: a *Rede Aleluia: Família, Força e Fé*, responsável por fornecer uma vasta programação de rádio, notícias e músicas cristãs; o *Livro de Orações*, que se refere a uma página em que o usuário digita o seu nome, e-mail, telefone e escreve seu pedido de oração e a *TV Universal* que oferece acesso à filmes, séries, novelas e programas cristãos, vinculados à Igreja Universal do Reino de Deus. Para ter acesso a *TV Universal* é necessário efetuar a assinatura de um plano, que pode ser mensal (os valores variam entre 18,90 para ter acesso a duas telas e 23,90 para quatro telas), semestral (106,90 para duas telas ou 132,90 para quatro telas) e anual (203,90 para duas telas e 243,90 para quatro telas).

O Portal também direciona os usuários para a *Arca Universal*. Esta página é responsável pela venda de produtos voltados para o desenvolvimento pessoal e espiritual dos fiéis. Através da *Arca Universal* é possível adquirir Bíblias, livros escritos por importantes nomes da Universal como, por exemplo, Edir Macedo, Renato Cardoso, Cristiane Cardoso, Ester Bezerra, Nanda Bezerra e Aline Munhoz. Não obstante, é possível comprar camisetas, shorts, calças, bermudas, moletons, colares, canecas, copos, xícaras e canetas.

O vasto sítio online da Igreja Universal oferece, ainda, acesso aos Podcasts *Palavra Amiga* do Bispo Edir Macedo; *Inteligência para a sua vida* do Bispo Renato Cardoso, *Escola do Amor Responde*, apresentado conjuntamente por Renato e Cristiane Cardoso, e, ainda, para os podcasts de Viviane Freitas e Cristiane Cardoso. Além disso, através do portal é possível ter acesso a outros sites alimentados pela Igreja Universal. São eles: *Templo de Salomão*, *Terapia do Amor*, *Mitos e Verdades*, *Godllywood school*, *Escola do Amor*, *Vício tem cura* e *Força Jovem Universal* (FJU). Além destas opções, é possível que o usuário do portal acesse os blogs individuais de Edir Macedo, Ester Bezerra, Renato Cardoso, Cristiane Cardoso, Viviane Freitas e Núbia Siqueira.

Destacamos, ainda, a propaganda, que está fixada, do *Quero te Conhecer*, um aplicativo para relacionamentos exclusivo para obreiros e fiéis iurdianos solteiros que frequentam a terapia do amor. Finalmente, mas, não menos importante, é possível conhecer a história da Universal ao se clicar na aba intitulada *A Universal*. Também existe uma sintética descrição da vida de Edir Macedo, o fundador da Igreja. Conforme evidencia Teixeira (2012) a criação da IURD está enlaçada à história de vida da família Macedo, na medida em que o bispo constrói uma narrativa de perseguição e, comparando-se com os apóstolos, descreve todas as dificuldades que enfrentou nos primeiros anos da instituição.

Ao clicar em *Mídias*, o usuário é convidado a conhecer o Facebook da Igreja que, segundo uma de nossas consultas, realizada em 25 de agosto de 2022, conta com 3.261.595

milhões DE USUÁRIOS. Além disso, em *Eu sou a Universal* podemos encontrar a seguinte descrição:

A Universal é a Dona Cleusa, que cumpre diariamente jornada tripla, como mãe, esposa e vendedora de planos de saúde. E também é o Paulo Victor, advogado tributarista, professor universitário, casado e pai de três filhas. E ainda a Maria Paula: empresária de sucesso, dona de uma rede de lojas e avó dedicada que sempre reserva um tempo livre para os netos. Ou o casal de micro agricultores Flávio e Rita que, com trabalho de sol a sol, conseguiu mandar dois filhos para a universidade. Olhe ao seu redor. Esta é a Universal. Milhões de pessoas no Brasil e em mais de 100 países, como você, seus vizinhos e colegas de trabalho. Gente que luta, que constrói o próprio destino com alegria, trabalho e fé. São as vidas de homens e mulheres que batem no peito e dizem, com orgulho:– Eu sou a Universal! (texto extraído do Portal oficial da Universal, 2022, disponível em: <https://www.universal.org/ eu-sou-a-universal/a-universal/>).

Ao descrever cada uma das diferentes pessoas que qualificam “quem” é a Universal, a redação da notícia enfatiza não apenas as distintas carreiras, profissões e idades dos fiéis iurdianos, mas, sobretudo, o aspecto familiar. Ou seja, os homens e as mulheres da IURD são apresentados como esposas e mães, avós e pais de família. Merece destaque, ainda, a maneira pela qual a ideologia meritocrática está incutida nas apresentações dessas pessoas. No Brasil, o mérito está menos ligado à posse de certificações e diplomas e mais ao esforço, ao acordar cedo, ao trabalho duro, como consta, por exemplo, na ideia de que os fiéis iurdianos são aqueles que lutam, um povo que constrói o seu próprio destino por meio de seu trabalho, sem depender de mais nada exceto seu trabalho e fé.

A escolha, portanto, por investigar o site da IURD parte da compreensão de que por meio dele são difundidos valores e princípios, avaliações e juízos morais acerca da realidade social do Brasil e do mundo, concepções de mundo que não são apenas de ordem religiosa, mas estão profundamente vinculadas com questões econômicas (a revalorização do trabalho duro, do esforço da pessoa em vencer a concorrência e a competição, a valorização da renda e dos recursos econômicos conquistados), políticas (a revalorização da autoridade, a representação política do evangelho e dos valores cristãos nos corpos intermediários da política representativa) e culturais (a revalorização dos valores cristãos na família e na educação, nas séries de televisão e cinema, no site oficial da Igreja, o não-reconhecimento de outros arranjos familiares). Soma-se o fato da instituição, como vimos, apresentar-se como uma potência de formação cultural, na medida em que seus proprietários são detentores de uma série de empresas que vão desde emissoras de rádio e TV, até bancos e instituições de ensino privadas.

Se o Reino de Deus fabricado pela Universal no espaço digital caracteriza-se por ser um espaço amplo e complexo, dotado de múltiplas possibilidades a serem investigadas, como

construir nosso corpus empírico? Deveríamos escolher as postagens escritas pela redação do site ou optar por investigar as postagens feitas por Edir Macedo, o bispo fundador? Deveríamos selecionar as notícias contidas na *Folha Universal* ou as postagens do *Vida a Dois*? Deveríamos priorizar a página da *Terapia do Amor*?

Com base em nossas observações de pesquisa, que incluem o acesso diário ao portal da igreja, mas, também, a leitura de livros escritos pelos bispos Macedo (2000) e Renato Cardoso (2012; 2020) e, ainda, por meio do acompanhamento das redes sociais da igreja, pudemos apreender que bispo Renato, junto de sua esposa Cristiane, é o grande nome responsável por desenvolver a temática da família na Universal. Não obstante, arriscamos dizer que o casal é o futuro “rosto” que representará a igreja Universal.

1.2 RENATO E CRISTIANE CARDOSO: A CONQUISTA DO AMOR INTELIGENTE EM UM CASAMENTO À PROVA DO DIVÓRCIO

Todo ser humano almeja um amor verdadeiro e esse amor verdadeiro existe. Ele existe e você precisa acreditar nele. Você precisa aprender a buscá-lo e a construí-lo. Não é sorte. É escolha. É trabalho. E, se você *investir*, começando a fazer as coisas certas já, então você poderá ser e ter este amor verdadeiro lá na frente. É isso que nós temos ensinado na escola do amor (Renato Cardoso, 2020a)

Renato e Cristiane Cardoso são os apresentadores do *The Love School*, programa televisivo exibido pela rede Record desde novembro de 2011. Renato e Cristiane são os responsáveis pelos cursos e palestras da *Terapia do Amor*. Eles também protagonizam o *Escola do Amor Responde*, podcast no qual “confrontam os mitos e a desinformação nos relacionamentos”. Exibido desde 2014, o podcast conta com um compilado de mais de 2081 episódios disponíveis no *Deezer*, no *Spotify* e no *Apple Music*.

Atualmente, no site da Record, é possível encontrarmos, ainda, o *Minuto do Casamento*. Trata-se de vídeos curtos, de um único minuto, nos quais o casal propõe dicas e reflexões para casais e solteiros. Renato e Cristiane Cardoso idealizaram a *Caminhada do Amor*, e são os escritores do best seller *Casamento Blindado: seu casamento à prova do divórcio*, publicado pela editora Thomas Nelson no ano de 2012 e responsável por vender mais de 1,2 milhões de cópias no país, o livro foi também traduzido para o espanhol e para o inglês. Além disso, o casal emplacou outros sucessos editoriais, como, por exemplo, *Namoro Blindado: seu relacionamento à prova de coração partido*; *Diário do Amor Inteligente* e *Casamento Blindado 2.0*. Segundo Renato, “fortalecer casamentos, educar casais e solteiros e lutar para que menos casamentos acabem em divórcio se tornou uma missão” (Cardoso, 2012, p. 12).

Ele, Renato Cardoso, é conselheiro matrimonial e familiar, certificado pelo *National Marriage Centers*, escola localizada em Nova York. Além dos livros escritos em parceria com sua esposa, Renato é o autor das obras *A terra vai pegar fogo* (2020); *Sucesso é o destino dos disciplinados* (2020); *21 dias que mudarão a sua vida: desafio de João* (2015) e, ainda, *12 missões para ser um garoto de sucesso: um manual para começar bem* (2022). Renato possui o seu blog, localizado no portal da Igreja Universal e também um canal no *Youtube* que conta com quase dois milhões de inscritos. Na descrição de sua conta do *Twitter*, ele promete “inteligência para sua vida e relacionamento. Se não for para ajudar ou inspirar, não escrevo”. *Inteligência e fé*, por sinal, é o nome de um programa que vai ao ar nas madrugadas pela rede Record de Televisão e que é, também, comandado pelo bispo.

Ela, Cristiane Bezerra Cardoso, é a primeira filha de Ester Bezerra e Edir Macedo, o bispo fundador da IURD. Cristiane é autora dos livros *Melhor que comprar sapatos* (2007) e *Mulher V: moderna à moda antiga* (2011). Além de escritora e apresentadora do *The love School* e do *Escola do amor responde*, Cristiane também se ocupa com a supervisão de textos e roteiros das novelas exibidas pela Rede Record de Televisão como, por exemplo, os dramas *Gênesis* e *Reis*. A “dona”, nome pelo qual são chamadas as esposas dos bispos da IURD (Teixeira, 2012), também é responsável pelo programa "Godllywood autoajuda".

Renato e Cristiane estão juntos há mais de três décadas. Cristiane, atualmente com 50 anos de idade e avó, casou-se com Renato em 6 de julho de 1991, quando tinha 17 anos de idade. Renato, o primeiro e único namorado de Cristiane, estava com 19 anos na época, e vinha de um relacionamento anterior, com uma mulher oito anos mais velha que ele, que havia durado quatro anos. Em 1996, em Portugal, eles adotaram Filipe Cardoso, com então quatro anos de idade. Opondo-se a todos aqueles que possam apontar a história de Renato e Cris, como popularmente a apresentadora é chamada, como um casamento exemplar e modelo, o casal é enfático ao dizer que, durante os 12 primeiros anos de seu matrimônio, eles passaram por momentos conturbados, caracterizados por brigas, insatisfação conjugal e falta de companheirismo, o que acabou fazendo com que Cristiane pedisse o divórcio para Renato. Divórcio que, por sua vez, nunca aconteceu.

Tanto no livro *Casamento Blindado* quanto nos textos que escrevem, isoladamente, para seus respectivos blogs e, ainda, nas palestras e nos programas que apresentam, Renato e Cristiane se mostram abertos ao público para contar, em primeira pessoa, sobre seus problemas conjugais, seus defeitos pessoais e as situações desconfortáveis pelas quais passaram na primeira década de casados. Pudemos observar que se trata de uma narrativa construída,

normalmente, a partir da triangulação entre os sofrimentos, os desafios e sacrifícios contínuos que o casal teve que efetuar, tanto no nível pessoal e particular, quanto no nível conjugal, para que hoje pudessem ser uma única carne, conforme afirmam.

No curso do tempo presente, o casal usa de sua experiência pessoal para aconselhar e ensinar milhares de homens e mulheres acerca das mais diversas questões que perpassam a vida conjugal, como, por exemplo, a razão por trás de todo casamento falido², a furada de morar junto sem casar³, os lugares em que mais ocorrem traições⁴, e ainda, como esquecer um grande amor⁵ e qual a quantidade ideal que um casal deve ter de intimidade sexual durante a semana⁶. É justamente devido ao intenso trabalho desenvolvido por Renato e Cristiane no que toca a vida afetiva e familiar, que optamos por investigar, no interior do vasto sítio digital que é o portal online oficial da igreja, as publicações sobre família contidas no blog de Cardoso.

Como afirmamos nas páginas anteriores, acreditamos que o casal encarna o futuro da Universal. Os dois seguem os passos do Bispo Macedo, e isso se expressa não apenas no fato de Edir Macedo deixar de ser o líder terreno da Universal, passando o cedro para Renato Cardoso (é válido ressaltarmos que Macedo continua sendo o líder espiritual de sua Igreja, mantendo seu cajado), mas, também, porque Cristiane é o rosto por trás da Rede Record de Televisão.

1.3 ENTRE PERCURSOS E PERCALÇOS METODOLÓGICOS: AS POSTAGENS SOBRE FAMÍLIA NO BLOG DE RENATO CARDOSO

Como estabelecer quais postagens deveriam ser coletadas de uma maneira que não caíssemos em armadilhas? Se nos concentrássemos, por exemplo, na busca das postagens que abordam apenas temas específicos, como o aborto, as relações homoafetivas e o papel da mulher e do homem na manutenção da família, poderíamos, de saída, correr o risco de anteciparmos respostas de pesquisa, trazendo um tom de “causa e efeito”, por vezes irrefletido, algo indesejado.

A pergunta se manteve. Como encontrar as “postagens sobre família”? A resposta, por sua vez, partiu de uma nova pergunta: quando falamos a palavra “família”, em que pensamos? Se, conforme compreendeu o linguista norte-americano George Lakoff (2004), toda

² Disponível em: [A RAZÃO POR TRÁS DE TODO CASAMENTO FALIDO - Universal.org](#).

³ Disponível em: [A furada de morar junto sem casar – Igreja Universal do Reino de Deus](#).

⁴ Disponível em: [OS 6 LUGARES ONDE MAIS ACONTECEM TRAIÇÕES - Universal.org](#).

⁵ Disponível em: [Como esquecer um grande amor? - Universal.org](#).

⁶ Disponível em: [SEXO QUANTAS VEZES POR SEMANA? Estudo revela o ideal - Universal.org](#).

palavra evoca um marco, um quadro mental que pode estar atrelado tanto a uma imagem quanto a outro tipo de conhecimento, qual quadro mental a palavra “família” evoca?

A partir disso, elaboramos um quadro de palavras-chave que remetiam à noção de instituição familiar. Reunimos as palavras pai, mãe, marido, esposa, filho, criança, solteiro, noivo, casamento, união estável, matrimônio, contracepção, sexo, gravidez, aborto, pornografia, pensão, traição, salário, lar, amor, carinho, fidelidade, lealdade, abuso, violência, cuidado, educação, escola, dívidas, divórcio, velhice, infância, adolescência e, finalmente, trabalho. Essas 35 palavras foram agrupadas em quatro eixos temáticos, que são:

- a. **Afetividades**, responsável por agrupar as palavras amor, lar, carinho, fidelidade, lealdade, abuso e violência.
- b. **Planejamento familiar**, responsável por agrupar as palavras contracepção, sexo, gravidez, aborto, pornografia, pensão, traição e salário
- c. **Núcleo familiar**, responsável por agrupar as palavras pai, mãe, marido, esposa, filho, criança, solteiro, noivo, casamento, união estável e matrimônio.
- d. **Reprodução familiar**, responsável por agrupar as palavras cuidado, educação, escola, dívidas, divórcio, velhice, infância, adolescência e trabalho.

Separados os eixos temáticos, era necessário fazer mais uma escolha: delimitar o período em que selecionaríamos as publicações. Como nossa argumentação parte da apreensão da existência do fenômeno do neoconservadorismo-neoliberal, optamos por estabelecer um período que tecesse aproximações com os principais acontecimentos que caracterizam a temporalidade política recente, de modo que priorizamos as publicações postadas entre os anos de 2017 e 2021, período que marca a consolidação do golpe parlamentar que levou ao fim o governo de Dilma Rousseff, o momento em que Michel Temer alçou ao posto de presidente interino do Brasil e a vitória, no pleito eleitoral, de Jair Bolsonaro, incluindo os primeiros anos de seu mandato e o início da pandemia do novo coronavírus. Esse seria, a nosso ver, um momento de recrudescimento do neoconservadorismo-neoliberal que, no entanto, já vinha sendo gestado no país desde anos anteriores (Cavalcante, 2015).

Feito o recorte temporal, seguimos para o portal online oficial da igreja universal do reino de deus e, especificamente, para a página de Renato Cardoso. Nela, existe um quadro de busca, caracterizado pela presença de um pequeno círculo preenchido com a cor vermelha e, dentro dele, uma lupa, na cor branca, por meio da qual é possível digitar qualquer termo ou

palavra e, se existirem publicações que correspondam aos termos ou palavras buscadas, elas aparecerão.

1.4 COLETA E ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL

Nas tabelas abaixo, apresentamos a quantidade total de postagens geradas na página de Renato para cada palavra-chave buscada. Também apontamos quais postagens correspondiam ao nosso recorte temporal e, ainda, quais postagens foram transcritas, com exceção daquelas que, apesar de conter as palavras-chave buscadas, estavam fora da temática da pesquisa ou, ainda, exceto aquelas que foram se repetindo nos diferentes eixos temáticos.

EIXO AFETIVIDADES	QUANTIDADE TOTAL DE POSTAGENS	POSTAGENS DENTRO DO RECORTE TEMPORAL	TRANSCRITAS, EXCETO REPETIDAS E FORA DO TEMA
LAR	12	4	4
CARINHO	21	6	3
FIDELIDADE/fiel	59	18	9
LEAL/Lealdade	3	1	0
ABUSO	12	3	2
VIOLÊNCIA	12	4	4
AMOR	392	81	80
TOTAL	511	117	102

Fonte: dados da pesquisa

PLANEJAMENTO FAMILIAR	QUANTIDADE TOTAL DE POSTAGENS	POSTAGENS DENTRO DO RECORTE TEMPORAL	TRANSCRITAS, EXCETO REPETIDAS E FORA DO TEMA
PREVENÇÃO	7	1	0
SEXO	77	11	10
GRAVIDEZ	5	0	0
ABORTO	0	0	0
PENSÃO	0	0	0
PORNOGRAFIA	44	12	9
TRAIÇÃO	35	11	9
TOTAL	168	35	28

Fonte: dados da pesquisa

REPRODUÇÃO FAMILIAR	QUANTIDADE TOTAL DE POSTAGENS	POSTAGENS DENTRO DO RECORTE TEMPORAL	TRANSCRITAS, EXCETO REPETIDAS E FORA DO TEMA
CUIDADO	58	16	11
EDUCAR/Educação	200	15	3
DÍVIDA	16	3	2
SALÁRIO	13	3	0
VELHICE	3	0	0
AVÓS	8	0	0
INFÂNCIA	11	2	0
ADOLESCENTE	14	2	1
TRABALHO	235	36	17
DIVÓRCIO	57	11	8
TOTAL	615	88	42

Fonte: dados da pesquisa

NÚCLEO FAMILIAR	QUANTIDADE TOTAL DE POSTAGENS	POSTAGENS DENTRO DO RECORTE TEMPORAL	TRANSCRITAS, EXCETO REPETIDAS E FORA DO TEMA
CASAMENTO	361	89	30
MARIDO	252	44	09
ESPOSA	228	31	14
FILHO	140	24	07
CRIANÇA	49	6	02
PAI	186	32	22
MÃE	119	16	03
UNIÃO ESTÁVEL	19	3	02
SOLTEIRO	34	6	03
NOIVO	8	4	02
MATRIMÔNIO	2	2	01
TOTAL	1398	257	95

Fonte: dados da pesquisa

No total, foram transcritas **267** postagens. **102** delas referentes ao eixo afetividades, **28** ao planejamento familiar, **42** ao eixo reprodução familiar e **95** ao eixo núcleo familiar. Destas **267** publicações, apenas **47** possuíam conteúdo escrito. As outras **220** eram compostas por uma pequena descrição, responsável por introduzir o assunto a ser tratado para, logo abaixo, encontrarmos vídeos com o conteúdo da postagem. Em média, os vídeos duravam entre oito e doze minutos. No entanto, algumas *lives* feitas pelo casal Cardoso (Cristiane acompanha Renato na grande maioria dos vídeos) e compartilhadas no blog do bispo variam entre trinta e cinco minutos e uma hora de duração. Para a realização desta pesquisa, foram assistidos **2.268** minutos no total.

É importante destacarmos que todas as transcrições realizadas para a construção dessa pesquisa estão disponíveis ao público no repositório de dados da Universidade Estadual de Campinas, e podem ser acessadas integralmente por meio do link: [Entre a fé racional e o amor](#)

inteligente: as postagens sobre família contidas no blog do bispo iurdiano Renato Cardoso - Artes e Humanas.

A CONSTRUÇÃO DE INDICADORES

Baseando-nos em um conjunto de autores e autoras que desenvolveram pesquisas acerca do neoconservadorismo-neoliberal (Santos, 2020; Lacerda, 2019; Biroli, Machado, Vaggione, 2020), formulamos quatro questões a serem observadas ao longo da investigação do corpus documental que operaram como indicadores capazes de nos ajudar a compreender se e de que maneira a representação familiar iurdiana poderia envolver e articular o neoconservadorismo e o neoliberalismo. As questões observadas foram:

a) Como Renato e Cristiane definem família?

Neoconservadores defendem um modelo de família baseado na moral cristã e em uma ordem heterossexual e monogâmica, supostamente ameaçada pela revolução sexual que, desde a década de 1980, passou a facilitar o “desenlace das escolhas românticas individuais do tecido moral e social do grupo e o surgimento de um mercado autorregulado de encontros” (Illouz, 2012, p. 41), deflagrando o declínio dos valores daquilo que se convencionou chamar “ocidente”. A partir disso, buscamos apreender se e de que maneira o material coletado aponta para a defesa e, no limite, para a justificativa da monogamia, e de uma ordem sexual centrada na regulação do desejo sexual e do sexo.

Cabe destacarmos a compreensão de Cooper (2017), para quem a história do capitalismo desafia constantemente as ordens de gênero e de sexualidade, com o objetivo de expandir os mercados consumidores. Mas, essa história também envolve a reinvenção periódica da família convencional como instrumento de distribuição de riqueza e renda, de forma que o neoconservadorismo-neoliberal caracterizaria uma expressão possível da própria dinâmica interna do capitalismo. Ou seja, a combinação entre a racionalidade neoliberal e a neoconservadora, que promove a defesa da família convencional, é uma, entre outras possíveis, articulações a serem feitas.

Basta recordarmos que o neoliberalismo também se expressou, em distintos países e em determinados períodos históricos, de maneira progressista. Se, nos Estados Unidos presidido por Ronald Reagan e na Inglaterra de Margareth Thatcher, encontramos dois exemplos da articulação neoconservadora-neoliberal, a formação da União Europeia e a adesão, por parte de partidos de esquerda, de uma agenda neoliberal, formando aquilo que conhecemos como “terceira via”, caracterizam uma forma “progressista” do neoliberalismo. Nessa

hibridização, era possível aceitar e reconhecer como família não apenas casais heterossexuais, mas também uniões homoafetivas, assim como foi possível incorporar, via Estado, algumas das demandas dos movimentos feministas e LGBTQIAP+.

b) As postagens de Cardoso apontam para a existência de antagonistas da família? Se sim, quem são eles?

Conforme destaca Lacerda (2019), apesar do sionismo cristão, do militarismo anticomunista e da defesa do idealismo punitivo serem temas fundamentais da agenda neoconservadora, é o antagonismo aos movimentos (supostamente ideológicos) das mulheres, feministas e LGBTQIAP+ que confere unidade a coalizão neoconservadora.

Se, por exemplo, nos Estados Unidos da década de 1970, grupos neoconservadores acreditavam que “feministas retardatárias” (Kristol, 1976) e humanistas conspiravam para desestruturar e destruir a família, na segunda década do século XXI é possível apreendermos uma rearticulação desse discurso onde, em nome da liberdade religiosa, da defesa da vida e dos valores familiares, supostamente ameaçados pelo “marxismo cultural” e pelo “esquerdismo” comportamental, grupos neoconservadores confrontam e combatem a inserção na agenda pública e política de pautas que envolvem o acesso universal ao controle reprodutivo, a despenalização e a extensão da permissão do aborto, o reconhecimento do casamento homoafetivo e de outras geometrias familiares e a formulação de políticas públicas voltadas para a promoção da igualdade de gênero (Biroli, 2018; Biroli, Miguel, 2014; Machado, 2018; Mariano, Gerardi, 2019; Almeida, 2020; 2018; Barajas, 2018).

Nesse sentido, buscamos compreender e interpretar se as postagens coletadas também definem **quem** e delimitam **quais** são os antagonistas da família ou, na linguagem neoconservadora, os inimigos da família e de sua ordem moral.

Com relação ao neoliberalismo, é possível argumentarmos que ele se erige contra qualquer forma de coletivismo ou reformismo social desde a formulação de suas ideias motrizes, no contexto de ascensão do fascismo europeu, da grande crise econômica e social de 1929 e da escalada do socialismo real soviético, entre o final dos anos 1920 e o início dos anos 1950, até os dias atuais. Nesse sentido, é pertinente tentarmos compreender se e de que maneira as postagens de Renato Cardoso sobre família podem, enquanto potência e possibilidade, tecer uma crítica aos movimentos sociais, buscando evidenciar de que modo as lideranças iurdianas, por meio da família, justificam as desigualdades de renda, recursos, oportunidades, e combatem o igualitarismo, por exemplo. Mas, não apenas. Também tentamos compreender em que medida

a noção de liberdade particular e privada, principal valor sobre o qual se assenta o neoliberalismo, é reduzida em nome da defesa neoconservadora da família monogâmica.

c) Defende-se a importância do estabelecimento de autoridades e de hierarquias no interior da instituição familiar?

Distintos autores (Lacerda 2019; Santos, 2020; Biroli, Machado e Vaggione, 2020; Brown, 2006) evidenciaram que, em suas diversas batalhas políticas e culturais, o neoconservadorismo busca construir uma cultura política e uma política de subjetivação sedimentada na defesa de um Estado nacional forte, compreendido como uma “bússola moral”, assim como no resgate da importância da religião e das tradições na vida cotidiana e na defesa da família e dos valores familiares. Dentro desses “valores familiares”, estão incluídas as noções de respeito à ordem, à hierarquia e às autoridades, destacando-se a autoridade do homem sobre a mulher, dos pais sobre os filhos e do marido sobre a esposa (Goldani, 2005). Pretendemos evidenciar *se* e *como* as lideranças iurdianas abordam essas noções no interior de sua representação familiar.

d) Quem são os responsáveis pela criação e pelo cuidado de crianças, idosos e do lar na representação de família iurdiana?

O neoliberalismo é tanto um conjunto de políticas econômicas, quanto uma ideologia e um específico modelo de racionalidade política de mercado. Ele opera por meio da privatização de bens públicos e da supressão de direitos sociais e de serviços públicos. Nesse sentido, neoliberais reativam a defesa da família para que possam, permanentemente, privatizar a esfera familiar e diminuir a ação estatal. Nesse sentido, nos atentamos para a maneira pela qual Renato e Cristiane organizam os papéis e funções de cada um dos membros da família, procurando compreender também se políticas públicas e serviços públicos voltados para o cuidado eram abordados ou citados em nosso material.

2 UMA FAMÍLIA MODERNA, À MODA ANTIGA

Este capítulo objetiva descrever e interpretar como as lideranças iurdianas definem família. Para isso, parte de uma série de questionamentos que serão desenvolvidos ao longo do texto: a IURD aceita ou reconhece as relações homoafetivas? Como a instituição se posiciona com relação à homossexualidade e, conseqüentemente, às pautas acerca do gênero e da diversidade sexual? Existem prescrições sobre o ato sexual ou, como apreendeu Max Weber no início do século XX, a erótica e a religião constituem duas esferas sociais distintas e intransponíveis? O corpo, o desejo sexual e o sexo, propriamente dito, são interpretados com assento negativo ou positivo pela teologia iurdiana? Essas interrogações são importantes porque nos ajudam a construir um primeiro indicador acerca da possibilidade da família iurdiana vincular-se ao neoconservadorismo e ao neoliberalismo.

A centralidade das palavras para a construção do sentido e significado do ordenamento social e, ainda, para a criação de consensos coletivos é observada desde a antiguidade clássica, quando o sofista grego Górgias de Leontinos, por exemplo, afirmou que “o discurso é um grande senhor que, por meio do menor e mais inaparente corpo, leva à cabo as obras mais divinas, pois é capaz de fazer cessar o medo, retirar a dor e produzir alegria” (Górgias, 1986, p. 90). Na sociologia de Karl Mannheim vemos a preocupação com a compreensão e a interpretação das formas morfológicas que as palavras e ideias historicamente situadas assumem ao longo do processo civilizatório e a compreensão de que “a palavra é a melhor guia da história” (Mannheim, 1986, p. 106), porque seus significados se relacionam intrinsecamente com contextos históricos específicos, o que possibilita que, de acordo com as construções políticas, econômicas e culturais das forças sociais dominantes de uma época, o uso de algumas palavras se intensifique ou sofra um eclipse.

Ainda durante a busca das postagens no site de Renato, atentando para a força energética das palavras enquanto construtoras sociais da realidade, destacaram-se as palavras-chave *amor* e *casamento*. Estes foram os dois termos que mais retornaram resultados, aparecendo 80 e 30 vezes nas postagens transcritas, respectivamente. Este já era um dado esperado, na medida em que as lideranças iurdianas operam por meio da oferta do ensino do amor inteligente e da promessa de blindar os relacionamentos contra o divórcio e o coração partido. Os dados coletados corroboram com as distintas pesquisas que apreendem que Universal do Reino de Deus propaga uma definição de família centrada no casamento heterossexual, monogâmico e baseado no controle e na regulação do desejo sexual (Teixeira, 2012; 2014; Marchesi, Ornelas, Resende, 2021; Rosas, 2023; 2018).

No entanto, aquilo que estava oculto despertou nossa atenção: por que palavras como *aborto*, *gravidez* e *pensão*, centrais para o planejamento familiar, não retornaram resultados quando buscadas no site? Acreditamos que se trata de uma “astúcia retórica” iurdiana que, em sua guerra cultural pelo controle do corpo feminino e pela moral sexual pública, tenta invisibilizar as controvérsias em torno da ampliação dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres e minorias sexuais.

Em *Não pense no elefante: como recuperar o discurso político*, o linguista cognitivo George Lakoff (2004) afirmou a impossibilidade de se negar uma palavra sem, no entanto, reforçá-la. Apenas não evocando-a, é possível invisibilizá-la. Acreditamos que essa é uma estratégia, entre outras possíveis, utilizada por Renato.

Após observar a ausência de postagens com essas palavras, realizamos um experimento que, de início, não estava previsto: procuramos na página de Cardoso pelos termos *feminismo*, *lgbt*, *gay*, *lésbica*, *ideologia* e *homossexualidade*. As buscas também não retornaram resultados. A palavra *gênero*, por sua vez, obteve três resultados que, no entanto, não estavam dentro do recorte temporal da pesquisa.

Esse exercício, e sua posterior reflexão, nos possibilita também argumentar que as lideranças iurdianas, por meio da invisibilização intencional destas palavras, operam a remoção e a supressão de uma camada da realidade social, que é aquela que reconhece a existência de distintos arranjos familiares, identidades de gênero e orientações sexuais. É importante esclarecer que essas palavras não aparecem quando buscadas no título das postagens do blog de Cardoso, mas são verbalizadas pelas lideranças iurdianas em seus programas, cultos e terapias.

Ao investigar as matrizes do neoconservadorismo na América Latina, Maria das Dores Campos Machado, Flávia Biroli e Juan Marco Vaggione (2020, p. 28) apreenderam que o termo “neoconservador” pode ser utilizado para “lançar luz sobre as alianças e afinidades entre diferentes setores da sociedade”, especialmente entre católicos e pentecostais conservadores que rejeitam a homossexualidade e o aborto e defendem uma concepção de família heterossexual, monogâmica e baseada na rigidez da moralidade sexual cristã (Biroli, Machado, Vaggione, 2020, p. 28). Moral sexual pautada na legalidade do sexo, aceito somente com a finalidade de regular a sexualidade.

Apesar de Machado (2012) evidenciar que denominações evangélicas são mais flexíveis do que a igreja católica com relação aos métodos contraceptivos, atuando com maior

rigidez no combate à diversidade sexual, e das investigações de Teixeira (2012, p. 62) compreenderem que, na IURD, o aborto é até mesmo aceito como parte da disciplina familiar rumo a prosperidade, é possível enquadrarmos Renato e Cristiane Cardoso como duas lideranças que não apenas difundem, mas, também, reelaboram o neoconservadorismo. Na medida em que a lógica de necessidade e de interesse por trás dos discursos dessas lideranças consiste em afirmar uma representação de família heterossexual, é congruente que *marido* e *esposa* caracterizem as outras duas palavras que mais retornaram resultados (252 e 228 postagens) em nossas buscas.

As noções binárias de homem e de mulher e, conseqüentemente, de marido e de esposa são mobilizadas frequentemente para construir um consenso cultural e político acerca do que é a família e de quem são seus membros legítimos, em uma tentativa de, também, influenciar o próprio senso da ordem social brasileira entre os anos de 2017 e 2021, período de recrudescimento neoconservador-neoliberal no país.

2.1 HOMOSSEXUALIDADE, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO AMOROSA

É por isso que, no limite, se as lideranças iurdianas não falam sobre as relações homoafetivas, elas a) não existem ou b) passam a existir como condutas e práticas desviantes, associadas ao diabo e ao patológico. Conforme destacado por Natividade (2006), a homossexualidade é concebida pelos evangélicos como antinatural, porque o homossexual representa aquele que “não é nem homem, nem mulher”. Ele dissolve e rompe a ordem, supostamente perfeita, prescrita por Deus para a família, que é uma ordem exclusivamente heterossexual.

Ao percorrer todo o material que levantamos para a pesquisa, encontramos apenas uma única menção à homossexualidade. Nela, Renato e Cristiane (2020k) reivindicavam seus anos de experiência com o aconselhamento de casais e solteiros para afirmar que *desvios sexuais* como, por exemplo, o vício em pornografia e a homossexualidade, eram consequência de abusos sexuais, muitas vezes, sofridos na infância.

Em 1948, na 6ª revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID), a homossexualidade foi incluída, sob o termo *homossexualismo*, na categoria “personalidade patológica”. Note-se que o sufixo “ismo” faz alusão à doença. Em 1956, na 8ª revisão do documento, o termo foi enquadrado como “desvio e transtorno sexual”. A intensa atuação pública e política da militância homossexual brasileira conquistou, em 1985, a retirada da homossexualidade da categoria de “desvio e transtorno sexual” (Gama, 2019).

Contudo, o reconhecimento da despatologização da homossexualidade somente se deu a partir da década de 1990, por meio de iniciativas internacionais promovidas pela Organização Mundial da Saúde. Nesta mesma década, ativistas feministas conquistaram o reconhecimento político da categoria "gênero" e sua utilização nos documentos oficiais e conferências da Organização das Nações Unidas, realizadas em Cairo (1994) e Pequim (1995). Nestas conferências, os direitos sexuais e reprodutivos foram incorporados à agenda dos direitos humanos. Essas são datas importantes, porque marcam a consolidação do neoconservadorismo enquanto fenômeno transnacional reativo à agenda de gênero (Biroli, Machado, Vaggione, 2020; Lacerda, 2019, Santos, 2020).

Seguindo a compreensão de Samuel Huntington de que a ideologia conservadora se desenvolve em resposta ou em resistência a situações históricas específicas, que desafiam as estruturas sociais e políticas consolidadas, Marina Lacerda (2019, p. 29) afirma que o neoconservadorismo é conservador porque caracteriza uma reação política contrária ao *Welfare State* e a conquista de direitos civis, sociais e sexuais por parte de segmentos minoritários que angariaram maior visibilidade pública e política a partir da segunda metade da década de 1960.

Enquanto movimento político, o neoconservadorismo foi forjado inicialmente no cenário estadunidense, a partir de uma “aliança literalmente profana” (Brown, 2006, p. 696) que aglutinou diferentes atores e valores políticos, incluindo os intelectuais de Nova York, judeus seculares, anticomunistas, segmentos da direita radical do Partido Republicano, intelectuais envolvidos na campanha eleitoral de Ronald Reagan e a direita cristã, que englobava católicos e evangélicos conservadores.

A direita cristã pode ser considerada um dos principais pilares de sustentação do neoconservadorismo (Norton, 1999). Ela se tornou engajada politicamente na década de 1960, mediante a defesa do capitalismo e a demonização do comunismo. A adesão evangélica à direita cristã consolidou-se, principalmente, devido à oposição dos primeiros com relação aos movimentos feministas e LGBTQIA + e, ainda, ao estímulo da direita secular, que objetivava fortalecer a aliança neoconservadora.

O termo “neoconservador” está em disputa e apresenta limitações. No entanto, conforme argumentam Biroli, Machado e Vaggione (2020), o uso do conceito favorece a compreensão dos distintos atores coletivos que reagem ao gênero e às mudanças na regulação da ordem sexual em uma temporalidade política específica, marcada pela conquista de direitos sociais e sexuais. Extrapolando os limites geográficos e pensando o neoconservadorismo como um movimento transnacional, Biroli, Machado e Vaggione (2020) apreendem que é possível

identificarmos continuidades nas campanhas e nos argumentos contrários à agenda de gênero e à diversidade sexual em diferentes países da América Latina, assim como na Europa e nos Estados Unidos.

No Brasil, a promulgação da Constituição Federal de 1988, após a redemocratização, assegurou e reconheceu a igualdade entre homens e mulheres na família e a legitimidade da união civil, favorecendo uma mudança relativa na posição das mulheres e dos homens na família, assim como a ampliação da presença feminina no mercado de trabalho e na chefia familiar. É importante considerarmos que os avanços conquistados não foram obtidos sem resistência. Durante a assembleia constituinte, por exemplo, foi recorrente a atuação de grupos religiosos conservadores, sobretudo católicos e evangélicos, alinhados a figuras políticas seculares e conservadoras, nas disputas pela moralidade pública. O fato de a expressão “orientação sexual” ser barrada do corpo do texto constitucional ilustra a potência política destes grupos e sua articulação.

O quadro de modificações nos arranjos familiares adquiriu novos e expressivos contornos durante os dois mandatos do PSDB (1995-1998 e 1999-2002) com a criação do *Plano Nacional dos Direitos Humanos* (PNDH) em suas duas versões e, sobretudo, nos governos petistas, que assumiram o compromisso de tratar os direitos humanos como uma política de Estado (Machado, 2012). Temas complexos, como, por exemplo, o aborto, as diferentes orientações sexuais e a constitucionalidade da união homoafetiva passaram a ser apresentados e debatidos publicamente, inserindo o país em uma dinâmica progressista, de reconhecimento e de valorização das múltiplas formas de vida e de subjetividades, de relacionamentos e famílias existentes, projetando o Brasil no cenário nacional e internacional como uma nação que acolhia politicamente a diversidade.

Concomitantemente as políticas sociais e econômicas que foram desenvolvidas no sentido da redistribuição econômica, os governos petistas também aprofundaram o diálogo com os movimentos feministas e LGBTQIAP+, incorporando representantes destes coletivos no aparelho estatal. Na época, foi realizada a *I Conferência Nacional de Políticas para Mulheres* (2004) e foram criados o *Programa Brasil Sem Homofobia* (2004) e a *Comissão Tripartite de Revisão da Legislação Punitiva sobre o Aborto* (2005).

Também foram realizadas audiências públicas sobre o aborto (2007), a *I Conferência Nacional de Políticas Públicas de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais* (2008). O *Programa Nacional de Direitos Humanos* foi atualizado para uma terceira versão no ano de 2009 e, por fim, mudanças foram propostas para o novo *Plano Nacional de Educação* (2010).

No entanto, a inserção na agenda pública de propostas de revisão da “legislação existente no campo do aborto e a criação de novos direitos para gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais amplificaram a tensão existente entre coletivos religiosos tradicionais e o governo” (Machado, 2012, p. 33), favorecendo o recrudescimento da oposição neoconservadora ao PT e impactando as eleições políticas desde 2010, período em que se inflama a defesa de uma concepção de família convencional e a denúncia da corrupção moral dos costumes, promovida pelo “esquerdismo” comportamental e pela secularização.

Considerando os principais temas pelos quais a agenda neoconservadora norte-americana se manifestou, Lacerda (2019) apreendeu que, no período de 2003 a 2015 ocorria no Brasil, por parte de um grupo de parlamentares, uma atuação política neoconservadora. Lacerda evidenciou a existência na câmara dos deputados de iniciativas em defesa da família convencional que se manifestaram por agendas e discursos políticos contrários ao aborto, sendo 2008 o ano de maior investida política contra este tema.

Ocorreram também oposições contra as demandas LGBTQIAP+, reações que se intensificaram a partir de 2011, ano em que se julgou a constitucionalidade da união homoafetiva e que ocorreu a tentativa, por parte do ministério da educação, de promover o programa *Escola sem homofobia*, que consistia em um conjunto de materiais e vídeos voltados para o combate da discriminação sexual nas escolas. A investida contra o gênero recrudescer em 2014, sendo que em novembro de 2013, a assim chamada *ideologia de gênero* emerge nas discussões do legislativo por intermédio do pastor Eurico (PHS) e desde então tem sido mobilizada por aqueles que se contrapõem à diversidade sexual (Lacerda, 2018; Santos, 2019).

Os papéis convencionais do masculino e do feminino na família voltam a ser reativados, e a defesa da vida e dos valores familiares são proclamados, até que, no ano de 2015, uma comissão especial se forma e aprova o *Estatuto da Família*, documento que reconhece como família apenas a junção, via casamento ou união estável, de um homem e uma mulher. Aqui, podemos observar que a palavra família é ratificada como um substantivo singular, capaz de excluir – e invisibilizar – outros arranjos familiares. Cabe destacar que, desde 2018, com a vitória presidencial de Jair Messias Bolsonaro, o país novamente vivencia um momento de recrudescimento do neoconservadorismo.

Fizemos essa breve digressão porque, no curso dos últimos decênios, debates parlamentares sobre a possibilidade de psicólogos efetuarem terapias de reorientação sexual ou terapias de conversão sexual se intensificaram no país (Gama, 2019). Essas iniciativas, que ficaram popularmente conhecidas como “cura gay”, caracterizam, junto com o que

descrevemos acima, uma das dimensões do neoconservadorismo, definida por Vaggione (2020, p. 30) como juridificação reativa.

Por juridificação reativa entende-se a tentativa, por parte de atores políticos neoconservadores, de traduzir suas posições morais na arena do direito público. É caso do deputado Paes de Lira que, em 2010, enviou um projeto de decreto legislativo para barrar a resolução nº 1/99 do Conselho Federal de Psicologia que proibia psicólogos de oferecerem tratamento ou até mesmo cura para a homossexualidade (Gama, 2019). Destaca-se que a própria noção de “cura” pressupõe a existência de uma doença, de um mal que precisa ser revertido ou extirpado.

Também Renato e Cristiane reforçam essa compreensão patológica da homossexualidade, na medida em que continuam a relacioná-la com o *desvio sexual*. Pesquisas como as de Natividade (2009; 2010) corroboram com nossa compreensão, porque evidenciam que muitas denominações evangélicas interpretam a homossexualidade como resultante de relações familiares ruins, de pertencimento à ritos e crenças não cristãs e, como no caso da IURD, de abusos e violências sexuais sofridas. Ou seja, a homossexualidade é retratada como exterior ao indivíduo, uma conduta ou prática aprendida e possível de ser revertida.

Em sua investigação acerca das prescrições sobre o uso do corpo das mulheres evangélicas, focalizada na Igreja Batista de Alagoinha, Nina Rosas (2018) apreendeu que homossexuais, sobretudo homens, são vistos como potenciais criminosos, pedófilos, promíscuos e deprimidos. Algo semelhante está presente também na IURD, na medida em que encontramos a menção sobre a homossexualidade ser um desvio sexual em uma postagem cujo título é *Dicas de um ex-viciado em pornografia para viciados e cônjuges*.

A postagem era composta pelo relato feito por um homem que dizia ter vencido o vício em pornografia. No relato, o abuso sexual sofrido na infância aparece como o motivo que o levou a “perversão”. Para Renato e Cristiane, é na infância que a maioria dos “desvios sexuais” começam, por isso, os pais devem estar constantemente em alerta:

Hoje nós temos um grande problema nas escolas de professores, está em, está em currículo de escolas, o tema da masturbação. Você, que tem filhos pequenos, você, provavelmente, já se deparou com um livro infantil, onde o assunto masturbação é tratado. Ou seja, as crianças são incentivadas, hoje, a se masturbar. Então, a se sensualizarem precocemente (Cardoso, 2020)

Ao falar sobre um “livro infantil” que trata do assunto da “masturbação”, Renato Cardoso faz alusão àquilo que grupos neoconservadores brasileiros chamam de “kit gay”, que nada mais é do que o conjunto de apostilas e cartilhas elaboradas pelo Ministério da Educação

para o programa *Brasil sem Homofobia*, conforme discorremos anteriormente. Esse material foi considerado esquerdista, diabólico, uma “apologia ao homossexualismo e à promiscuidade” (Mariano, Gerardi, 2019, p. 70) pelos grupos neoconservadores brasileiros. Mas, essa mesma frase de Renato possibilita que também o posicionemos como um ator contrário à educação sexual nas escolas.

É importante destacarmos que as instituições de ensino se tornaram palco central para as disputas neoconservadoras. De acordo com Miguel (2016), desde o ano de 2014, recrudescem no congresso nacional e em outras instâncias do poder legislativo propostas de lei que objetivam conter uma suposta “doutrinação ideológica” nos espaços educacionais. No limite, essas iniciativas neoconservadoras minam toda e qualquer tentativa de reflexão e de crítica acerca das questões de gênero e da educação sexual.

Renato Cardoso, ao afirmar que crianças estariam sendo estimuladas a iniciarem suas vidas sexuais ainda na infância/adolescência e ao estabelecer que essas mesmas crianças estariam sendo expostas à sensualização precoce e à doutrinação ideológica de professores, age enquanto um propagador de pânicos morais, modalidade de atuação política mobilizada pelos neoconservadores (Miskolci, 2007).

Queremos chamar atenção a essa temática porque, ao mesmo tempo em que rechaça e nega a importância da educação sexual, enquadrando-a como uma ideologia e uma perversão de crianças e adolescentes, Renato é responsável, junto com Cristiane, pelo projeto *Namoro blindado nas escolas*. Criado no ano de 2017, seu principal objetivo consiste em propagar o assim chamado “amor inteligente” para adolescentes entre 13 e 18 anos mediante uma série de palestras realizadas em escolas públicas municipais e estaduais localizadas nas periferias do país. Até o ano de 2019, mais de mil palestras já haviam sido realizadas em 600 escolas, com aproximadamente 150 mil exemplares do livro *Namoro blindado: o seu relacionamento à prova de coração partido*, tendo sido entregues para os alunos.



Imagem extraída do vídeo “Palestra NB nas escolas”, acessado por meio da postagem de Renato Cardoso intitulada “[Palestra Namoro Blindado nas Escolas auxilia jovens na adolescência](#)”.

Note-se: em tempos de recrudescimento do discurso contrário às iniciativas de combate a homofobia e de grande mobilização e oposição pública e política, religiosa e secular à *educação sexual* nas escolas, Renato e Cristiane institucionalizam um programa centrado na *educação amorosa*, promovendo a defesa de relacionamentos exclusivamente heterossexuais e a consequente invisibilização de outros arranjos conjugais.

Mais do que serem atores neoconservadores reativos, as lideranças iurdianas são ativas nas disputas que travam contra grupos progressistas pela moralidade pública, fazendo de seu front de batalha não apenas os templos e púlpitos, as mídias tradicionais e digitais, mas, também, as escolas, espaço destinado à socialização de crianças e jovens ainda em formação. Espaço que, assim como a igreja e a família, opera como uma potência de formação cultural.

2.2 MONOGAMIA, SEXO E REPRODUÇÃO: FIDELIDADE FÍSICA

Apesar de defender pautas morais neoconservadoras, o sexo, o ato sexual entre uma mulher e um homem casados, caracteriza um tema central na IURD, revelando que “a vida sexual do crente pode ser mais intensa do que muitos imaginam” (Spyer, 2020, p. 131).

Em *3 passos para reativar o desejo em seu casamento*, Renato e Cristiane afirmam que “a vida sexual não deve ser opcional dentro do casamento. Ela não é opcional” (Cardoso, 2019). Distintos são os trabalhos (Machado, 1996; 2005; Rosas, 2018) que evidenciam que até meados da década de 1950, os evangélicos apresentavam uma visão negativa acerca do corpo e da sexualidade, negando o desejo e o prazer sexual. O sexo deveria ser exclusivamente voltado para a reprodução. No entanto, ao longo das décadas, foi se observando uma

liberalização dos costumes e as igrejas passaram a também fornecer, cada vez mais, orientações acerca da sexualidade e da reprodução (Rosas, 2018).

Na IURD, a prática sexual recorrente está na base de um casamento de sucesso (Teixeira, 2012). É comum que Renato e Cristiane discutam com seu público até mesmo sobre a frequência ideal de intercurso sexual que um casal deve praticar durante a semana. Na tabela abaixo, apresentamos exemplos da maneira pela qual o sexo é retratado:

<u>CASAMENTO SEM SEXO: MARIDO DESABafa. OUVE A SOLUÇÃO</u>	O ser humano biologicamente saudável, ele tem necessidade, apetite sexual, tanto o homem quanto a mulher. E, a melhor forma de satisfazer esse apetite sexual, de uma forma saudável, de uma forma que vai satisfazer ambas as partes, é dentro de um casamento.
<u>SEXO QUANTAS VEZES POR SEMANA? ESTUDO REVELA O IDEAL</u>	Porque, o normal, o natural para duas pessoas saudáveis, mesmo pessoas que já estão de uma certa idade, o natural, o próprio corpo humano vai pedir que você esteja sexualmente ativo.
<u>RENATO E CRISTIANE DÃO AULA SOBRE SEXO</u>	Há uma ligação muito grande quando você tem sexo com uma pessoa. Há uma ligação entre você e ela, vocês estão se ligando (...) dentro de um casamento, um sexo saudável, nada daquelas coisas ridículas que tem por aí, né? Mas, uma vida sexual saudável traz relaxamento.

Fonte: dados de pesquisa

Dois pontos merecem destaque. Primeiro, assim como os neoconservadores defendem uma moral sexual centrada no controle e na regulação do desejo (Brown, 2006), Renato e Cristiane enfatizam que o sexo saudável e seguro ocorre apenas por meio do casamento. Enquanto se valoriza a castidade da noiva, Renato chega até mesmo a dizer que o sexo é um dos motivos pelos quais os homens se casam.

Além disso, é Cristiane quem, ao direcionar-se para as mulheres, tenta inculcar a ideia de que o ato sexual é um dos principais pilares que sustentam a família. Para ela “muita coisa se fala por causa da intimidade” (C. Cardoso, 2019k), de modo que existe uma ligação íntima, profunda e inexplicável entre homem e mulher quando compartilham o leito. Nesse sentido, concordamos com a apreensão de Rosas (2018) de que o sexo é visto como uma aliança, uma forma de estabelecer um vínculo sólido com o cônjuge e de fortalecer o afeto entre marido e esposa, segundo a lógica discursiva iurdiana.

O segundo ponto que queremos destacar é a ênfase atribuída à mulher no que toca à vida sexual. Esposas são instruídas a não deixarem a intimidade sexual com o marido ser prejudicada sob nenhuma circunstância. Trabalho doméstico, parentes e até mesmo filhos não podem roubar (da mulher) o tempo que deve ser dedicado ao sexo com o marido.

Um dado interessante obtido por meio de nossa pesquisa foi que os valores e princípios, juízos e concepções de mundo neoconservadoras são proferidos, normalmente, por

Cristiane, que é uma mulher, e, posteriormente, ratificados por Renato. No podcast da Escola do Amor nº 216, *Renato e Cristiane dão aula sobre sexo*, a apresentadora afirma que “hoje, infelizmente, com a modernidade, muitas mulheres estão muito cansadas, estão muito estressadas porque elas trabalham fora, fazem muitas coisas além de cuidar da casa, do filho” (Cardoso, 2019k) e, com isso, passam a enxergar o sexo como um fardo, como mais um trabalho que precisam realizar.

Esse seria um erro que, inclusive, poderia levar ao afastamento e a perda do desejo sexual, algo que, na IURD, equivale a infidelidade. Propaga-se a ideia de que um dos pilares do casamento de sucesso é a fidelidade, que se desdobra em fidelidade física, emocional e financeira. Além de enfatizar que não se deve trair o cônjuge, a fidelidade física estabelece a necessidade dos votos matrimoniais serem cumpridos, sendo o sexo o principal deles. Faça sexo, faça bem e faça frequentemente, assim pode ser descrita a prescrição iurdiana sobre a vida sexual de seus fiéis.

Se uma mulher deixa de sentir desejo ou atração pelo marido, parando de ter relações com ele, ela o está traindo. Para essas mulheres, recomenda-se que:

Você não tem que esperar sentir vontade! “ah, eu queria ter a mesma vontade do meu marido”. Então, o que você tem que fazer? Você, inicialmente, eu sei que tem mulher que agora vai... vai parir quando eu falar isso! Mas, você tem que inicialmente fazer sem vontade. Assim, fazer sem vontade, eu quero dizer, você não está sentindo vontade antes. Mas, quando você começa a namorar, começa as preliminares, a vontade vai vir (Cardoso, 2019k)

Concordamos com a afirmação de Rosas (2018, p.183) de que “no casamento, há obrigatoriedade de a mulher satisfazer o desejo sexual do marido”. E pensamos ser necessário problematizar, tal qual Biroli (2018) em sua investigação acerca das desigualdades de gênero, a imensa invisibilização de casos de estupro que ocorrem dentro dos casamentos. De fato, um desdobramento possível desta pesquisa poderia ser a interrogação acerca de *se e qual é* o papel desempenhado por instituições religiosas na conformação da invisibilização e da naturalização desta violência.

Cabe ressaltar que na IURD a temática do sexo é tão central que existem até mesmo técnicas, cursos e disciplinas que objetivam conformar os corpos e as condutas de homens e mulheres no que diz respeito ao ato sexual. É o caso, por exemplo, do DVD *Sexo em um casamento blindado: os segredos da intimidade total* e das palestras de mesmo nome, realizadas em distintas cidades e estados do país, desde o ano de 2013. O casal Cardoso também realiza *lives* e protagoniza programas sobre o assunto.

Sexo foi outra palavra-chave que retornou uma quantidade expressiva de resultados em nossas buscas no blog de Cardoso. Por meio do material coletado, descortinamos algumas das técnicas e dicas ofertadas pelo casal. Renato (2019l) enfatiza que “o sexo é 10% físico e 90% mental”. O bispo ensina ao público quais são os três passos que, se seguidos, podem supostamente reativar o desejo em qualquer casamento. Os passos são: a abstenção, a atenção e o estímulo.

A abstenção refere-se à necessidade de os homens pararem de consumir pornografia e de não praticarem masturbação. Quanto às mulheres, elas não devem consumir livros ou filmes de comédia romântica. Segundo Renato “dentro da vida sexual do casal, esta abstenção, esse jejum, tem que acontecer para que você não fique saturado de satisfação sexual por outras formas” (Cardoso, 2019l).

O segundo passo é a atenção. Conforme explicita Renato “para você ter desejo sexual por uma pessoa você tem que prestar atenção nela, você tem que olhar pra ela, você tem que notá-la, ver as virtudes”. Não se trata, porém, de olhar para os defeitos, mas, sim de reservar um tempo para o cônjuge porque, na correria do cotidiano, as pessoas estão dedicando seu tempo para “filho, trabalho, internet, televisão, redes sociais” (Cardoso, 2019l), mas não para os parceiros. Deve-se racionalmente procurar as qualidades do cônjuge. Assim como se aprende a odiar alguém, é possível aprender (ou reaprender) a sentir desejo.

Finalmente, o terceiro passo é o estímulo. Trata-se do planejamento da noite. E, aqui, Cristiane é quem, novamente, dá a dica para as mulheres:

Hoje à noite eu quero estar com o meu marido, hoje à noite eu vou colocar as crianças pra dormir mais cedo, eu não vou ficar assistindo a novela até mais tarde, eu não vou ficar lavando roupa, né. Eu vou tomar meu banho né, rápido, pra eu já ficar pronta pra ele. Eu vou sentar do lado dele no sofá, se ele tem costume de ficar assistindo televisão até tarde, senta do lado dele, cheirosinha, e ali você vai, né, fazendo o que você pode fazer (C. Cardoso, 2019l).

Acreditamos que um dos principais motivos para o estímulo ao ato sexual seja, justamente, evitar que os cônjuges recorram a relacionamentos paralelos, fortalecendo a família monogâmica (Rosas, 2018; Machado, 1995) e, ainda, justificando a própria monogamia.

Assim como as mulheres são estimuladas à prática recorrente da atividade sexual, enfatizando-se que, caso não façam sexo, estarão traindo seus respectivos esposos e tornando legítimo o pedido de divórcio, o vício masculino em pornografia aparece, junto da violência, do abuso e de traições recorrentes, como algo que, por sua vez, torna legítimo a esposa

considerar o divórcio, especialmente quando o marido não se dispõe a “investir” na sua cura espiritual.

Sabemos que IURD se distancia de pautas feministas (Teixeira, 2018; Spyer, 2020) e que as mulheres são, normalmente, aconselhadas a perseverar, sacrificar e persistir no casamento. Teixeira (2012) argumenta que, em muitos casos, a violência de gênero pode, inclusive, ser interpretada como pauta para a construção da família heterossexual na IURD. No entanto, entendemos que a instituição se apresenta também como um espaço em que mulheres não apenas podem falar sobre as violências e abusos sofridos, mas, a depender do caso, também ouvir de suas lideranças religiosas que a única solução possível para seus problemas consiste em pedir o divórcio.

Algumas pesquisas (Marchesi, Ornelas, Resende, 2021) apontam para a defesa iurdiana da indissociabilidade das uniões. Seguindo o material que coletamos, é possível argumentar que, em alguns casos, o divórcio não apenas é legítimo, como, também, recomendado. É o que ocorre, por exemplo, no episódio nº 236 da Escola do Amor, intitulado *Não basta ser traída, tem que pagar o exame de DNA para a amante*. Nele, Renato e Cristiane aconselham uma aluna a se divorciar de um homem que, desde o início do namoro, mantinha conversas e relações sexuais com a ex-namorada, chegando até mesmo a engravidá-la. Não podemos, contudo, ignorar a especificidade do objeto que informa nossas afirmações: as postagens, contendo trechos de programas, podcasts e palestras abertas também ao público secular, e não apenas aos fiéis e frequentadores dos cultos de pregação da Universal.

Se o sexo é recoberto de uma áurea sacra na IURD, a traição “carrega fortes consequências negativas” (Rosas, 2018, p. 383), sendo necessário que o infiel passe por um amplo trabalho de cura e de libertação espiritual. A traição não aparece apenas como um desvio moral, mas, sobretudo, como o indício da presença do diabo.

No entanto, como veremos no subtópico a seguir, a traição não é apenas física. Ela pode ser também emocional. Infidelidade emocional é quando o coração de uma pessoa comprometida se alimenta de fantasias com outras coisas e pessoas, subtraindo o lugar exclusivo que deveria ser do cônjuge na vida (e na mente) do parceiro. E, a depender, esse tipo de infidelidade pode ser tão prejudicial para o casamento a ponto de também ser aconselhado o divórcio. É o caso, por exemplo, do episódio nº 199 da *Escola do Amor*, no qual uma aluna casada há 14 anos é aconselhada a tomar uma atitude com relação à infidelidade emocional do marido, que é viciado em pornografia.

2.3 IMPOTÊNCIA PORNOGRÁFICA E VENENO ROMÂNTICO: FIDELIDADE EMOCIONAL

A pornografia e a masturbação são classificadas como “assassinas dos relacionamentos”, “ladras da intimidade” e representam a principal fonte de infidelidade emocional masculina, porque fazem com que o homem deseje uma mulher que não existe e queira um sexo não saudável, impossível de ser praticado. Para Renato, a pornografia objetifica a mulher, fazendo com que o homem a veja apenas como brinquedo sexual para seu uso, prazer e descarte. Esse é um dos motivos que fazem com que o consumo desse tipo de conteúdo seja reprovado tanto para homens quanto para mulheres (Rosas, 2018).

Nesse ponto, Cristiane estabelece uma correlação direta entre o feminismo e a defesa da pornografia, alegando ser um absurdo que “em uma sociedade tão feminista” como a hodierna, existam “mulheres moderninhas” que “levantam bandeiras” para apoiar e consumir material pornográfico.

Diante do que fora exposto, é possível apreender que as discussões em torno da produção e da circulação de conteúdo pornográfico não são feitas em termos estritamente morais na IURD, uma vez que os argumentos mobilizados no debate não retratam a pornografia como uma obscenidade, por exemplo. No entanto, o neoconservadorismo da instituição religiosa se expressa a partir do estabelecimento de uma distorcida e mentirosa afirmação: a de que o feminismo é, primeiro, um bloco homogêneo e, segundo, favorável à pornografia. Por meio desse deslocamento, é possível que as lideranças religiosas justifiquem sua negação ao movimento feminista, reafirmando a visão de que tais movimentos são promovidos por pessoas desordeiras e promíscuas.

Além disso, ao operar uma associação entre, por um lado, o feminismo e, por outro lado, a pornografia e a objetificação da mulher, Renato e Cristiane fomentam as condições objetivas para afirmar ao seu público que a consequência do feminismo é justamente o oposto do que ele diz defender: se o movimento diz lutar pela liberdade e valorização feminina, ele apenas ratifica o uso e a exploração do corpo da mulher.

Ao resgatar o polêmico debate sobre o tema que aconteceu entre as décadas de 1980 e 1990 nos Estados Unidos, Biroli e Miguel (2014) nos informam acerca das controvérsias em torno da regulação ou não deste tipo de conteúdo, evidenciando as ambivalências e contradições que envolvem tanto a defesa ou o rechaço da circulação de material pornográfico no interior do feminismo.

Mas, além de apresentar os efeitos que atingem diretamente as mulheres, os líderes iurdianos ensinam que também os homens são prejudicados pela pornografia:

<u>ALERTA DA CIÊNCIA: PORNOGRAFIA ESTÁ DEIXANDO HOMENS BROXAS.</u>	A escola do amor tem afirmado já há muitos anos e agora a ciência confirma: preste atenção homem, preste atenção jovem, a pornografia, se você praticar, se você assistir, continuar assistindo, consumindo a pornografia, provavelmente você vai ficar brocha
<u>ESPOSA SINCERA DESABAFA SOBRE “AQUELAS COISAS” QUE O MARIDO VÊ</u>	(...) você pode conversar com qualquer médico que trata de impotência nos homens, qualquer médico que trata do problema sexual, e eles vão dizer pra você que, hoje, a razão número um da disfunção erétil (...) ou ficar brocha, em outras palavras, mais popular ainda, brocha, a razão número um deste problema nos homens, chama-se pornografia!

Fonte: dados da pesquisa.

Diferentemente dos homens, a maioria das mulheres prejudica sua vida sexual ao consumir filmes, novelas e livros de romance. Esses seriam “venenos” (Cardoso, 2019o) responsáveis por criar cenários fictícios, expectativas de relacionamentos irrealizáveis que, invariavelmente, levam à frustração nos relacionamentos.

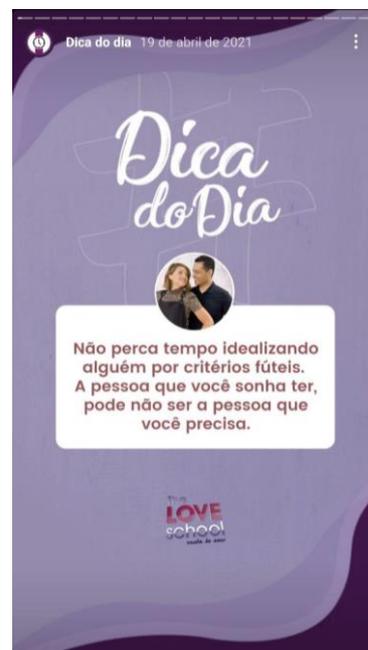
O combate à mídia secular é uma importante característica dos atores neoconservadores. Irving Kristol, por exemplo, afirmava que roteiristas de Hollywood que não possuem a menor ideia do que é a vida familiar real estão determinados a oferecer conselhos que nada fazem, ao não ser promover a desinformação sobre o que, de fato, é a família. Defende-se na Universal a ideia de que, para se construir uma vida familiar de sucesso, apenas Deus deve ser consultado.

Nesse sentido, a instituição reivindica para si a posse da verdade sobre a vida afetiva e familiar, fazendo uso de “verdades declaradas” que, segundo Wendy Brown (2006), caracterizam-se por ser uma modalidade de verdade que não precisa de comprovação ou de cientificidade. Essa modalidade de verdade é extremamente mobilizada por grupos neoconservadores que reivindicam a legitimidade de suas posições morais por meio do peso da fé e da tradição na vida popular. Vejamos:

Preste atenção! Se você, *se*, a maior palavra do vocabulário de Deus é esta, “*se*”, porque é uma condição. *Se* você ouvir os conselhos Dele com respeito à sua vida amorosa, *se* você deixar de ouvir o seu coração, deixar de ouvir a cultura popular, deixar de ouvir o que dizem as revistas femininas e masculinas, deixar de ouvir o que diz os amigos, as músicas, os filmes, as novelas e passar a ouvir o que Ele diz a respeito do que você tem que fazer para sua vida amorosa ser feliz, *então* todo o seu passado vai se tornar apenas um grande testemunho (Cardoso, 2019n)

Em seu artigo intitulado *A revolta dos Bastardos: do pentecostalismo ao bolsonarismo*, Mariana Côrtes (2021) argumenta que a própria posição manca do pentecostalismo, um bastardo do protestantismo histórico, o faz ser uma religião antiautoridade.

Concordamos com Côrtes (2021, p. 12) na medida em que a autora enfatiza que pentecostais são contrários à autoridade do conhecimento universitário e da mídia *mainstream*. No entanto, compreendemos que Renato e Cristiane reivindicam certa autoridade para aconselhar o público por meio da experiência de mais de vinte anos de casados e do testemunho frequente de sua própria trajetória enquanto casal, mas, sobretudo, eles justificam sua autoridade por meio do trabalho que, por intermédio deles, o espírito santo promove. É porque são tomados pelo espírito santo que estão aptos para falar até mesmo sobre sexo.



Fonte: imagens extraídas da página oficial do *The Love School* no Instagram. Data: 20 de set. 2023

A pornografia e os filmes, livros, novelas e séries, todo esse “veneno” romântico que, por sua vez, pode favorecer a construção de uma determinada forma de subjetividade ao estimular certas atitudes, comportamentos e mentalidades são, assim, desclassificadas na batalha cultural travada pela IURD que, por sinal, é produtora de filmes, novelas e séries sendo, inclusive, proprietária de um canal de streaming por assinatura, o *UniverVideo*.

2.4 MORAL SEXUAL E BANALIZAÇÃO DO SEXO E DO AMOR

De acordo com a teologia iurdiana, existe uma estratégia diabólica de banalização do sexo, responsável por favorecer à devassidão moral contemporânea. Ao tratar o sexo como algo casual, as pessoas apenas terão problemas futuros, como o aumento exponencial dos casos de traição e de divórcio no casamento. A “cultura de hoje” seria responsável por disseminar a

ideia de que as pessoas, especialmente mulheres, podem fazer o que quiserem com seus corpos. No entanto, o que se omite nessa propaganda, segundo Renato e Cristiane, é que aquela que pratica sexo fora do casamento está apenas sendo usada, perdendo o seu valor perante os olhos de Deus e perante os olhos dos homens de Deus.

É essa visão de mundo que possibilitou que Cardoso, em *Aceita que dói menos: você foi uma ficada, nada mais*, ironizasse uma aluna que solicitava aconselhamento por não saber como lidar com a rejeição de um parceiro após terem consumado o ato sexual. Nas palavras do bispo, era evidente o que estava acontecendo: o homem “pegou o que queria e acabou, foi embora”. Mas, quem permitiu que as coisas fossem assim, quem se entregou, se sujeitou a esse papel de ser apenas uma “ficada” foi a mulher.

Culpabiliza-se a mulher por ter usado sua liberdade sexual de forma irresponsável. E é importante atentarmos para a dimensão neoliberal implícita no argumento: o neoliberalismo, ao não governar pela restrição, mas, pela liberdade, inaugura um novo tempo histórico, em que a autonomia individual deixa de ser uma aspiração coletiva, balizada por lutas sociais comuns e compartilhadas, para se tornar uma condição, um princípio normativo que impõe que o ser humano pense, sinta e aja por si e para si mesmo (Ehrenberg, 2010).

Toda pessoa é livre, inclusive o amor só pode florescer em ambientes ausentes de pressão externa, segundo Cardoso. No entanto, essa liberdade é esvaziada de qualquer dimensão política ou social, vertendo-se em uma liberdade negativa, essencialmente particular e privada. Daquele que é livre, espera-se que seja plenamente responsável por si. Mais do que isso, para um importante formulador de ideias neoliberais, Friedrich Hayek (1983), ao saber que será responsabilizado, espera-se que o indivíduo mude sua conduta. Essa mesma compreensão está na IURD, que almeja que as mulheres, sabendo que serão responsabilizadas, modifiquem suas condutas, ou seja, não pratiquem sexo antes ou fora do casamento para que não sejam as responsáveis pela perda de seu valor pessoal.

Fato é que, nos cenários marcados pela privatização e supressão de bens e serviços públicos, em que a cidadania se verte em autosacrifício (Brown, 2018b), é oportuno que as mulheres sejam culpabilizadas por terem relações sexuais fora do casamento, uma vez que essas serão as mulheres que terão que arcar, por exemplo, com o ônus de uma gravidez não planejada ou de uma doença sexualmente transmissível, minando qualquer possibilidade de planejamento familiar futuro. No entanto, esses fatos de ordem política e econômica são mascarados por um apelo à moralidade sexual e aos preceitos de Deus para a família, um apelo, portanto, neoconservador-neoliberal.

É interessante resgatarmos a afirmação feita por Christian Laval (2020, p. 38) de que a liberdade propugnada pelo neoliberalismo “diz respeito às relações de poder, vigilâncias, dispositivos de segurança e formas de condução” de condutas, o que faz com que as pessoas sejam livres de júri, e não de fato. Também na IURD é possível percebermos que as mulheres são livres de júri. Resta interrogar-nos se são livres de fato. Cardoso enfatiza:

Você está entendendo, aluna da escola do amor? Você está aprendendo, mulher? O que dizem aí fora, que você tem que ser a mulher liberal, que você tem que ser a poderosa, se o homem pode, você também pode. Morar junto, não tem problema. Casar, desnecessário. Casamento é antiquado, pra que isso e tal? Esses conselhos estão roubando de você o seu valor. Você está percebendo que, em nome de tanto empoderamento feminino, a mulher na verdade está dando de bandeja o poder dela nas mãos dos homens. Acorde mulher. A cultura, hoje, a cultura, com respeito ao empoderamento feminino, é uma propaganda enganosa (Cardoso, 2018c)

Argumentar em defesa do controle sexual também implica mobilizar argumentos neoconservadores. Para os líderes iurdianos, a cultura do “empoderamento” feminino é uma mentira que facilita e promove a diabólica banalização do sexo (e do amor). E aqui, cabe destacar que o termo “empoderamento” é ressignificado pela IURD, que o atribui um sentido e um significado negativo. Mesclam-se os argumentos religiosos e políticos na Universal do Reino de Deus e o primeiro inimigo que ameaça a família e os valores familiares aparece sob o nome de “cultura de hoje”.

Iniciamos esse capítulo resgatando a centralidade da década de 1990 para a consolidação transnacional do neoconservadorismo enquanto fenômeno reativo à agenda de gênero. Mas, se concordarmos com Walter Benjamin acerca da importância de atribuir às datas suas respectivas fisionomias, é necessário também enfatizarmos que as décadas finais século XX caracterizaram uma época nova de importantes e radicais transformações nas estruturas sociais e na maneira pela qual os indivíduos se inserem no mundo, possibilitadas pelo fim da Guerra Fria e pela globalização econômica e política.

O desfecho de um século de batalhas culturais, políticas, econômicas e midiáticas entre o sistema capitalista e o comunismo foi marcado pela queda do muro de Berlim (1989) e pela dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (1991), dois acontecimentos inesperados e impactantes (Traverso, 2012) que viabilizaram a reconquista do poder, prestígio e privilégio que o capital havia perdido durante o *Welfare State*, ao efetuar concessões para a classe trabalhadora. O fim do “casamento forçado”, conforme afirmou Wolfgang Streeck (2013, p. 54), entre o capital e a força de trabalho, o capital e as cidades e, no limite, o capital e os Estados-Nação, provocou uma crescente desvalorização dos vetores temporais e das

arquiteturas espaciais da política moderna (Galli, 2001), inaugurando uma nova ordem mundial sedimentada nos valores vitoriosos do neoliberalismo.

Por neoliberalismo compreendemos uma forma específica de racionalidade política (Brown, 2006, 2015; Foucault, 2008; Dardot e Laval, 2016) que difunde o modelo de mercado para todos os domínios e atividades da vida humana, através de um conjunto de políticas econômicas que seguem os princípios do livre mercado, incluindo a desregulamentação das atividades de produção e de extração de valor, a intensa privatização dos serviços públicos e a conversão de cada necessidade humana em uma mercadoria. Diferentemente do liberalismo econômico clássico, o neoliberalismo não se restringe somente à esfera econômica, nem se limita a avaliar o mercado como natural e autorregulável. Ele constitui um projeto econômico, político, jurídico e cultural que estimula a proteção dos valores e dos interesses das forças de mercado através de um conjunto de leis regulamentadas pelos Estados-Nação (Burgio, 2010).

Nomeando um conjunto de reações políticas contrárias ao keynesianismo e ao socialismo democrático, o neoliberalismo promove sucessivos processos de desdemocratização, baseados no esvaziamento da importância da soberania nacional, dos projetos políticos nacionais e na esterilização de importantes conquistas políticas modernas como, por exemplo, as ideias de liberdade social e justiça social (Brown, 2015). Ao efetuar a neutralização do controle da política sobre a economia (Galli, 2001) e promover uma despolitização e desnacionalização de massa, através da avaliação dos sistemas públicos e partidos políticos como improdutivos, ineficientes e corruptos (Sassen, 2003), o neoliberalismo introduz a concepção de justiça de mercado e reformula o papel do Estado de direito em favor da governança baseada em princípios de mercado.

Enquanto um modo específico de razão e de governamentalidade, o neoliberalismo concebe como valor máximo de seu discurso a figura do indivíduo, produzindo uma nova gramática moral baseada na centralidade da liberdade negativa, particular e privada. Ao afirmar que todo indivíduo deve ser responsável por si mesmo, isentando-se das responsabilidades com o coletivo, o neoliberalismo fomenta as condições objetivas para um profundo processo de individualização.

Por individualização compreendemos a possibilidade da biografia dos indivíduos se desvincular dos moldes e das certezas tradicionais, regulamentações e coerções disciplinares impostas pela família, pelos sindicatos e partidos políticos e, também, pelos Estados nacionais, de modo que a construção da identidade humana se transforma em uma tarefa individual de autodeterminação e de autoconstrução de si mesmo (Beck, 2010; Bodei, 2013).

A consequência inaudita da intensificação deste processo é a dissolução dos condicionamentos coletivos provenientes da família, das classes sociais e das instituições sociais e políticas, chamadas por Max Horkheimer (1990) de “potências culturais formativas”, uma vez que eram elas as responsáveis por formar os grupos e os grupos sociais e coletivos, responsáveis por produzir os “nós” sociais, ou seja, as orientações e certezas coletivas compartilhadas entre as gerações. Viabilizou-se, portanto, a formação de uma subjetividade humana liberada de códigos emotivos, sociais e morais coletivos, bem como a formação de novos arranjos familiares (Illouz, 2012).

A possibilidade objetiva de as mulheres tornarem-se independentes dos vínculos familiares e inserirem-se no mercado de trabalho, assim como a profunda revolução no senso do corpo, do gênero e das identidades, favorecidas pela ampliação da liberdade pessoal e pela expansão do mercado de consumo, permitiu aos indivíduos vivenciarem uma existência fluída, estimulada a permanentemente interrogar o sentido e o significado da sexualidade, do gênero, do casamento e da família (Bodei, 2013).

Se, por um lado, as novas e múltiplas formas de vida, subjetividades e relacionamentos promoveram uma progressiva dilatação de reconhecimento social de distintos arranjos familiares, por outro lado, a ruptura com o casamento e com a família convencional produziu desestabilizações cognitivas, psíquicas e emotivas (Beck, 2010) que foram e continuam sendo acompanhadas de reações políticas e institucionais nas esferas partidárias e religiosas, como, por exemplo, acontece Universal do Reino de Deus.

A assim chamada “cultura de hoje”, reprovada pela IURD, é o resultado desse conjunto de processos e de dinâmicas políticas, econômicas e culturais que favoreceram, por fim, não apenas a desregulamentação econômica, mas, também, o “desenlace das escolhas românticas individuais do tecido moral e social do grupo e o surgimento de um mercado autorregulado de encontros” (Illouz, 2012, p. 41). É importante enfatizar que, se o neoliberalismo possibilitou, por um lado, a pluralidade e a diversidade, por outro lado, ele produziu também as condições objetivas para que movimentos neoconservadores afirmassem que o que está errado na atual ordem social é a cultura (Barajas, 2018; Mardones, 1991).

É, portanto, na cultura “de hoje” que se localiza o mal, o perverso e, para Renato e Cristiane Cardoso, o diabólico. E, aqui, é interessante destacarmos que a expressão “hoje em dia” foi mobilizada 51 vezes ao longo de nosso corpus investigativo, sendo empregada, em todos os usos, para fazer um contraponto entre o tempo passado e o tempo presente. Entre o

ontem, e o hoje. É comum que a expressão anteceda a afirmação de ideias, valores e visões de mundo neoconservadoras.

No Brasil, essa mudança cultural se expressaria a partir da década de 1990, quando a instituição familiar se encontrava no limiar de mudanças significativas e “o feminismo atingia seu momento mais exuberante, aquele que foi capaz de alterar radicalmente os costumes e transformar as reivindicações mais ousadas em direitos conquistados” (Duarte, 2019, p. 41).

Como vimos anteriormente, atores neoconservadores reconhecem como família apenas a união estável ou o casamento entre um homem e uma mulher. Na IURD, somente o casamento adquire status de família. Se, por um lado, os homens casam também para obter sexo seguro e legítimo, o empoderamento da mulher, na IURD, só pode ser alcançado por meio do casamento (Teixeira, 2012). Arranjos conjugais que não são por ele mediados, como, por exemplo, o “morar junto”, o “teste drive” e, conseqüentemente, a união estável, sequer são considerados como formas legítimas de união.

Na verdade, esses arranjos são “irremediavelmente fadados ao fracasso”, sendo, novamente, as mulheres as mais prejudicadas. Primeiro, porque, ao ir morar junto, mulheres cumprem plenamente o papel de esposas, ao passo que homens não se comprometem como fariam se estivessem, efetivamente, casados. E, a explicação para tais afirmações está na suposta natureza da mulher e do homem. E, segundo, porque pessoas que decidem compartilhar o mesmo teto antes de casar não estão certas o suficiente de suas escolhas e, na primeira dificuldade, trocam de parceiro.

É necessário, porém, atentarmos ao fato de que a mesma IURD que adverte mulheres sobre os efeitos negativos da revolução sexual como parte de sua estratégia de fortalecer a família convencional, é aquela que responsabiliza e culpa essas mulheres por suas condições, o que contribui para a perpetuação dos arranjos institucionais, políticos, econômicos e culturais que, historicamente, favorecem a dominação masculina.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Até o presente momento, argumentamos que a IURD elabora uma definição de família heterossexual, monogâmica e centrada na regulação e controle, via casamento, do desejo e do ato sexual, estabelecendo que o sexo saudável e seguro ocorre apenas entre um homem e uma mulher unidos via matrimônio. Ao explorar essa representação familiar, que é uma reelaboração neoconservadora, também apreendemos a ofensiva iurdiana contra às relações homoafetivas, e tentamos evidenciar a maneira pela qual a Universal cria um discurso que, de um lado, associa

à homossexualidade com o diabólico e, de outro, com o biológico, retratando-a como um desvio sexual e uma patologia.

É importante ressaltarmos que, por meio das noções de fidelidade física e de fidelidade emocional, as lideranças iurdianas justificam e reforçam a monogamia, um importante valor para os atores neoconservadores. A fidelidade física, como vimos, diz respeito à não trair o parceiro com outras pessoas e a praticar sexo frequentemente com o cônjuge. A fidelidade emocional adverte sobre os perigos da pornografia para homens, e dos filmes e livros de romance para as mulheres. A pornografia e o romance caracterizam dois inimigos da família, porque favorecem o seu esfacelamento mediante o estímulo para a relações impossíveis de existirem na prática.

Também evidenciamos a maneira pela qual Renato e Cristiane aderem a pautas neoconservadoras transnacionais, como, por exemplo, a negação da educação sexual nas escolas e, particularmente no Brasil, rechaçam o material elaborado pelo Ministério da Educação para o programa Brasil Sem Homofobia interpretado como um kit gay, responsável por corromper a infância e estimular a promiscuidade das crianças.

Tentamos enfatizar, ainda, que o neoconservadorismo iurdiano não é apenas reativo, mas ativo, na medida em que propugna o ensino da educação amorosa que, por meio de cursos e palestras ligados ao livro *Namoro Blindado*, propaga valores morais unitários e não comprometidos com uma agenda referenciada pelo pluralismo ético (Biroli, 2018) para adolescentes e jovens das escolas públicas municipais e estaduais.

Família heterossexual e monogâmica, legalidade do sexo e regulação do desejo, combate à homossexualidade e defesa de múltiplas fidelidades, essas são características que tornam possível apreendermos a existência de valores, princípios e juízos neoconservadores na formulação da representação de família iurdiana. Até o presente momento, a dimensão da responsabilidade individual propugnada pelo neoliberalismo foi evidenciada no interior dessa definição de família iurdiana. Resta tentarmos compreender como o neoliberalismo - que advoga em defesa do “indivíduo”, particular e privado, pode formular valores que se organizam politicamente em concepções de mundo, como, por exemplo, a defesa da família convencional.

No próximo capítulo, iremos expor e explicar como operam, dentro da representação familiar iurdiana, outros dois valores fundamentais defendidos por grupos neoconservadores: a noção de ordem e de autoridade. Acerca do neoliberalismo, acreditamos que uma das principais contribuições dessa pesquisa consiste em apreender que toda a esfera da família é

economicizada na IURD, construindo-se por meio dos valores e dos princípios de mercado. Essa afirmação também será melhor desenvolvida no capítulo a seguir.

3 O REINO DO PAI: A ORDEM E A AUTORIDADE

A representação de família iurdiana inspira-se na família divina, cujos membros são o pai, o filho e o espírito santo. A Santíssima Trindade é evocada para fazer alusão ao papel que cabe a cada um desempenhar no interior da instituição familiar para que, assim, ela seja ordenada e abundante, uma família de sucesso.

Depreende-se a existência na teologia iurdiana de um discurso que articula as noções de bem e de mal absolutos com as noções de ordem e de desordem, de disciplina e de indisciplina. Isso nos parece particularmente relevante na medida em que Deus está associado aos valores da ordem e da disciplina, o que o torna capaz de ser o senhor dos exércitos, e o diabo, por sua vez, aparece vinculado à desordem, bagunça e indisciplina (Cardoso, 2021e).

Durante uma palestra proferida no Templo de Salomão, Renato endossou tais proposições ao afirmar que:

De um lado você tem Deus, do outro lado você tem o diabo. Do lado de Deus está a ordem, a disciplina. Do lado de Deus está a autoridade, o respeito. Do lado do diabo está o caos, a bagunça, desordem, rebeldia, desobediência, rebelião. Então você tem esses dois extremos. É óbvio que, se você quer ter um relacionamento feliz, você tem que seguir o conselho de Deus e seguir a disciplina, seguir a ordem. Há uma ordem nos relacionamentos (Cardoso, 2020d)

Por meio desse excerto, vemos que, na família, a ordem está também relacionada ao respeito à autoridade e à hierarquia. Não existe família sem ordem, assim como não existe ordem sem o estabelecimento de autoridades e de hierarquias. Nesse sentido, duas são as noções de ordem desenvolvidas por Cardoso no que toca à vida familiar. A primeira consiste em afirmar a existência de uma ordem externa aos indivíduos, e que precisa ser seguida para que se possa dar início a todo e qualquer relacionamento afetivo. Trata-se, especificamente, das etapas sequenciais pelas quais uma relação deve “naturalmente” passar.

Mas, dentro dessas etapas, existe uma ordem de papéis a serem desempenhados, um “lugar natural” para cada cônjuge, destacando-se a atuação masculina para a conquista da mulher (e o trabalho feminino para manutenção da relação). Esta segunda noção de ordem, por sua vez, ilustra o ordenamento interno da família, estabelecendo quem são aqueles que detém autoridade. Essa é a ordem responsável por também estabelecer os limites de cada um dos cônjuges, as hierarquias. Nas páginas a seguir, iremos expor e explicar as duas maneiras pelas quais a noção de “ordem” aparece na IURD.

3.1 NO PRINCÍPIO, INVESTIR PARA CONHECER E CONHECER PARA INVESTIR

Existe uma ordem para o começo de todo relacionamento, que consiste em namorar, noivar e casar. Mas, existe uma ordem que deve ser seguida antes mesmo de se iniciar as relações, e que consiste em um investimento de tempo. É necessário investir para conhecer a pessoa, o futuro pretendente e, assim, avaliá-lo. Afinal, um bom relacionamento começa com boas escolhas. A avaliação deve ser cautelosa, capaz de contemplar o histórico familiar e pessoal do pretendido para que, depois, seja realizado o pedido de namoro (que não deve durar mais de dois anos), seguido de noivado e casamento. Essa seria a ordem e a evolução natural de todo relacionamento.

Ao propor uma investigação acerca dos nexos entre o capitalismo, a cultura e a vida emocional, Eva Illouz (2008; 2012) compreendeu que a consolidação do capitalismo enquanto modo de produção dominante foi acompanhada por um duplo movimento: enquanto a ação racional se tornava o modelo dominante da forma de agir, ocorria também uma intensificação da preocupação com a vida emocional dos indivíduos.

Acreditamos que também Renato e Cristiane operam esse duplo movimento, na medida em que colocam a racionalidade no cerne da sua definição de amor e de fé inteligentes, e da própria representação de família que elaboram, mas, ao mesmo tempo, essa ênfase na racionalidade é acompanhada pelo reforço da preocupação com a vida emocional e afetiva de seu público. Nesse sentido, o discurso iurdiano estabelece a necessidade de que o coração fique de lado na hora de serem efetuadas escolhas amorosas. O amor inteligente não é feito sob a perspectiva da paixão, do sentimento ou da assim chamada “química”, esses são mitos que precisam ser combatidos porque fomentam um amor burro, que resultará em divórcio e sofrimento (Teixeira, 2012). O amor inteligente é feito por meio do cálculo, da ponderação e da reflexão crítica.

Por favor! Por favor! Nós estamos no século XXI. Você é uma pessoa inteligente, você ainda tá se seguindo por cupido, por mitologia grega, por alma gêmea? Você é uma pessoa inteligente para o trabalho, para o trabalho você sabe que, para você ter sucesso, você tem que se aplicar, você tem que fazer curso, você tem que se manter à frente dos concorrentes, você sabe que você tem que usar a cabeça pra vencer no trabalho, todas as áreas da vida é assim, né. Você tem que aprender como aquilo funciona, não é? Você tem que aprender o que, como aquilo funciona para você poder usar da melhor forma possível, é assim com dieta, é assim na academia, é assim em falar um idioma, é.., tudo que você quer fazer na vida bem feito, você tem que aplicar sua cabeça, sua inteligência para aprender aquilo, todo mundo sabe disso, em todas as áreas da vida. Por alguma razão, não sei porque cargas d'água, quando a gente trata de amor, as pessoas suspendem o juízo, suspendem a inteligência, dizem “não, amor é coisa do coração” (Cardoso, 2020n).

Amar é, antes de tudo, uma escolha racional e racionalizada. Essa compreensão é, afinal, o que justifica a existência de uma escola do amor, na medida em que estabelece que se aprende a amar. Aprender a amar é diferente de sentir amor, sentimentos são instáveis e solúveis, ao passo que a união do casal inteligente não o é.

Ao resgatar uma série de prescrições feitas pelo bispo Edir Macedo entre as décadas de 1990 e 2010 acerca do *Perfil do homem de Deus*, nas quais ele afirma que aquele que quer seguir a obra não deve se casar com uma mulher mais velha (para que não se deixe influenciar por ela) e que, apesar de não existir problema em se relacionar com uma mulher de “raça” diferente, isso se tornará um problema para os futuros filhos do casal que sofrerão preconceito racial, Jacqueline Teixeira (2021, p. 175) argumenta que o objetivo de tais afirmações consiste em produzir uma razão pedagógica que compreende o casamento como a aliança perfeita para a vida em abundância. Nesse sentido, o “amor inteligente” é aquele que se constrói a partir de uma avaliação esmerada, sintetiza o bispo Edir Macedo (1994).

Além de apontar as oposições tecidas entre o coração e a mente, a emoção e a razão na hora de se considerar alguém para dar início ao namoro (Teixeira, 2012; 2021), devemos nos atentar ao léxico mobilizado para descrever esse processo. As noções de *avaliação* do parceiro e de *investimento*, sobretudo *investimento de tempo* em cada uma das etapas a serem ultrapassadas até a efetiva formação da família, é algo que perpassa todos os discursos de Renato e Cristiane, nos possibilitando compreender que a IURD não apenas promove a racionalização econômica dos afetos (Rodrigues, 2015; Rodrigues, Patriota, Casaque, 2017), mas, sobretudo, a economização da esfera familiar, movimento próprio do neoliberalismo que, enquanto racionalidade política transversal, opera por meio da universalização da dinâmica do mercado e dos princípios de mercado para todas as esferas e atividades da vida humana, qualificando os indivíduos exaustivamente como atores de mercado em todas as dimensões da vida: na sociedade e na família, na política e no trabalho, no lazer e nas relações afetivas (Dardot, Laval, 2016; Brown, 2015; 2018a; Illouz, 2018; 2014).

Queremos enfatizar que o neoliberalismo, mais do que uma ideologia ou um conjunto de políticas econômicas, pode ser compreendido como uma racionalidade governamental que produz uma ordem social na qual coisas e pessoas são ordenadas pela lógica de mercado. Nesse sentido, o ser humano verte-se em *homo oeconomicus* que, mais do que fora para o liberalismo econômico clássico enquanto agente de mercado, se torna em agente de mercado em *todos* os setores da vida. No neoliberalismo, o *homo oeconomicus* deixa de ser construído enquanto sujeito de troca e satisfação de necessidades, tornando-se um capital humano que deve, também,

ser um empreendedor de si. Além disso, o neoliberalismo possibilita que todo campo de atividade se transforme em um mercado, e toda entidade, seja pessoa, negócio ou Estado, passe a ser governado como empresa (Foucault, 2008).

É o que acontece com a representação familiar iurdiana. Cabe destacar que não se trata de uma simples monetização da esfera familiar (Brown, 2015). Por meio da governamentalidade neoliberal, até mesmo as esferas geradoras de não-valor passam a ser interpretadas a partir da métrica do mercado, sendo governadas também por meio de técnicas do mercado. Vemos, portanto, uma profunda e radical ressignificação dos espaços da vida social e, como tentamos demonstrar, da própria noção de família.

Durante a análise do corpus de investigação empírico, compreendemos que os discursos iurdianos são atravessados por oposições, antíteses e dicotomias. Despertou nossa atenção a frequência com que o casal Cardoso mobiliza as noções de perder e de vencer, contidas, respectivamente, em 27% e 22% do material transcrito. Essas noções não se encontram soltas nos textos e discursos, de modo que o mais interessante consiste nas palavras que são frequentemente empregadas pelo casal para qualificar e complementar essas noções. Acerca de “perder”, vejamos alguns de seus principais complementos:

PERDER	Afetividades	Reprodução familiar	Núcleo familiar	Planejamento familiar
Tempo	8	3	2	1
medo de tentar algo e perder (dinheiro, reputação)	14	0	0	0
medo de perder um relacionamento	4	0	1	3
medo de perder uma pessoa	21	0	13	3
nada a perder quem perde tudo para deus	11	0	1	0
perder peso	4	2	0	0
blindar para não perder o que investiu no casamento	2	3	3	0
perder a imagem e semelhança porque não investiu no relacionamento com Deus	1	0	0	0
perder-se de si mesma, perder o seu valor, autoconfiança	5	1	4	0
quando a mulher perde a atenção do marido, perde poder na relação, seu valor	6	0	2	0
perder o casamento	3	11	2	2
perder o emprego	3	2	1	0

perder a feminilidade = perder sua essência de mulher, senso de justiça, poder na relação	3	1	1	0
perder as identidades que o mundo dá	1	0	0	0
perder o negócio, perder o cliente	2	2	1	0
perder dinheiro	0	3	3	1
perder a referência de pai = perder a referência de deus	0	0	7	0
medo de casar com uma e perder outra mulher melhor	0	0	2	0

Fonte: dados da pesquisa

Além de estabelecer Deus e o pai como referências na família, expressa-se na tabela o que afirmamos acima: o *investimento*, seja no casamento, na relação conjugal ou no próprio relacionamento com Deus, é parte constitutiva do vocabulário iurdiano.

Enquanto capitais humanos em permanente estado de avaliação de si e em estado de avaliação pelos outros, é necessário que as pessoas invistam nelas próprias, por isso recomenda-se um conjunto de disciplinas voltadas para o cuidado de si na IURD (Teixeira, 2012; 2021). Na tabela, consta em grifo amarelo algumas das falas direcionadas para os homens e, em grifo laranja, as recomendações feitas para as mulheres.

Como é possível observar, existem clivagens de gênero no discurso iurdiano, onde mulheres são aconselhadas a perderem peso e a investir na sua feminilidade. Aqui, os principais atributos que compõem o perfil da mulher de Deus são o carinho e a doçura, a discrição e a prudência, o respeito e a graciosidade (C. Cardoso, 2018d; 2018e).

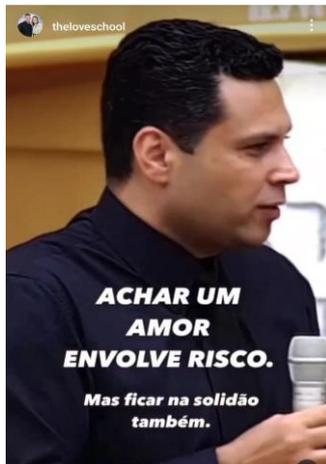
Destaca-se a relevância do corpo na aprendizagem e introjeção de técnicas e exercícios voltados para a prosperidade na família (Couto, 2020; Teixeira, 2012; 2014; Machado, 1996). Conforme afirmou Teixeira (2012, p. 64), a docilidade do corpo é uma das principais características do ser mulher na IURD. Por serem interpretadas também como capitais humanos, essas mulheres aprendem sobre a importância do desenvolvimento de sua autoconfiança e senso de valor próprio dentro da relação conjugal.

Homens, por sua vez, devem preocupar-se com a vida pública. Eles são associados ao sustento da família e do lar e, por isso, Renato trabalha com seu público as noções de ganhar ou de perder dinheiro, de criar um negócio, abrir uma empresa. Mas, os homens também são ensinados sobre a importância de aparar a barba, cortar o cabelo, trocar a cueca diariamente. A disciplina necessária para a higiene masculina é, por exemplo, o assunto principal do primeiro

capítulo do livro *Sucesso é o destino dos disciplinados: 12 passos para o melhor ano de sua vida*, publicado em 2020 por Renato Cardoso.

Quando o neoliberalismo adquire a capacidade objetiva de se transformar em nosso senso comum generalizado, todo espaço social se converte em um ambiente de performance, competição e concorrência (Ehrenberg, 2012; Brown, 2018b). Nesse sentido, o público iurdiano é ensinado a investir na autoimagem e no autocuidado, mas, também, a investir tempo para apurar as informações sobre seus pretendentes, sendo a maneira pela qual a pessoa se comporta financeiramente e seu histórico sexual as duas principais informações a serem avaliadas.

Acerca do uso do tempo, Renato apresenta uma conta matemática interessante: se uma pessoa namorar por dois anos e, depois, terminar a relação, ela terá desperdiçado não dois, mas quatro anos de sua vida. Dois anos foram investidos em algo que fracassou e mais dois anos, em que se poderia ter investido em uma relação de sucesso, foram perdidos. Assim como todo investimento econômico é acompanhado pela dimensão do risco, desenvolve-se na IURD a ideia de que existe também risco no amor, mas risco maior na solidão.



Fonte: página oficial do *The Love School* no Instagram.
Data: 20 de set. 2023

Note-se: a linguagem empresarial é mobilizada por Renato. Em todos os seus textos e discursos encontramos palavras que remetem tanto à instituição familiar quanto ao mundo empresarial, o que evidencia que “o mundo da casa se torna análogo ao mundo corporativo” (Côrtes, 2018, p. 35). A avaliação do parceiro é necessária porque, após o casamento, marido e esposa se tornam sócios, já que a família na IURD é como uma empresa (Marchesi, Ornelas, Resende, 2021).

Dito isso, adentramos em uma segunda problemática: não basta investir para conhecer (avaliar) e, após conhecer (avaliar), continuar investindo na manutenção da família-empresa se,

por sua vez, não se respeitar uma ordem simples: o homem, detentor de uma natureza caçadora e conquistadora, é quem deve ir atrás da mulher. Ele é o responsável por ter iniciativa. A mulher é o prêmio a ser conquistado (C. Cardoso, 2013, p. 09).

Aqui, novamente recrudescer o neoconservadorismo iurdiano, porque se faz uma denúncia da “nova realidade da posição das mulheres na sociedade” (Cardoso, 2019p), que faz com que, cada vez mais, os homens fiquem confusos sobre como devem proceder para se aproximar e dar o primeiro passo na hora de iniciar um relacionamento. De acordo com Cristiane Cardoso (2018d) “com todos os tipos de movimentos e bandeiras pela igualdade entre homem e mulher, hoje já não se acha mais o que os dois tinham de tão distinto um do outro”, situação que favorece a desestruturação da família.

As afirmações de Cristiane nos levam a compreensão de que a temática da *diferença* é mobilizada na IURD para negar a igualdade de condição, problematizando os movimentos progressistas que buscam condições menos desiguais e assimétricas nas relações de poder entre os gêneros. Arriscamos dizer que o rechaço à noção de igualdade é um elemento comum a grupos neoconservadores e neoliberais que aparece no interior da representação familiar iurdiana.

Cabe ressaltar que na IURD, homens e mulheres não são iguais e existe todo um trabalho intelectual (espiritual, moral e político) mobilizado para justificar tais afirmações. Nas páginas que se seguirão, iremos descortinar alguns dos argumentos iurdianos, passando para a descrição e interpretação de como as diferenças se materializam, por exemplo, em diferenças entre a autoridade do marido e da esposa no casamento e em diferenças entre os lugares e as funções gerais de um pai e de uma mãe na família.

3.2 O DEUS-PAI E A IGREJA-MÃE: AUTORIDADES NA FAMÍLIA

A ameaça à ordem natural das relações é uma ameaça à própria estrutura familiar, porque favorece o declínio da autoridade do homem, descrito como o “cabeça”, o “líder”, “aquele que dirige” a família. Retira-se o caráter histórico, político, econômico e cultural que, mediante as lutas de distintas forças sociais, institucionalizou as desigualdades de gênero, naturalizando-as e, em certa medida, divinizando-as, porque se afirma na IURD que toda autoridade emana de Deus, afastando-se, portanto, de uma artificialidade construída por meio da política. A autoridade é um atributo divino, transmitido de Deus para o homem, seu semelhante direto. Segundo Cardoso:

É preciso voltar um pouco ao tempo e entender como é que, no passado, a figura do pai, do *patriarca*, era uma figura que demandava todo respeito, de toda a família, de toda a tribo, de todos os vizinhos, de todas as pessoas que o conheciam. Então, por exemplo, quando você ouve falar de Noé, quando você ouve falar de Abraão, que era um patriarca, depois dele Isaac, Jacó. Você ouve falar de pessoas que eram líderes. Normalmente, era o primogênito, era o cabeça da tribo, cabeça da família. E em cada família, (...) todo cabeça de família era considerado a autoridade naquela casa. Autoridade instituída pelo próprio Deus (Cardoso, 2021d)

Na família, o pai representa Deus. Por que? Porque foi Deus quem, primeiro, quis se manifestar como pai. Depreende-se que todos devem reconhecer e respeitar a autoridade do patriarca, independente se se gosta ou não da pessoa portadora de tal autoridade⁷. Se o pai possui autoridade, ele representa uma referência, porque sabe o que é bom e justo. Ele também detém o poder e a legitimidade de exercê-lo (Lakoff, 2004). Desrespeitar uma autoridade é um ato perigoso, pois significa rebelar-se contra o próprio Deus, atitude que, como vimos no início do capítulo, está associada ao diabo, que é rebelde e indisciplinado.

Como Deus, o pai é aquele que ensina. Ele deve transmitir suas experiências e seus exemplos ao filho. O filho deseja ser como o pai e, por isso, faz aquilo que vê o pai fazer. Ele é obediente, e confia que a vontade de seu pai será sempre melhor que a sua própria vontade. A esposa, assim como o espírito santo, foi criada para ser uma auxiliadora idônea.

Seguindo essa lógica argumentativa, Cristiane enfatiza que a mulher deve acatar a autoridade do marido, submetendo-se a ele, assim como um dia foi submissa ao seu pai, assim como é e deve continuar sendo sempre submissa a Deus. Ao explicar o sentido e o significado da expressão bíblica *Ezer Kenegdo*, utilizada por Deus ao criar Eva, Renato afirma que:

Quando Deus viu o homem sozinho, ele disse “isso não é bom”. Então, ele disse assim: “eu vou fazer uma *Ezer kenegdo* para o homem”. Que significa o quê? Essa palavra, *Ezer*, significa ajuda, socorro, resgate. Então, a mulher, ela foi designada como uma ajuda, um socorro, resgate para o homem. E *Kenegdo* significa uma ajuda que está de frente pra ele, que é oposta a ele (Cardoso, 2019b)

Na analogia do bispo, a mulher seria a mão esquerda, e o homem a mão direita. Entre laços, elas se complementam. Uma não é melhor do que a outra, afirma Cardoso. No entanto, elas não são iguais e jamais poderiam sê-lo. Apesar de submissa ao homem, a mulher não é desprovida de autoridade na família.

⁷ Esse mesmo discurso, de respeito à autoridade, foi mobilizado por Renato Cardoso durante uma Live feita em seu Instagram, horas após a apuração dos resultados finais das eleições presidenciais de 2022. Com o candidato Jair Bolsonaro, apoiado pela IURD, derrotado, bispo Cardoso afirmou que agora, era o momento de respeitar a autoridade do novo presidente, e orar pelo Brasil.

É pertinente resgatarmos as pesquisas de Mariz (1994), Machado (1996) e Birman (2010), que apontam para o fortalecimento da figura feminina no interior da família, lugar privilegiado de atuação dessas mulheres que, na IURD, são comparadas à Igreja.

Se, na linguagem metafórica empregada pela IURD, o homem é Deus, a mulher é a Igreja. É interessante esse movimento argumentativo porque as mulheres, rosto do pentecostalismo e maioria do público de fiéis da Universal, são as responsáveis, muitas vezes, por levar seus filhos e esposos à conversão religiosa. Mas, como a igreja, elas também são responsáveis por preparar a casa que recebe Deus, ou seja, o pai.

Existe um discurso na IURD que incute na suposta natureza ontológica da mulher uma dupla face: a mulher pode ser aquela que irá edificar sua família ou aquela que irá destruí-la com suas próprias mãos. Para exemplificar tal proposição, o casal Cardoso resgata a história de Adão e Eva, enfatizando que o diabo foi, primeiro, tentar a Eva porque sabia que o homem iria dar ouvidos à mulher. A mulher possui, portanto, o poder de influenciar o homem. É como se, nos discursos iurdianos, essa potencialidade feminina fosse afirmada para atestar a necessidade de submissão da esposa. Vinculado a esse poder negativo da mulher, está também sua maior emotividade e sentimentalismo e, portanto, menor racionalidade.

Diferentes trabalhos (Teixeira, 2012, p. 65; Gomes, 2006; Marchesi, Ornelas, Resende, 2021) evidenciam que o homem também é subjugado à família na IURD, na medida em que se exige dele compromisso absoluto ou, como discutimos anteriormente, sucessivos investimentos para a manutenção do arranjo familiar. O que implica, por exemplo, em largar o vício em bebidas, prostituição e/ou pornografia, desvincular-se de relacionamentos paralelos, compartilhar o dinheiro recebido com a esposa e gastá-lo exclusivamente com a família.

No entanto, o subjugo masculino só se concretiza na medida em que a mulher se mantém na clássica posição de subordinada. Reforça-se uma hierarquia no interior das famílias: o homem está acima da mulher, e Deus está acima do homem. Essa hierarquia deve, princípio normativo, ser respeitada por toda e qualquer família que queira ter sucesso, que queira ser à prova de divórcio.

Contudo, existem inimigos que ameaçam a ordem instituída por Deus para a família e a autoridade do homem sobre esposa e filhos. Um desses inimigos é o feminismo que, segundo Cardoso, propaga que a submissão ao marido significa “ser escrava”, “oprimida”, “feita de Amélia”, “tonta” e “inferior”. Essas afirmações pervertem a natureza feminina. Se alçadas à política, favorecem o desmantelamento da própria instituição familiar.

Como mencionamos acima, Renato mobiliza a palavra *patriarca* para referir-se às figuras de homens bíblicos exaltados por sua fé em Deus e por seus grandes feitos, como Abraão e Noé. Ao reprovar os movimentos feministas e de empoderamento, o bispo informa para seu público que esses são movimentos responsáveis por criticar o patriarcado, por afirmar que “o homem é o patriarcado, que oprime (...) que os direitos são iguais” (Cardoso, 2020f).

Assim como disputa a moralidade sexual com os movimentos LGBTQIAP+, a Universal do Reino de Deus também disputa o sentido e o significado da noção de patriarcalismo, tentando atribuir ao termo um caráter essencialmente positivo, necessário e, sobretudo, justo. Essa disputa pelo sentido e significado da palavra ascende em um período específico, de crescente visibilidade das teorias feministas que, apesar de terem distintos argumentos acerca do uso ou não do conceito de patriarcado, convergem ao denunciar a dominação do gênero feminino e a consequente desigualdade material e imaterial que conflui para que mulheres não consigam ocupar a esfera pública tal qual homens (Biroli, Miguel, 2014).

3.3 OS INIMIGOS AMEAÇAM O REINO: FEMINISTAS, PROGRESSISTAS, MARXISTAS E PORQUE UM CRISTÃO NÃO PODE SER DE ESQUERDA

É possível enquadrar os movimentos feministas como os principais inimigos da família na lógica iurdiana, porque são favoráveis à (des)ordem sexual (capítulo 02) e porque ameaçam o ordenamento divino das relações, questionando as autoridades e as hierarquias existentes no casamento (capítulo 03). Por si só, estes dois argumentos mobilizados por Renato e Cristiane Cardoso já nos possibilitam construir nexos que apontam para o neoconservadorismo iurdiano. No subtópico a seguir, iremos descrever e interpretar alguns dos principais argumentos mobilizados pela IURD para negar, de modo geral, a “esquerda” e os movimentos sociais. Adiantamos que os argumentos possuem uma dupla dimensão: ora comportam justificativas neoconservadoras, ora justificativas neoliberais.

O primeiro motivo que assinala a impossibilidade do verdadeiro cristão se aliar a qualquer tipo de movimento social parte da compreensão de que o princípio de todo movimento é que “você é vítima de algum opressor” (Cardoso, 2020h). No entanto, não existem vítimas *na* ou *para* a Universal do Reino de Deus. Em *Pegue a visão: quando tentaram fazer Jesus de coitado* (2020f), Renato afirmou que:

Hoje, esse espírito de coitado (...) faz muitos grupos de pessoas se sentirem vítimas (...) ele tenta agrupar as pessoas em certos rótulos para que elas se sintam vítimas de opressores. Então, esse espírito fala na cabeça do negro “tadinho de você. Coitadinho, você é negro. Olha só o que o branco fez com você”. Esse mesmo espírito coloca na cabeça das mulheres “coitada de você,

olha o que esse patriarcado, olha o que esses homens opressores fizeram, fazem com você”. Esse espírito coloca na cabeça do pobre “coitado de você pobre, olha o que esses ricos malvados fazem, fizeram com você”. “Coitado de você que não teve pai, que não teve mãe, que não tem família”. Coitado de você isso, de você aquilo (...) esse espírito de vítima, que tem origem nos quintos dos infernos! (Cardoso, 2020f)

Por meio desse excerto, é possível apreendermos que pouco importa qual a condição econômica ou social em que se encontram, qual o país em que vivem, o bairro que moram. Pouco importa se existem desigualdades de renda, recursos, oportunidades. Tanto no ideário neoliberal quanto no discurso de Cardoso, existe o reforço das noções de responsabilidade e de culpa individual, bem como a invisibilização das barreiras estruturais e dos obstáculos sistêmicos que operam na realidade empírica (Wrenn, 2019) e que atingem de formas desiguais cada pessoa. Cabe ressaltar que, para Renato:

O maior poder e mais mal utilizado disponível ao ser humano é o poder da escolha. É verdade que quase nunca temos à nossa disposição todas as opções que gostaríamos para fazer a nossa escolha. Mas, mesmo quando a vida não nos dá escolha, quando nós somos confrontados com uma única opção, ainda assim nós temos a escolha de como lidar com isso (Cardoso, 2020g)

É possível traçarmos um paralelo entre o excerto acima e uma passagem da obra *Fundamentos da Liberdade* (1983), escrita pelo ganhador do Nobel da economia (e importante formulador de ideias neoliberais) Friedrich Hayek:

Embora possa oferecer apenas oportunidades ao indivíduo e o resultado da atividade deste dependa de inúmeras contingências, uma sociedade livre leva o indivíduo a concentrar seus esforços nas circunstâncias que ele pode controlar, como se somente estas condicionassem o êxito de suas ações (Hayek, 1983)

Os excertos convergem ao propor uma invisibilização intencional das condições sociais, econômicas e políticas que interpelam a vida cotidiana. Mas, não podemos nos furtar de fazer uma diferenciação: se a crença na justiça de mercado como única forma possível de justiça é o que torna justificável, no neoliberalismo, a existência de um mundo sem vítimas, composto apenas por perdedores e vencedores, na IURD é a fé racional- ou, a ausência dela - que explica porque algumas pessoas vivem em abundância e outras não.

Essa compreensão está relacionada, fundamentalmente, à prática da teologia da prosperidade, que afirma que a vitória sobre a miséria e os sofrimentos humanos pode ser adquirida por meio da confissão da posse da bênção e da prática do “princípio da prosperidade”, conhecido como “é dando que se recebe”. De acordo com Ricardo Mariano (2014; 1996), a confissão da posse da bênção se refere à crença de que os cristãos possuem o poder de trazer ao mundo, para bem e para mal, tudo aquilo que clamam, confessam e pedem em suas orações

realizadas em voz alta, de modo que “o que é falado com fé torna-se divinamente inspirado” (Mariano, 1996, p. 29). Nesse sentido, se o homem não alcançou seus objetivos é porque a) não tem uma fé verdadeira, fé racional, b) está sendo perseguido por demônios.

De acordo com Mariano (1996, p. 26), a teologia da prosperidade constitui o “conjunto de doutrinas e ritos responsável, em parte, pelo crescimento das igrejas neopentecostais, que desencadearam no pentecostalismo surpreendentes mudanças axiológicas, estéticas, nos padrões de comportamento e no relacionamento destes religiosos com a sociedade”, rompendo com o ascetismo e o sectarismo que, durante anos, caracterizou este segmento religioso.

Mariano (1996, p. 32) compreende que essa teologia pode ser caracterizada por “valorizar a fé em Deus como meio primordial de obter felicidade, saúde física, riqueza e poder terrenos”. Em vez de glorificar o sofrimento, tema caro ao cristianismo, se enaltece o bem-estar do cristão neste mundo” (Mariano, 1996, p. 32). Para os adeptos da TP, a proposta de “experiência direta, pessoal e emotiva com Deus se relaciona diretamente com a ideia de que a conversão conduz ao progresso financeiro” (Spyer, 2020, p. 135).

Os defensores da teologia da prosperidade afirmam que Jesus pregou o evangelho aos pobres justamente para que eles deixassem de ser pobres, de modo que “os reais servos de Deus não são nem nunca serão párias sociais” (Mariano, 1996, p.32). Essa compreensão traduz-se na linguagem iurdiana por meio da afirmação de que, como todo pai, Deus quer que os seus filhos prosperem, que vivam em boas condições. Para Cardoso, “o povo de deus nasceu para ser cabeça, não cauda” (Cardoso, 2020l).

As pesquisas de Côrtes (2018; 2021; 2022), identificam afinidades entre o neopentecostalismo iurdiano e o neoliberalismo. Cabe ressaltarmos que a teologia da prosperidade emerge nos anos 1990, período marcado pela consolidação do neoliberalismo em distintos países e, também, no Brasil. Apesar de reformas administrativas e de políticas econômicas de cunho neoliberal terem sido fomentadas durante o período da ditadura militar no país, a transição para o neoliberalismo apenas se consolidou na década de 1990. Tratou-se de uma “resposta ao endividamento externo e a hiperinflação, que levou à abertura da economia nacional e do mercado financeiro e às reformas gerenciais nas empresas e no Estado como forma de adaptação à nova realidade globalizada” (Andrade, Almeida, Côrtes, 2021, p. 13).

Como vimos, este é o período em que o neoliberalismo, isento dos acordos e compromissos tecidos durante a existência da ameaça real do socialismo soviético, consegue

dar um salto de qualidade na mundialização do capital efetuando sucessivos processos de deslocamento e de descentralização econômica (Galli, 2001).

Enquanto racionalidade política, o neoliberalismo à brasileira topou com racionalidades políticas autoritárias que aqui já existiam, passando a ser constituído por elas e passando a constituí-las. Andrade, Almeida e Côrtes (2021) enfatizam, por exemplo, a sua articulação com o autoritarismo repressivo e violento proveniente da ditadura militar que, embora houvesse acabado, ainda deixava resquícios. É assim que os autores justificam a passagem da “guerra” voltada para o combate e aniquilação dos inimigos internos e externos da Nação que, na década de 1960, voltava-se para os comunistas e desordeiros, para a “guerra” ao crime e ao tráfico de drogas.

Os autores também evidenciam a vinculação neoliberal com a lógica eugênica que, apesar de derrotada nas leis, era “vencedora nas práticas institucionais, e seguia atravessando organizações públicas e privadas no Brasil de modo a distribuir desigualmente garantias, acessos, direitos e oportunidades” (Andrade, Almeida, Côrtes, 2021, p. 14).

Segundo a compreensão de Côrtes (2018; 2021), os anos que se seguiram após a primeira rodada de neoliberalização foram apreendidos, a princípio, como terra arrasada. O efeito das políticas econômicas neoliberais e da reforma do Estado levou ao aumento do desemprego e da informalidade, especialmente para os trabalhadores pouco ou não qualificados. Nas periferias das grandes cidades, o cenário era caracterizado pela sucessiva perda de relevância, poder e prestígio das comunidades católicas eclesiais de base, dos trabalhadores sindicalizados e intelectuais vinculados à classe trabalhadora e pela concomitante ascensão e proliferação de igrejas neopentecostais, assim como pela intensificação do crime organizado, visto como uma alternativa para jovens que vivenciavam o adiamento de suas vidas e a quebra de suas expectativas com relação ao futuro do presente.

Neste contexto, a população periférica passou a ser gerida por dois tipos de ação estatal: a) políticas sociais focalizadas, que classificavam os cidadãos em perfis de vulnerabilidade, qualificando-os como jovens infratores, mulheres grávidas, pobres e b) gestão militarizada, responsável pelo recrudescimento penal, pela criminalização da pobreza e pelo aumento dos encarceramentos (Andrade, Almeida, Côrtes, 2021).

Na década de 2000, o ciclo político dos governos petistas, que pode ser caracterizado pela implementação de um modelo econômico neoliberal perpassado por políticas desenvolvimentistas no interior de um capitalismo financeiro globalizado, viabilizou a

promoção de ações políticas favoráveis à grande burguesia brasileira, ao mesmo tempo em que foi capaz de ampliar a face social do Estado, mediante a dilatação dos investimentos públicos na sociedade (Cavalcante, 2015).

O cenário externo favorável devido ao boom das commodities (que tem seu início no ano de 2003, com as exportações brasileiras para a China) e o aquecimento do comércio internacional possibilitaram aos cofres públicos superávits, viabilizando uma série de políticas sociais e econômicas, tais quais: a política de aumento real do salário mínimo, as políticas de transferência de renda e de crédito subsidiado. Tais políticas, por sua vez, foram capazes de gerar uma mudança significativa na vida de milhares de brasileiros que saíram da base da pirâmide social para os estratos médios, fenômeno popularmente conhecido como “nova classe média” ou “classe C”.

No entanto, segundo Andrade, Almeida e Côrtes (2021, p. 14), “o emergente mercado de baixa renda formado pela classe trabalhadora pouco ou não-qualificada foi alvo de dispositivos de poder por parte do Estado, governos, bancos e empresas”. Tratava-se de uma segunda rodada de neoliberalização, que agora manifestava a face criativa (e não apenas destrutiva do neoliberalismo, conforme argumentou Côrtes (2018)).

Era necessário modular a conduta destes sujeitos econômicos que ascendiam em um mercado de trabalho inédito, mediante o estímulo para que eles transformassem a viração em empreendedorismo popular e para que desenvolvessem as competências e as habilidades necessárias diante das demandas de um capitalismo que exige a reinvenção permanente dos trabalhadores. Após mais de dez anos de reformas de cunho neoliberal, no entanto, a formalização do novo mercado de trabalho se deu sob acordos trabalhistas precários, baixos salários e pouca proteção social e garantias para os trabalhadores.

Se, para Flávia Biroli (2017), os governos do PT representam um ciclo, dentro do ciclo democrático, Andrade, Almeida e Côrtes (2021) enfatizam, por sua vez, que estes governos estavam baseados em um tripé, capaz de envolver e articular as políticas sociais, o neoliberalismo e a lógica de guerra ao inimigo. Sob esta perspectiva, os autores apreendem que, junto das operações de pacificação militar, também ingressaram nas periferias brasileiras bancos e serviços de apoio às pequenas empresas. É neste contexto que a lógica do empreendedorismo passa a disputar com o crime organizado a condução das vidas dos jovens periféricos.

O neopentecostalismo emerge, portanto, como uma “tecnologia social de condução das condutas dos sujeitos periféricos, que opera por inúmeros dispositivos em que os seres humanos são, ao mesmo tempo, sujeitos e objetos dessa condução” (Côrtes, 2021, p. 12). Nesse sentido, a teologia da prosperidade se vincula à lógica neoliberal na medida em que a responsabilidade individual é o seu princípio fundamental, tanto quanto é a verdade incontestável do neoliberalismo (Wrenn, 2019).

Conforme destacado por Wrenn (2019), se a riqueza material pode ser obtida mediante a crença em Deus, então toda ação estatal passa a ser ineficiente e irrelevante. No limite, a ação estatal operaria como uma interferência na relação direta, pessoal, particular e privada do cristão com Deus. Destarte, à teologia da prosperidade é capaz de atravessar qualquer divisão de classe, na medida em que justifica o lugar ocupado por aqueles que estão acima, legitima as aspirações da classe média e dá aos pobres a esperança de que o contrato individual com Deus irá possibilitar o desfrute de toda ordem de bens neste mundo (Wrenn, 2019).

Poderíamos pensar que a própria distribuição de renda passa a ser feita a partir de uma métrica espiritual, operando como um importante dispositivo que justifica as desigualdades provocadas pelo neoliberalismo, que se expande por meio de sempre maiores concentrações de rendas, recursos e oportunidades. Esse movimento é possível na medida em que as desigualdades passam a ser interpretadas como resultantes de uma batalha espiritual entre aqueles que acreditam em Deus e aqueles que não acreditam o suficiente (Wrenn, 2019).

No entanto, não basta apenas firmar um contrato com Deus, no qual se barganha crença, devoção pela salvação eterna e bênçãos terrenas (Wrenn, 2019). Estabelece-se na IURD que somente será recompensado aquele que pratica uma fé racional, uma fé inteligente. Os trabalhos de Abreu (2017) e Côrtes (2021) enfatizam que o agenciamento das subjetividades dos fiéis iurdianos ganhou novos contornos a partir da década de 2010, quando a instituição passou a propagar a ideia de fé racional, que consiste em “estabelecer uma nova relação de si para consigo, o que implica em racionalizar a vida, cumprir desafios, estabelecer metas, trabalhar para a criação de si como um capital humano” (Côrtes, 2018, p. 35).

Em nosso corpus de investigação, despertou atenção a centralidade das noções de sacrifício e de disciplina⁸. Apesar de Teixeira (2012) ter evidenciado os nexos entre o sacrifício e a teologia da prosperidade, queremos dar nossa pequena contribuição a partir da perspectiva

⁸ Em anexo, apresentamos 4 tabelas referentes aos principais pares de oposições que perpassam o corpus documental desta pesquisa, que são as noções de perder e vencer e de sucesso e fracasso. Nestas tabelas, evidencia-se os principais elementos que caracterizam as noções de perder e vencer, ter sucesso ou fracassar.

dos nexos entre o sacrifício, a disciplina e o neoliberalismo que aparecem nas postagens de Cardoso sem tocar, especificamente, na temática da teologia da prosperidade. No episódio 273 da *Escola do Amor, O que suas ações têm falado sobre você?*, Cardoso afirma que:

O que nós sacrificamos fala por nós. Quando oferecemos algo, aquilo se torna o testemunho do ofertante (...) por que qual é o papel de um testemunho? O papel de um testemunho, de uma testemunha, é falar a favor ou contra daquilo que viu. Então não é diferente na nossa vida, este é o modelo pra você que quer mudar de vida. Aquilo que você dá se torna seu testemunho, a favor ou contra. E tudo o que você faz é uma dádiva. Quando você faz o seu trabalho, você vai começar o seu dia de trabalho e você faz questão de chegar no horário, você faz questão de fazer um bom trabalho, independente se o patrão merece, se o cliente merece, se o colega merece ou não, mas você faz porque é uma extensão sua, você entende que o seu trabalho é uma extensão sua, o seu trabalho é o seu testemunho, é a sua oferta, ele fala por você, então você faz questão de fazer aquilo da melhor forma possível (Cardoso, Universal.org, 2019)

Mudar radicalmente a vida é totalmente possível para aquele que, como vimos, tem fé. No entanto, “você nunca chegará a algum lugar sem sair de onde está” (Cardoso, 2021d). O passo de fé consiste em sacrificar e, apesar de estar muito ligado à dimensão da doação material de dinheiro, terras ou posses (Teixeira, 2012), o sacrifício exigido pela IURD também pode envolver a entrega – ou, o deixar ir- lugares e pessoas, crenças e afetos, opiniões e apegos (Cardoso, 2019q). Essas são, normalmente, as coisas que devem ser sacrificadas para a prosperidade da família, segundo a lógica da IURD.

Conforme argumentamos anteriormente, a família é um investimento, assim como também a relação com Deus pode ser enquadrada enquanto investimento. De acordo com Lima, a orientação iurdiana é que “Deus seja pensado como um sócio, o que significa que você terá como sócio o dono do mundo” (Lima, 2008, p. 16). Essa é a perspectiva que ampara as afirmações de Renato e Cristiane acerca do sacrifício.

Para eles, aquele que entrega tudo para Deus, nada tem a perder. Essa pequena frase, que também é o título da autobiografia de Edir Macedo, oculta mais uma das dimensões do neoliberalismo: o risco. Aquele que entregou tudo para Deus, pode tomar atitudes (amorosas e financeiras) arriscadas, atitudes ousadas, porque já não tem mais nada seu para perder. E, segundo Cardoso, quando não se tem nada a perder, só se pode passar a ganhar.

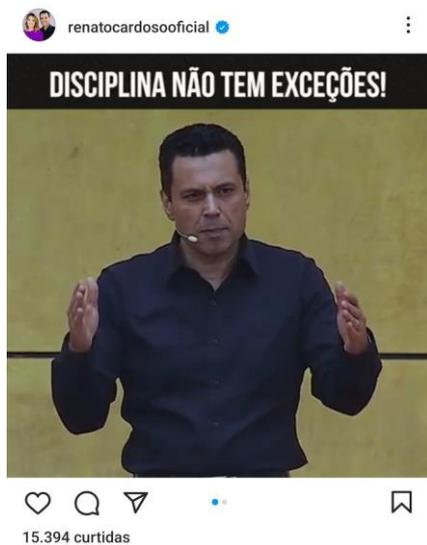
No entanto, não existe fé racional, tampouco sacrifício, que seja suficiente para o sucesso se o crente não for disciplinado. A passagem bíblica de Hebreus (12:11) “toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; Ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que por ela têm sido exercitados, fruto de justiça”, é

mobilizada por Renato que, apesar de reconhecer a dificuldade de ser e manter-se disciplinado, enfatiza que aquele que ama a disciplina, colhe de seus frutos (Cardoso, 2021a).

O bispo enfatiza que "todo mundo quer sucesso no casamento, no dinheiro, no trabalho, na saúde do corpo"(Cardoso, 2020c) e, em busca desse sucesso, as pessoas frequentam faculdades, assistem palestras de gurus, empresários e gastam muito dinheiro com cursos. Apesar de reconhecer que tais atitudes têm o seu valor, porque são autoinvestimentos, Renato argumenta que as coisas podem ser bem mais simples, porque, assim que você adiciona disciplina na vida, estará "irremediavelmente fadado ao sucesso" (Cardoso, 2015).

Mas, diferentemente da disciplina ascética e metódica do protestante clássico escrutinado por Weber (2006), e que envolve sacrifícios e renúncias, além do trabalho árduo e disciplinar, defende-se na IURD uma “disciplina para a ousadia”, uma “tomada de atitude” ou, em outras palavras, um chamamento ao enfrentamento das condições de vida em que a pessoa se encontra.

Cabe destacar que não se trata de uma tomada de consciência crítica acerca do modo de produção capitalista e das desigualdades que engendra. O que a IURD deseja é manter inabalada a espinha dorsal do neoliberalismo: o otimismo com relação à meritocracia. Mas, ao invés de estabelecer a justiça de mercado como promotora de grandes possibilidades para aquele que ousa, concebe-se a mão invisível de Deus, atrelada ao sacrifício daquele que doa tudo de si e da disciplina.



Fonte: imagem extraída da página oficial de Cardoso no Instagram.
Data: 02 de jun. 2023

Ao defender a disciplina para a ousadia em contraposição ao comodismo e ao vitimismo, Renato e Cristiane estão tentando lapidar, ainda mais profundamente, o sujeito neoliberal periférico. A disciplina para a ousadia traduz-se em uma forma de mentalidade muito específica, qualificada por Cardoso como “mentalidade do possuidor” ou “mentalidade de dono” (Cardoso, 2020l). Essa mentalidade, seus valores e concepções de mundo que engendra, é contraposta por Renato à mentalidade historicamente ensinada ao povo brasileiro, “a mentalidade de escravo”, que é também “a mentalidade de empregado, de funcionário público” (Cardoso, 2019r).

Enquanto a primeira refere-se à mentalidade de Deus e aquela que Deus deseja que seu povo desenvolva, a mentalidade do escravo caracteriza-se por ser a seguida pela maior parte da população. Ela não é a mentalidade de Deus, mas sim de todos aqueles que são empregados ou funcionários públicos. Essa é uma mentalidade fixa, que não se expõe ao risco e, por isso, demonstra falta de fé. A mentalidade de possuidor, por sua vez, é a mentalidade daquele que é dono, daquele que, sabendo que seus sonhos são ilimitados, busca um salário igualmente ilimitado. Trata-se de uma mentalidade, portanto, dinâmica, associada ao empreendedorismo em um contexto periférico, no qual as pessoas são constantemente estimuladas a transformar a viração em empreendedorismo.

Em postagens redigidas para seu blog, em episódios do programa *EntreLinhas*, em podcasts como *o Escola do Amor Responde* e *o Inteligência para sua vida*, Renato mobiliza a passagem bíblica de deuterônômio (28:8), “o Senhor mandará que a bênção esteja contigo nos teus celeiros, e em tudo o que puseres a tua mão; e te abençoará na terra que te der o Senhor Teu Deus”, para justificar que a mentalidade que Deus plantou no seu povo, o povo de Israel, é a mentalidade do possuidor, e explica: aquele que tem celeiros, tem terras. Na interpretação de Cardoso, quando também Deus diz que “emprestarás a muitas nações, porém tu não tomarás emprestado” (Bíblia, Deuterônômio, 28:12), estaria afirmando que o seu povo terá condições de emprestar, “e ninguém empresta se não tem o bastante” (Cardoso, 2020l).

Por trás da disciplina da ousadia, que por meio de um determinismo causal que estabelece que, se disciplinados, todos poderão ter sucesso nas distintas áreas da vida, encontramos o culto neoliberal à performance. Partindo da concepção liberal que rechaça a igualdade de condições e foca na igualdade de oportunidades entre indivíduos livres e, também, responsáveis, as lideranças iurdianas pretendem lançar seus fiéis na esfera social do mercado, negando qualquer possibilidade de emancipação humana enquanto projeto político, e

suprimindo também a importância da política para a construção da ordem social. Toda mudança econômica se converte em uma questão de fé individual, aliança com Deus, sacrifício e ousadia.

É possível apreendermos que as lideranças iurdianas estabelecem uma equivalência entre o trabalho de carteira assinada e a escravidão. Observemos:

Muitos pensam que a escravidão acabou no Brasil em 1888, quando a lei áurea foi assinada. “ah, foi abolida a escravidão”. Sim! Aquele tipo de escravidão foi abolido (...), mas, a escravidão não acabou, ela simplesmente mudou de nome. Ela mudou de maneira de ser e, hoje, quem vive de salário em salário, está vivendo como escravo. Por quê? Porque você não trabalha pra você, você trabalha para as empresas que recebem o teu salário todo mês (Cardoso, 2029s).

Abra um negócio, seja um empreendedor, seja você a empresa de si. Ou, como compreendeu Theodor Schultz (1973) em sua teoria do capital humano, seja também você um meio de produção. Além de questionar se se quer ser um pobre *indigno* ou um pobre *merecedor*, questiona-se na IURD o salário mínimo, na medida em que se interroga o porquê de o salário ser limitado, se os sonhos são ilimitados.

O empreendedorismo estadunidense é exaltado por Cardoso como o motor de grandes descobertas e invenções tecnológicas e econômicas ao passo que, sobre o Brasil, diz-se que é um povo guerreiro, mas não plenamente desenvolvido por conta de sua mentalidade. Aqui, é possível estabelecermos umnexo entre o apelo ao empreendedorismo como fonte de inovação e o credo neoliberal que afirma que, ao adotar políticas públicas com a finalidade de priorizar a justiça redistributiva ou mesmo a justiça social, “o governo substituirá progresso por estagnação e colocará a mediocridade uniforme em lugar da variedade essencial para a experimentação que pode trazer os atrasados do amanhã por cima da média de hoje” (Friedman, 1977, p. 13).

Durante um dos momentos mais críticos da pandemia do novo coronavírus, quando ainda não existiam vacinas e centenas de milhares de pessoas perdiam suas vidas, Renato Cardoso (2020m) afirmou publicamente que quem perdeu o emprego devido à situação pandêmica deveria ficar feliz, porque, muito provavelmente, aquele emprego era uma “muleta”, uma “vaquinha”, que tornava a pessoa escrava de um salário que não durava até o próximo mês. Para complementar sua apologia ao neoliberalismo-neoconservador de direita, o bispo convoca os desempregados a se reinventarem. Para ele, toda crise deveria ser vista como uma oportunidade na qual os filhos de Deus poderiam, ao dar o passo de fé (sacrifício) e serem ousados, abrir um negócio, tornando-se empreendedores.

O que não pode é que existam desculpas. Deus não vê valor naquele que se faz de vítima, que não assume o controle pela sua própria vida e que apenas reclama, apontando o dedo para culpados, novamente está implícita a construção discursiva neoliberal que estabelece a responsabilização do indivíduo. Para encorajar seus fiéis com a palavra da fé, Renato enfatiza que Deus não precisa daquilo que o fiel não tem, ele precisa somente daquilo que ele tem. Portanto, qualquer negócio/empresa pode começar com a sua versão 1.0, para que assim possam ter outras e melhores versões.

A partir dessas afirmações de Cardoso, podemos argumentar, portanto, que a vida humana passa a ser “projetada como uma empresa, e, diante dela, é preciso se comportar como capitalista e organizar todos os aspectos da existência em conformidade obediente, autônoma e antecipada com as condições do mercado” (Beck, 2010, p. 72). Seguindo essa linha argumentativa, Pierre Dardot e Christian Laval enfatizam que a realidade neoliberal concebe o mercado como “um processo de autoformação do sujeito econômico” (Dardot, Laval, 2016, p. 140). Tratando-se, mais especificamente, de dinâmicas autodisciplinadoras.

Os autores resgatam a ênfase atribuída por Ludwig Von Mises ao fato de os seres humanos serem dotados de uma racionalidade mínima, que os impele não a simples maximização de seu eu, mas, principalmente, a almejar uma condição de vida melhor. Nesse sentido, para Mises, todo ator social é um empreendedor, que traça metas e objetivos, criando um plano de ação particular, através do qual passa a equacionar meios e fins, custos e benefícios. Diante de uma ordem social caracterizada pela concorrência e pela competição, próprias da generalização do processo de mercado para todas as esferas da vida, os seres humanos são levados a efetuarem escolhas que, no limite, os autodisciplinam e autoeducam. É assim que, ao empreender, os indivíduos aprendem e, ao aprender, eles empreendem. O sujeito do neoliberalismo pode ser compreendido como aquele que:

- a) deve agir como um empreendedor em todas as áreas da sua vida, efetuando sucessivos processos de competição com os demais,
- b) deve ter iniciativa própria, ser criativo, inventivo, produtivo e responsável,
- c) deve maximizar-se a si mesmo, tornando-se adaptável às mais diversas situações, superando as mais diversas situações, para, assim, acumular permanentemente mais renda e valor, reconhecimento e estima social, recursos materiais e imateriais.

Dito isso, fica mais simples compreender o porquê de o único movimento com o qual o cristão deve se preocupar, segundo Renato Cardoso, ser o movimento individual de sua fé e

não os movimentos sociais. Em lentes sociológicas, esse argumento pode ser traduzido como a generalização da retórica em torno do indivíduo autônomo (e responsável), que depende apenas de si, seu sacrifício e disciplina individual, e de sua fé em Deus para ter uma vida em abundância, e que também gera como efeito a dissociação sistemática do homem das identidades coletivas provenientes dos sindicatos e dos partidos políticos, da classe, da nação e do Estado. Inclusive, Cardoso (2020h) estabelece uma equivalência entre os sindicatos e os bandidos. Nas suas palavras, os sindicatos são “bandidos, que acharam os empresários, que mobilizam os trabalhadores, fazem dos trabalhadores massa de manobra para ganhar em cima”. Vemos, portanto, o estímulo e o reforço dado pela IURD para que ocorram sucessivos processos de despolitização das massas.

Por meio da defesa da disciplina para a ousadia é possível, por fim, descortinarmos a maneira pela qual Renato e Cristiane tentam guiar os sujeitos fazendo-os assumir plenamente a expectativa de desempenhar certos comportamentos não apenas no trabalho, mas também na vida amorosa e afetiva (Dardot e Laval, 2016, p. 342).

O segundo motivo que assinala a impossibilidade de um cristão compor movimentos sociais é a afirmação de que *todo* movimento provém do espectro político da esquerda, cuja base (supostamente) é o pensamento de Karl Marx. Mesmo nos cultos, cursos e palestras voltadas exclusivamente para a temática da família, Renato propaga suas opiniões políticas mascaradas de fatos naturais e neutros.

Apesar de enfatizar que não é “nem de esquerda nem de direita”, o bispo afirma que Karl Marx foi quem disse que a religião é o ópio do povo, efetuando o primeiro distanciamento entre o povo de Deus e a esquerda. Conforme destacam Lima, Chaloub e Perlatto (2018, p. 11), para grupos neoconservadores, neoliberais e libertários, “o conceito de esquerda tem como primeiro sentido comum a defesa da centralidade do Estado”. No discurso iurdiano, isso se traduz na concepção de que a esquerda é aquela que quer fechar igrejas e templos, perseguir cristãos, queimar Bíblias, negando a existência de Deus. Na verdade, Renato chega a dizer que, para a esquerda, o Estado é “deus”.

Com base em nosso corpus documental, foi possível descortinar um argumento teológico - que, no entanto, é ideológico-político, mobilizado para justificar o porquê de não fazer sentido o homem de Deus compor movimentos sociais: quando batizado, o cristão se reveste de cristo e “perde as identidades que o mundo dá, que o diabo cria para separar, para conflitar, causar confusão no mundo” (Cardoso, 2020h).

No limite, para Deus não existem ricos e pobres, negros e brancos e Renato arrasta seu argumento até as últimas consequências: não existem machos e fêmeas. É possível que o casal de lideranças iurdianas use este argumento sem cair em contradição porque, quando se abandona o corpo e se considera somente o espírito, as diferenças físicas entre os sexos deixam de existir. É por isso que as diferenças afirmadas pelos movimentos sociais não passam de rótulos usados pelo inimigo para dividir o povo e conquistar o poder.

O inimigo, na teologia iurdiana, é o diabo, que está em profunda relação com o marxismo e a esquerda. Mas, não apenas. Como evidenciamos no início deste capítulo, o diabo é retratado nos discursos iurdianos ao lado da desordem, da bagunça e da rebeldia. É intencional defini-lo por meio destes atributos, porque feministas, progressistas e marxistas aparecem, constantemente, vinculados a estas mesmas características.

Se constrói, assim, uma série de equivalências formais entre a "esquerda" e o "diabo". Essas equivalências são alimentadas e rotinizadas diariamente, favorecendo a desclassificação de debates políticos em nome de verdades morais e espirituais incontestáveis, as verdades declaradas de que falamos anteriormente.

Esquemáticamente, é como se existisse um mal absoluto, encarnado na figura do diabo, do diabólico. O diabo é caracterizado pela indisciplina, pela desordem, pela bagunça e pela rebeldia. A esquerda, igualmente, caracteriza-se pela rebeldia, bagunça e desordem. Logo, a esquerda representa uma das múltiplas faces do diabo e, portanto, é um mal absoluto que precisa ser extirpado para que se restabeleça não apenas o bem, mas a disciplina e a ordem na família.

Existe, ainda, um complemento relevante na argumentação iurdiana: o diabo é o pai da mentira. Nesse sentido, tudo o que a esquerda afirma enquanto verdade revela ser o seu perfeito oposto. Ou seja, aquilo que pessoas de esquerda afirmam é mentira, é ideologia. Diante disso, é possível apreendermos concretamente uma das maneiras pelas quais o autoritarismo neoconservador encontra na religião um forte aliado para favorecer a introjeção de seus valores nas camadas populares da população (Brown, 2006).

Vejamos na imagem abaixo, extraída de uma postagem de Cardoso publicada no ano de 2020, as diversas imagens enquadradas pela IURD para justificar o porquê um cristão não pode ser de esquerda: no canto superior direito, a representação do diabo. No canto superior esquerdo, a cena de um protesto em que mulheres estariam supostamente realizando um aborto na Virgem Maria, ou seja, feministas estariam abortando Jesus Cristo. No centro da imagem, é

possível vermos um jovem, com camiseta vermelha, cor associada à esquerda e, no Brasil, ao Partido dos Trabalhadores, simulando o que seria um chute, o que ilustraria a truculência da esquerda. Também é possível vermos, estampada na camiseta do jovem, a foice e o martelo, símbolo do comunismo, nas cores preta e amarela.



Imagem extraída do portal da universal, disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/um-cristao-pode-ser-de-esquerda/>. Acesso em: 30 de out. 2023.

Queremos destacar que, em oposição à linguagem política moderna, caracterizada por longos e densos discursos, dotados de uma função pedagógica cujo objetivo principal consiste em desenvolver a consciência de si dos cidadãos (Monti, 2021, p. 05), a linguagem política do tempo presente, elaborada no interior do espaço digital, manifesta-se de uma maneira antipolítica, caracterizada por discursos de alto impacto emotivo e por palavras agressivas, bélicas e dotadas de elevada carga sentimental (Han, 2017). Destaca-se também o uso de imagens carregadas de sentimentos, como a apresentada acima.

Em sua cruzada contra os movimentos sociais, a IURD articula tanto a crítica neoliberal de que esses movimentos são promovidos por pessoas vitimistas, quanto a crítica neoconservadora, que não vê possibilidade na vinculação com o espectro político de esquerda. Ele também descontextualiza, fragmenta e deturpa as principais ideias, categorias e conceitos do pensamento marxista, homogeneizando a esquerda intelectual, política e partidária.

No discurso iurdiano, a esquerda é responsável por propagar materiais em escolas que estimulam a sexualização precoce e a masturbação. Agrupada em torno da figura de Karl Marx, a esquerda é responsável por *todos* os movimentos sociais como, por exemplo, o feminismo e, ela também mente ao dizer que luta contra a ditadura, porque é a responsável por ditaduras como, supostamente, as que acontecem na China e na Coreia do Norte. A esquerda é, ainda, aquela que propaga o empoderamento feminino que, no limite, apenas subverte os valores da autoridade e da hierarquia, centrais para a organização e sucesso familiar. A esquerda, que no discurso iurdiano engloba o feminismo, o progressismo e o marxismo, é o mal que ameaça moralmente o reino de Deus na terra, o reino do pai na família e a ordem da nação.

É importante nos atentarmos, finalmente, ao fato de que o neoconservadorismo “utiliza espaços abertos pela democracia na conformação de sua agenda e na implementação de suas estratégias de defesa de uma agenda moralizante” (Biroli, Machado, Vaggione, 2020, p. 45), movimento realizado também por Renato e Cristiane Cardoso. Finalizamos este capítulo recordando que os atores religiosos, especialmente os neoconservadores, são “partícipes nos processos recentes de transformação das democracias, em um momento em que seu sentido está em xeque” (Biroli, Machado, Vaggione, 2020, p. 30).

4 CUIDADO E RESPONSABILIDADE NA FAMÍLIA-EMPRESA

O objetivo deste capítulo é propor uma discussão acerca do cuidado na família. Quem é o membro ou quem são os membros responsáveis pela criação dos filhos na família iurdiana? Quem é ou quem são os responsáveis pelo trabalho doméstico? Seria a mãe, o pai? Seria o Estado? Por meio dessas questões, pretendemos compreender se existe uma divisão sexual do trabalho nos moldes defendidos pelo neoconservadorismo na IURD e se a esfera familiar é privatizada, confluindo com os efeitos dos processos de neoliberalização. Concluímos esse capítulo, por fim, apresentando os argumentos iurdianos utilizados para se negar o divórcio, evidenciando o porquê de ele ser interpretado como uma atitude burra.

4.1 QUEM CASA, QUER CASA. MAS, QUEM CUIDA DA CASA?

A família iurdiana não representa apenas uma ordem moral, conforme trabalhamos no capítulo anterior. Ela é, também, uma rede de proteção e de segurança econômica, configurando uma alternativa abrangente ao Estado Social (ou a ausência dele). A família-empresa iurdiana é a principal instituição responsável por favorecer as condições para o pleno desenvolvimento de seus cônjuges-sócios-investidores.

Conforme argumenta a socióloga estadunidense Johanna Brenner (2010, p. 190), “o romance do capitalismo de mercado, de uma sociedade organizada pelo individualismo, só é possível se as famílias existem para recolher os pedaços”. A frase de Brenner (2010) sintetiza a ideia de que as famílias são responsáveis por arcar com as necessidades e despesas de seus membros, pensamento que pode ser encontrado tanto em grupos neoconservadores, quanto neoliberais e, também, na Universal do Reino de Deus.

A família, não o Estado, aparece como a principal instituição responsável pelos indivíduos. É ela quem deve investir no capital humano. Desde creches e asilos, passando pela educação, saúde e transporte, até o consumo de bens, serviços e mercadorias em geral, é a família quem também deve dar suporte econômico e afetivo quando a aventura empreendedora não rende saldos positivos e o indivíduo fracassa.

Sob o prisma da privatização familiar, a defesa de uma concepção de família heterossexual, monogâmica, pautada na legalidade do casamento, na complementaridade dos papéis desempenhados por homens e mulheres e na moral sexual cristã é mobilizada, na medida em que é funcional para naturalizar e reproduzir hierarquias convencionais contidas no interior da própria família e da sociedade, e que dizem respeito ao gênero, a sexualidade e a própria divisão sexual do trabalho (Biroli, 2018; Biroli, Machado, Vaggione, 2020).

Ela funciona para alocar responsabilidades sociais quanto ao cuidado de crianças, idosos e doentes, eximindo o Estado de arcar com tais “gastos” e delegando aos membros adultos e empregados das famílias a responsabilidade do “investimento”. Sobre isso, queremos chamar atenção a uma dimensão da racionalidade neoliberal, que consiste em mudar radicalmente o sentido e o significado das organizações e instituições da democracia e do Estado. Diferentemente do que prega o senso comum, o Estado é uma instituição fundamental para os neoliberais, nunca tendo se tratado de um Estado “mínimo”.

Friedrich Hayek (1977, p. 37) argumenta que “em nenhum sistema racionalmente defensável o Estado ficaria sem nada a fazer”. É o Estado quem deve fomentar e preservar as condições para que a concorrência seja criada, garantindo a integridade do dinheiro, da propriedade privada e do pleno funcionamento e desenvolvimento dos mercados. É também o Estado quem deve favorecer a criação de mercados nas esferas da vida em que eles ainda não existam. Nas palavras de Christian Laval (2020, p. 43), “o Estado deve encontrar sua legitimidade no bom funcionamento econômico da sociedade, ativando nela, para isso, a operação máxima do jogo da concorrência”. Atravessado pela racionalidade neoliberal, o Estado deve também se construir mediante os crivos do mercado. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que o indivíduo se verte em capital humano, a educação deixa de ser um “bem público” para se transformar em um “investimento” privado, assim como são esvaziadas as instituições públicas com relação à saúde, habitação, transporte, garantias e proteções sociais.

Nesse cenário, são especialmente as mulheres que se tornam as responsáveis pelo cuidado de entes familiares e pelos trabalhos domésticos nas famílias em que a possibilidade de pagar por tais serviços inexistente e nos cenários em que a agenda de privatização neoliberal e as medidas de austeridade fiscal, por exemplo, suprimem os serviços públicos.

É por isso que se faz necessário reafirmar o papel convencional da mulher como mãe, assim como a sua predisposição natural para a maternidade e os assuntos familiares. De fato, é impossível falar em família na Universal do Reino de Deus sem recorrer à centralidade das mulheres. A aparente indissociabilidade entre esposa e arranjo familiar fica explícita nos programas, palestras, cultos e livros escritos pelo casal Cardoso.

É Cristiane quem nos ajuda a sintetizar essa observação por meio de uma simples frase dita, repetida e escrita por ela em várias ocasiões: a mulher é a rainha do lar (e a joia da coroa de seu marido). Mas, ser rainha do lar significa ser responsável por tudo o que representa a esfera doméstica e, conseqüentemente, ter menos tempo disponível para as atividades do “mundo público” (Biroli, 2018).

Uma coisa que chamou nossa atenção ao entrar em contato com o objeto desta pesquisa foi que Cristiane até mesmo apresenta para as leitoras de seu blog dicas práticas de como se deve limpar e arrumar uma casa. Vejamos dois exemplos:

HÁBITOS DO LAR

CARDOSO, Cristiane. Hábitos do lar. Universal.org, 05 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.universal.org/cristiane-cardoso/post/habitos-do-lar/>. Acessado em: 15 de novembro de 2023.

Descrição do Portal Online

Mesa – coma junto com a sua família, senão der, prepare a mesa para eles. Numa mesa colocamos uma toalha ou jogos americanos, guardanapos e os utensílios que serão usados (...)

Quarto – Ao esticar bem o lençol e a colcha (e cobertor), já dá uma ótima impressão. Como ela é decorada também (...) já seus armários falam da sua organização ou desorganização. Arrume-os para facilitarem a sua vida.

Sala – O que o lugar que as suas visitas conhecem diz de você? Será que é aconchegante, tem personalidade?

Cozinha – Dê uma ajeitada na organização e limpeza dos armários, geladeira, fogão (...). O ideal é uma cozinha que você tenha espaço para trabalhar, por isso não adicione muita decoração e guarde o que puder.

Banheiro – A primeira coisa que chama atenção num banheiro é a limpeza. Existem várias coisas que sabotam a limpeza de um lugar, mas uma delas é a bagunça (...)Então além da limpeza, sempre mantenha as coisas no lugar (...)

LIMPEZA DOS PISOS

Cardoso, Cristiane. Limpeza dos pisos. Universal.org, 03 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.universal.org/cristiane-cardoso/post/limpeza-dos-pisos/>. Acessado em: 15 de novembro de 2023.

Descrição do Portal Online

- Produtos de limpeza não devem ser jogados diretamente nos pisos, pois podem manchá-lo. É necessário, portanto, diluir os produtos em água ou seguir as instruções de uso.

- Os cantos do piso não podem ser esquecidos e os produtos utilizados não devem deixar os pés “grudando” no chão.

- Casas ou apartamentos cujos pisos são de cerâmica devem ser lavados e esfregados com água e sabão periodicamente. (...)

- Vale a pena usar tapetes, pois além de decorar, eles também dão um toque aconchegante no ambiente. O problema é que é mais um na lista de itens na casa para serem limpos e aspirados.

TETOS e AZULEJOS

- No teto não deve ter teias de aranha, gordura (cozinha), manchas de infiltrações, buracos, etc.

- As manchas de infiltrações deverão ser logo descobertas e combatidas, pois podem significar um problema mais sério de conservação ou canos arrebentados e furados.

- O mesmo cuidado que se tem com os pisos e paredes deve-se também ter com os azulejos. Quando estão encardidos causam má impressão em toda a casa. (...)

Cristiane ensina para as mulheres que o lar fala sobre a fé em Deus, funcionando como um testemunho da vida daquela que almeja ser santa. Para ela, nada adianta uma esposa ser dedicada na obra de Deus se, por sua vez, pouco faz dentro de sua própria casa. É por meio do cuidado e da manutenção do lar que as pessoas julgarão se, naquela casa, vive uma esposa suja ou limpa, desorganizada ou organizada, relaxada ou cuidadosa, criativa ou sem graça. Queremos chamar atenção ao fato de que essas e outras postagens sobre o cuidado com a casa⁹ foram feitas no blog pessoal de Cristiane, cujo público é composto exclusivamente por mulheres. É para elas que Cristiane fala.

Contudo, nas 267 postagens que selecionamos no blog de Renato não encontramos nenhuma que abordasse dicas sobre organização doméstica ou sobre a importância de uma casa arrumada, muito menos sobre como a mesa deve ser posta e os azulejos esfregados. Não nos parece nem um pouco contraditório que, no episódio nº 278 do Escola do Amor, o bispo

⁹ Para a realização desta dissertação, utilizamos as postagens sobre família contidas no blog de Renato Cardoso entre os anos de 2017 e 2021. No entanto, criamos também um corpus documental composto por 153 postagens feitas exclusivamente por Cristiane Cardoso, de modo que essas postagens também foram coletadas, transcritas e interpretadas seguindo os passos metodológicos detalhados no capítulo 01.

apresente os resultados de uma pesquisa feita na Suíça que apontavam para o maior número de divórcios entre os “casais modernos” que dividiam as tarefas domésticas do que entre aqueles casais “tradicionais”, nos quais a mulher é a responsável pela grande maioria das tarefas.

Na tabela abaixo, apresentamos o título de três postagens extraídas da página de Renato ao lado de suas ideias principais, para evidenciar que, apesar de existir, como argumentamos no capítulo anterior, um protagonismo atribuído à mulher na família, ele está condicionado à manutenção do lugar de cada um de seus membros. Vejamos:

<p><u>Estudo Choca Feministas: Casais Que Dividem Tarefas Divorçam Mais!</u></p>	<p>- Nós dizemos sempre, é muito bom que haja papéis claros e diferentes no casamento, tanto para o homem quanto para a mulher, porque quando esses papéis não são muito claros, é como se um ficasse pisando no calo do outro, um ficasse tomando o lugar do outro (Cardoso, Universal.org, 2019)</p>
<p><u>Sucesso Na Carreira Vs No Amor</u></p>	<p>- Homens são simples de amar. Tudo que queremos é uma mulher que seja agradável. Que cuide do marido, se dirija a ele com respeito, e seja companheira. Não ressentimos o sucesso delas, ao contrário. Só não queremos ser tratados como funcionário em casa também — constantemente ser confrontados, ignorados ou mandados a isso ou aquilo (Cardoso, Universal.org, 2017)</p>
<p><u>Dinheiro Não É Sinônimo De Casamento Feliz</u></p>	<p>- Homens antigamente achavam que bastava trazer dinheiro para casa e colocar a comida na mesa para serem ótimos maridos. O resultado em muitos casos eram esposas excluídas, anuladas, vistas apenas como mães e donas de casa.</p> <p>- Hoje muitas mulheres, rejeitando este modelo, têm partido para a independência financeira para provarem que não precisam de um homem para sustentá-las. O resultado em muitos casais tem sido desde homens acomodados, sustentados por elas, até homens anulados, desrespeitados por suas esposas (Cardoso, Universal.org, 2017)</p>

Fonte: dados de pesquisa.

Como desenvolveremos no quinto capítulo deste trabalho, os homens são representados como caçadores e conquistadores na IURD. Eles precisam ser constantemente estimulados a desenvolverem compromisso com a família. Desperta atenção que, até mesmo os blogs de Renato e Cristiane ilustram, de certa forma, a divisão sexual do trabalho. Enquanto o espaço de Cardoso apresenta as questões públicas desenvolvidas por ele em suas funções de bispo, professor e apresentador da Escola do Amor, o blog de “dona Cris”, como é popularmente conhecida, é revelador de assuntos privados. Em suas postagens, Cristiane descreve momentos de sua história familiar, inclusive com fotos da família Bezerra-Macedo, além de meditações em torno da palavra de Deus feitas por ela e direcionadas para filhas, esposas e noivas e, como vimos, dicas práticas de organização doméstica.



Imagens extraídas do portal online oficial da igreja Universal do Reino de Deus. Disponíveis em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/blog/> e <https://www.universal.org/cristiane-cardoso/>

Na imagem, vemos as capas dos blogs de Renato e de Cristiane que, por si só, manifestam esteticamente as diferenças entre uma dimensão pública, impessoal e profissional (referente ao blog do bispo Renato) e uma dimensão privada, pessoal e doméstica (referente ao blog de Cristiane). Destaca-se que a apresentadora está fazendo, com as mãos pousadas delicadamente em seu queixo, a pose oficial do *Godllywood*¹⁰, programa cujo principal objetivo consiste em inculcar o gênero feminino, a partir da visão de mundo iurdiana, em adolescentes e jovens mulheres (Teixeira, 2012).

As cores utilizadas na capa de seu blog, as flores e a fonte da letra favorecem uma imagem de intimidade, apontando para a personalidade daquele espaço digital, íntimo e acolhedor, tal como deve ser a família, a esposa e o lar. Por sua vez, a capa de Renato apresenta cores sólidas e escuras, transmitindo a seriedade do homem de Deus. Todo este trabalho desenvolvido pelas lideranças iurdianas intencionalmente reforça e naturaliza a reprodução de uma forma binária de classificação entre masculino e feminino (Machado, 2018) que, na IURD, aparece em torno das noções de homem e de mulher. Conforme também apreendeu Jacqueline Teixeira (2014), até mesmo nos cultos de pregação estabelece-se na IURD uma divisão e uma hierarquia entre dois espaços distintos, o átrio, em que, sobretudo mulheres, realizam os serviços sacerdotais e o altar, espaço ocupado pelos pastores e bispos que transmitem a palavra sagrada do espírito santo.

¹⁰ Acerca do desafio *Godllywood*, ver os trabalhos de Teixeira (2012; 2014; 2021).

Apesar de seguirem o receituário neoconservador que afirma a disposição natural das mulheres para a maternidade, defendendo os papéis tradicionais de gênero e a divisão sexual do trabalho, Renato e Cristiane também reconhecem que as mulheres não apenas podem como, em muitos casos, precisam exercer uma atividade remunerada para contribuir com a prosperidade da família. Eles assumem tal realidade e estimulam, em certo sentido, o empreendedorismo feminino.

No entanto, existem limites. Cristiane Cardoso afirma a impossibilidade de se ter uma carreira e uma família de sucesso. A mulher pode trabalhar, mas não deve jamais “competir” com homens, procurando cargos de alta posição porque, para alcançá-los, terá que abrir mão de sua família. A mulher, gênero do sacrifício na IURD, é aconselhada a deixar sua carreira e seu futuro profissional em nome da harmonia de seu lar.

Enfatiza-se na Universal que, para uma criança, ter o “papai fora de casa para trabalhar e mamãe em casa, tudo certo. Mas, papai em casa e mamãe fora? Não, não é ok” (C. Cardoso, 2019t). A justificativa é que o papel da mulher dentro do lar é diferente daquele desempenhado pelo marido. Existe uma ligação politicamente construída, mas espiritualmente naturalizada, entre a mulher e a domesticidade nos discursos iurdianos. Existe uma razão pedagógica que, por meio de Renato e Cristiane, ensina às esposas e mães, homens e maridos, quais são os seus papéis e os seus lugares naturais (Teixeira, 2018).

Poderíamos, no entanto, nos questionar que, quando faltam escolas e creches, é pertinente convocar as “rainhas do lar” para amparar, educar e cuidar de seus filhos, enquanto seus maridos cuidam dos encargos da masculinidade. Acreditamos que, devido à consciência do espaço social em que seu público se insere, cenários caracterizados pela pobreza, pela ausência do Estado, e sem infraestrutura básica, e também por pregarem a privatização sempre mais intensa da esfera familiar, consequências de políticas econômicas neoliberais, as lideranças iurdianas promovem uma representação de família “centralizada no casal” (Teixeira, 2012, p. 70), operando um distanciamento entre o casamento e a maternidade.

Na IURD, o ato sexual, como desenvolvemos anteriormente, não encontra sua finalidade na reprodução, mas na manutenção da monogamia. Na década de 1990, Machado (1996) já havia apreendido que as mulheres iurdianas são ensinadas sobre a contraceção e Teixeira (2023, p. 753) nos informa quais são os três principais métodos estimulados pela IURD para o controle da natalidade: esterilização masculina, aborto induzido e adoção. A contraceção é estimulada como parte da disciplina familiar para o sucesso (Teixeira, 2012). No entanto, cabe destacar que o cuidado feminino que deveria ser direcionado aos filhos é

redistribuído para o cuidado que a esposa deve ter com o marido. É necessário que a mulher esteja disponível para cuidar das roupas do marido, de sua comida, dando acolhimento emocional, além de realizar as tarefas domésticas não remuneradas, conforme já argumentamos.

Mulheres fortes são definidas como aquelas que fazem o possível e, por que não tentar o impossível, para a manutenção de suas famílias. Ou seja, elas podem fazer jornadas duplas, até mesmo triplas, trabalhando remuneradamente fora de casa, trabalhando não remuneradamente dentro de casa, agenciando o cuidado daqueles que precisam e a criação dos filhos. Ou se aceita estas condições ou se aceita que o casamento viverá para sempre sob o risco iminente do divórcio. No entanto, o que dizem as lideranças iurdianas sobre o divórcio? O que acontece quando todo o investimento na família-empresa não é suficiente para manter os cônjuges em parceria?

4.2 SÓCIO INTELIGENTE NÃO DIVORCIA: FIDELIDADE FINANCEIRA

Apesar de admitirem que Deus, sabendo de quão perverso pode ser o coração humano, concede o divórcio em casos específicos, Renato e Cristiane reprovam essa atitude menos por motivos religiosos e mais por motivos econômicos. Não um pecado, mas uma burrice, assim pode ser compreendido o divórcio.

Entre os anos de 2017 a 2021, as separações dos cantores Gustavo Lima e Luan Santana, do ex-jogador de vôlei Bernardinho, dos atores internacionais Brad Pitt e Angelina Jolie e de Russell Crowe e Danielle Spencer, de Bill Gates e Melinda French Gates e, até mesmo das brasileiras Juju Salimeni e Gisele Bündchen, foram comentados por Renato e Cristiane, que anunciaram que a epidemia do divórcio apenas aumenta, no Brasil e em distintos países.

Para Cardoso, é pouco inteligente o homem que ignora um simples fato: “todo casal vive em sociedade financeira” (Cardoso, 2020e). Não queremos ser exaustivos, mas é importante frisar que, como vimos anteriormente, tanto os cônjuges são interpretados como capitais humanos quanto a família é um investimento. O bispo afirma que casais inteligentes são aqueles que se preocupam em saber “quais as necessidades do meu cliente, da minha cliente? Cabeça de empresa!” (Cardoso, 2020f).

Em seus discursos e textos, Renato e Cristiane, por meio de uma linguagem simples e direta, difundem a universalização da racionalidade de mercado para todas as dimensões e atividades da vida humana, assim como propagam a generalização da forma empresa para a esfera familiar. O movimento feito pelo casal não deve ser compreendido apenas como a construção de equivalências formais entre a família e a empresa, o casamento e o negócio, a

conjugalidade e a sociedade financeira. Trata-se, como já mencionamos, da economicização da própria noção de família, movimento que expressa uma das faces do neoliberalismo iurdiano.

Seguindo essa compreensão, temos que, ao se divorciar, os cônjuges-sócios-investidores terão que dividir os bens conquistados por meio de grandes esforços e ao longo de anos de união. Atitude que, na lógica iurdiana, é desprovida de sentido. Além disso, o divórcio é uma grande perda de tempo, e tempo é dinheiro, tempo é investimento feito em uma coisa ou pessoa que, depois, não volta. Vejamos a passagem abaixo:

Aí fora tem um ditado que diz assim “atrás de todo homem de sucesso sempre há uma mulher”, não é verdade? Já ouviu isso? Eu digo que atrás de todo homem fracassado há, pelo menos, duas. Infidelidade, traição, pensão alimentícia. É ou não é? A infidelidade... ela anda junto com o fracasso. Não é só no casamento, não. Não é só no casamento. Em qualquer esfera da vida, em qualquer área da vida profissional, em qualquer área, ninguém tolera o infiel, o traidor. A infidelidade, ela atrai o fracasso (...) A fidelidade, ela anda junta com o sucesso. Então, por isso, se diz que atrás de um homem de sucesso sempre tem, não digo atrás, mas, do lado de um homem de sucesso tem uma mulher forte, uma mulher que é companheira, que é a sua auxiliadora idônea (Cardoso, 2020c).

O excerto acima faz parte da postagem *Infidelidade no relacionamento: cura e prevenção* e, além de evidenciar mais um dos aspectos negativos do divórcio (a pensão alimentícia), também tece associações entre o sucesso pessoal e profissional, familiar e econômico com o comportamento daquele que é fiel. Como argumentamos no primeiro capítulo, Renato e Cristiane defendem que a fidelidade deve ser física, ou seja, os cônjuges não podem manter relações sexuais com pessoas externas ao relacionamento. Mas, também precisa ser emocional, porque o “coração não deve ser levado por sentimentos e fantasias envolvendo outra pessoa” (Cardoso, 2017a). Mas, a fidelidade deve ser também financeira.

Em um casamento inteligente, é fundamental que exista transparência total sobre o uso do dinheiro entre os cônjuges. De acordo com Cardoso (2020d) “quando o casal está bem ajustado, o natural é que ambos prosperem. Casamento não é só dividir contas, mas uma oportunidade de crescer junto com o seu melhor sócio: o cônjuge”. Para os líderes iurdianos, a infidelidade financeira “costuma figurar entre as principais razões do divórcio” (Cardoso, 2019b), por isso é necessário que marido e esposa saibam qual o salário um do outro, organizando metas e conversando sobre os gastos que possuem, novamente o empreendedorismo é estimulado, na medida em que Renato, ao falar sobre a economia do lar, sempre interroga se os cônjuges pensam em se tornar empreendedores.

Assim como em uma boa empresa, Renato aconselha o uso de uma planilha para o orçamento familiar, constando as receitas, despesas fixas, despesas variáveis e situação líquida da família.



Fonte: imagem extraída da página oficial do *The Love School* no Instagram. Data: 20 de set. 2023

Se, por um lado, a fidelidade a Deus possibilita que o crente exija do próprio Poderoso uma prova de sua grandeza, “determinando o seu desejo de prosperar não como quem pede ou suplica, mas como quem reivindica um direito” (Lima, 2008, p. 20), a articulação entre a fidelidade física, emocional e financeira, por outro lado, é o que assegurará aos cônjuges o sucesso na família-empresa. Destacamos que a fidelidade apenas será conquistada e mantida quando um sócio-cônjuge-investidor trabalhar duro para servir ao outro. Quando homem e mulher, marido e esposa, aprendem a servir, a fazer o trabalho modular que envolve o partilhar a vida, eles se tornam uma só carne, atitude que é “como construir uma grande empresa” (Cardoso, 2018b).

Ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa pudemos apreender que a própria noção iurdiana de *fidelidade* opera como um dispositivo capaz de, por si só, envolver e articular valores neoconservadores e neoliberais. A fidelidade física é responsável por assegurar a monogamia e limitar a sexualidade, portanto, regulando a moralidade do cristão. Esses são valores defendidos por grupos neoconservadores, assim como o combate à cultura popular, sobretudo aos filmes e novelas de romance e, em certa medida, à pornografia, temas caros da fidelidade emocional. Com relação à fidelidade financeira, ela é responsável por descortinar a face mais aparente do neoliberalismo iurdiano, que é aquela que difunde o modelo de empresa para a família, fazendo com que a família seja administrada como uma empresa. Para Cardoso (2019a), “fidelidade e sucesso andam juntos”, de modo que pensamos ser necessário nos atentar

para o sentido e o significado da fidelidade na família que, pensamos, pode ser compreendida como um dispositivo neoconservador-neoliberal.

Até o presente momento, reconstruímos a representação de família propagada e defendida na Universal do Reino de Deus. Nas páginas seguintes, iremos apresentar ao leitor a maneira pela qual Renato Cardoso mobiliza um discurso que denuncia a existência de uma crise na instituição familiar. Nosso objetivo é evidenciar como a suposta crise na família se transforma em uma crítica à nação. Ao realizar esse movimento, as lideranças iurdianas se posicionam como importantes atores nas disputas públicas e políticas do tempo presente, especialmente no que toca ao neoconservadorismo-neoliberal.

4.3 *CRISE NA FAMÍLIA E CRÍTICA DA NAÇÃO: O NEOCONSERVADORISMO-NEOLIBERAL E A UNIVERSAL DO REINO DE DEUS*

De acordo com Cardoso, o quinto mandamento bíblico, *honra teu pai e tua mãe*, é o mais importante entre todos. Ao transmitir para Moisés os dez mandamentos que deveriam servir como lei para o povo hebreu que, durante 400 anos, viveu sob os grilhões da escravidão e, portanto, sem conhecer lei nenhuma, Deus destacou a importância da família pois uma nação forte começa com uma família forte. Além de associar a construção de uma nação com a formação de famílias, tal qual Abraão e Sara deram origem à Israel, a argumentação de Cardoso é interessante porque equipara o esfacelamento de uma nação com o enfraquecimento das famílias, processo que estaria ocorrendo no Brasil e em outros países do globo, segundo o bispo.

No discurso iurdiano, assim como na trama política hodierna, família e nação constituem duas linhas de força que se cruzam e se emaranham. Mas, mais do que isso, a família opera como uma metáfora para a nação. A crise cultural denunciada por atores neoconservadores, e que se manifesta, primeiro, na família, é a crise que está também desestruturando o país. Esse é o discurso que favorece a costura entre narrativas e alianças políticas, econômicas e culturais firmadas por distintos grupos que se dizem preocupados, como Cardoso, com o declínio da família e dos valores familiares tradicionais.

Queremos chamar atenção ao fato de que a maioria das postagens que mobilizamos para a elaboração da dissertação foram publicadas por Renato e Cristiane entre os anos de 2019, 2020 e 2021, dentro de um recorte temporal que engloba os anos de 2017 e 2021. Esse é um dado interessante, na medida em que evidencia que a IURD está dando continuidade à denúncia de uma suposta crise na família que circula nos debates públicos e políticos do país desde meados de 2015.

Sabemos que a paisagem política brasileira foi marcada, no curso da última década, por uma série de acontecimentos inesperados e impactantes. Protestos de rua que inicialmente eram pelo aumento das passagens do transporte público e que, inclusive, reivindicavam por justiça social, logo se transformaram em manifestações massivas contra a corrupção do Estado e contra o governo do Partido dos Trabalhadores. Essas manifestações, conhecidas como jornadas de junho de 2013, marcaram o início de uma reação neoconservadora no país, ainda que dispersa. O ano de 2013, não podemos esquecer, foi aquele em que as direitas retornaram às ruas, algo inédito desde a década de 1960, quando o país vivenciava a ditadura militar.

Os estudos da cientista política Marina Lacerda (2020; 2019) evidenciaram que, já em 2015, esses atores neoconservadores passaram a se apresentar socialmente de modo coordenado. Ainda no ano de 2015, Sávio Cavalcante apreendeu a formação de um (neo)conservadorismo-neoliberal no país, propagado sobretudo pela classe média e definido pelo sociólogo como uma "combinação particular de rechaço ao que seriam experimentos utópicos que visam justiça social com a defesa do livre mercado e das ideias justificadoras a ele" (Cavalcante, 2015, p. 192). Débora Messenberg (2017) chegou a resultados semelhantes, mediante a investigação das emissões discursivas dos principais veículos midiáticos formadores de opinião da direita brasileira que, no período, se articulavam em torno de três campos semânticos, a saber: o antipetismo, o conservadorismo moral e o neoliberalismo.

Em 2016, por sua vez, nosso ciclo democrático se rompe, junto ao golpe que levou à deposição da presidente democraticamente eleita, Dilma Rousseff. Importante lembrarmos que “o processo de votação do impeachment foi conduzido pelo congresso federal considerado pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar como o mais conservador desde 1964” (Fhoutine, Andrade, 2019, p. 167). Durante a votação para a admissibilidade do processo de impeachment de Dilma, o termo família foi o terceiro elemento mais utilizado pelos deputados para justificarem seus votos, sendo mencionado por 136 pessoas, de um total de 513 (Prandi, Carneiro, 2017). De acordo com o antropólogo Ronaldo Almeida (2017, p. 78), os discursos políticos realizados na Câmara dos deputados foram “parcialmente atravessados pela linguagem religiosa, que englobou e se articulou a valores tradicionais como família e nação”, o que já era um indicativo inicial das linhas de força que viriam a se consolidar na política brasileira. A linguagem religiosa, inclusive, misturou-se com discursos econômicos pró-mercado, como argumentam Santos (2020) e Quintela (2020).

Com a decisão favorável, por maioria qualificada, na câmara dos deputados e, posteriormente, com a aceitação do impeachment pelo Senado Federal, Michel Temer (PMDB)

ascendeu ao posto de presidente interino do Brasil, o que significou um ataque direto à democracia brasileira e suas instituições. O governo de Temer é paradigmático porque acelerou a agenda de privatizações e de desregulamentações políticas da economia, iniciando uma terceira rodada de neoliberalização no país (Fhoutine, Andrade, 2019; Andrade, Almeida, Côrtes, 2021).

Declarando abertamente que iria aproveitar da impopularidade como presidente interino para aprovar medidas também impopulares, Temer foi o responsável por implementar a Emenda Constitucional (EC) 95/2016 que congela os gastos públicos em áreas como a saúde e a educação e pela Reforma Trabalhista (Lei 13.467/2017) que, vendida sob o slogan da ampliação da competição e do estímulo à economia mediante a redução de encargos para os empresários, apenas aprofundou a supressão dos direitos dos trabalhadores, passando a priorizar, por exemplo, as negociações coletivas entre empregadores e empregados em detrimento das legislações trabalhistas e a estimular o trabalho intermitente. Em seu mandato, também foram suspensas as políticas referenciadas por uma agenda pluralista, voltada para a promoção dos direitos humanos e da igualdade de gênero e racial (Biroli, 2017).

Em relação ao ciclo democrático, iniciado com a promulgação da constituição de 1988, a deposição de Dilma Rousseff representou o recuo a um momento anterior ao seu ponto de partida. O desfecho deste período é experimentado por todos nós, brasileiros: uma época de polarização política e de radicalização social, de aversão aos partidos políticos tradicionais e de descrédito com relação às instituições democráticas e à própria Política.

Diante desse cenário, por Deus, pela pátria e pela família, no ano de 2018, Jair Bolsonaro é eleito presidente da República, com uma vantagem de 11 milhões de votos sobre o candidato petista, Fernando Haddad.

Bolsonaro representa a verticalização da política na figura de um líder que reivindica para si o monopólio da representação popular e desqualifica as instituições intermediárias da democracia representativa como, por exemplo, os sindicatos, as associações e os partidos políticos. Ao se opor aos partidos políticos tradicionais e aos políticos profissionais, identificados como corruptos e parasitários, ele se apresenta socialmente como o representante do verdadeiro povo brasileiro. O povo simples, trabalhador e honesto. Bolsonaro seria o homem, viril, cristão e moralmente saudável, responsável por acabar com a corrupção, a ineficiência da política e a doutrinação perversa dos governos petistas, da ideologia de gênero e da doutrinação marxista/comunista que levou o país ao declínio econômico e cultural.

A proposta e a propaganda política de Bolsonaro se apoiaram na moralização do debate público, na identificação de seus adversários políticos com inimigos da ordem moral e religiosa e na defesa do estatuto da família, do nascituro e do programa escola sem partido, pautas que se relacionam intimamente com a defesa da família, dos valores familiares e da vida ou, em outras palavras, pautas elaboradas e defendidas por agendas neoconservadoras, nacional e internacionalmente. Ao mesmo tempo, Bolsonaro, que durante quase duas décadas de vida pública (2000 a 2018) não havia feito nenhuma menção a políticas econômicas neoliberais, tendo apenas criticado as privatizações realizadas pelo governo de Fernando Henrique Cardoso (Lacerda, 2020), passou, então, a afirmar, durante os seus discursos e aparições públicas, a virtuosidade do livre mercado, tecendo críticas ao Estado dispendioso, responsável por permitir a existência de indivíduos preguiçosos, irresponsáveis e vitimistas. Indivíduos que, ao invés de estarem se arriscando no livre mercado, empreendendo e se tornando autossuficientes, são dependentes de programas e políticas sociais e, ainda, de auxílios governamentais.

Em seu plano de governo, intitulado *O caminho da prosperidade*, Bolsonaro prometeu uma nova forma de governar, na qual os cidadãos teriam menos Brasília e mais Brasil. No documento, o atual mandatário diz ser defensor da liberdade dos indivíduos e de suas famílias e afirma que “nos últimos trinta anos, o marxismo cultural e suas derivações se uniu às oligarquias corruptas para minar os valores da nação e da família brasileira” (Bolsonaro, 2018, p. 08).

A defesa da liberdade privada é o grande valor sobre o qual se assenta o neoliberalismo. Para, além disso, o plano de governo foi escrito em 2018. Se subtrairmos desta data trinta anos, podemos interpretar que o documento marca uma posição reativa tanto à constituição de 1988 promulgada no Brasil, e responsável por promover a ampliação do rol de direitos sexuais e reprodutivos, quanto às conquistas transnacionais de ativistas feministas nas conferências da Organização das Nações Unidas (ONU), conforme argumentamos anteriormente.

Como poderíamos explicar a adesão de distintos grupos etários, perfis de renda, raça, gênero e profissão ao programa defendido por Bolsonaro? Cavalcante, Chaguri e Netto (2019a) argumentam que o nivelamento dos eleitores de Bolsonaro não se deu por uma condição social a eles comum, mas sim pelo registro de elaboração de mundo por eles compartilhado. Um registro de elaboração de mundo que mobiliza um repertório de valores e de princípios morais, éticos e econômicos que pertencem, concomitantemente, aos polos neoliberal e neoconservador.

Em síntese, poderíamos dizer que, a partir de 2016, com o rompimento do ciclo democrático e o golpe que levou ao fim o governo de Rousseff, ocorre uma intensificação das políticas econômicas neoliberais, responsáveis pela difusão de valores que afirmam a virtuosidade do livre mercado e da privatização dos serviços públicos, da terceirização irrestrita e da competitividade individual e identificam o mercado com a eficiência e a não corrupção, com o binômio inovação-crescimento, identificando o Estado, por sua vez, com a corrupção e a ineficiência, com o parasitismo e a dispendiosidade.

Ocorreu também o recrudescimento de um discurso neoconservador que, apesar de manifestar-se de maneira mais coordenada a partir do ano de 2015, já começava a aparecer nas reações contrárias, no âmbito legislativo e parlamentar, ao aborto em 2008, ao projeto escola sem homofobia, em 2011 e a suposta ideologia de gênero, em 2014 (Lacerda, 2020).

Desde o ano de 2018, como também apreendeu Sávio Cavalcante (2021, p. 08), “o campo semântico da “vida” vinculou-se sem mediações a quem estaria comprometido com o combate da corrupção”. Essa afirmação é particularmente interessante para nós, porque sintetiza o conteúdo substantivo dos discursos proferidos não apenas por Bolsonaro, mas por importantes personalidades políticas que aderem ao neoconservadorismo-neoliberal.

Por fim, a contextualização da temporalidade política nos possibilita concordar com a afirmação feita por Brown (2006) de que, se quisermos minimamente compreender a racionalidade política do tempo presente, é necessário refletirmos sobre o neoconservadorismo e o neoliberalismo conjuntamente, em suas convergências, colisões e interpenetrações.

Fato é que diferentes pesquisadores das ciências humanas e sociais passaram a apreender e a teorizar acerca da articulação entre o neoconservadorismo e o neoliberalismo. Para Irving Kristol, trata-se de uma relação complementar, na qual os valores morais tradicionais aparecem como necessários para amparar e justificar a eficácia dos valores do livre mercado. De acordo com o teórico político norte-americano William Connolly (2005), o fenômeno é melhor explicado se compreendido como uma ressonância, uma relação na qual elementos até então separados e desconectados passam a se dobrar, se misturar, se emulsificar, em um complexo de energias que forjam “uma união qualitativa resistente aos modelos clássicos de explicação”. A socióloga australiana Melinda Cooper (2017), por sua vez, parte da compreensão de que existem convergências entre o neoconservadorismo e o neoliberalismo e Wendy Brown, após publicar um artigo em 2006 afirmando que o neoconservadorismo e o neoliberalismo eram duas racionalidades políticas distintas, reviu sua posição, passando a

localizar a moralidade tradicional tipicamente neoconservadora no cerne do projeto político-intelectual neoliberal (2019).

Brown, contudo, se baseia, apenas nas obras de Hayek para formular sua nova teorização do problema, deixando de lado outros importantes formuladores do neoliberalismo e, ainda, desconsiderando a maneira pela qual o neoliberalismo pode manifestar uma face progressista (Quintela, 2020). Ronaldo Almeida, ao dar sua contribuição ao debate, argumenta que, politicamente, existem conexões parciais entre valores e atores neoconservadores e neoliberais. Para Chaguri, Cavalcante e Netto (2019), o fenômeno do neoconservadorismo-neoliberal é melhor compreendido se analisado não apenas como um encontro oportunista e pontual entre duas racionalidades distintas. Trata-se, mais especificamente, de um conjunto de práticas culturais, de condutas políticas e de políticas econômicas que “pressupõem a adesão mínima e simultânea” (Cavalcante, Chaguri, Netto, 2019) aos polos neoliberal e neoconservador.

Reconhecemos a dificuldade em nomear o neoconservadorismo-neoliberal, e pensamos que a atualidade do fenômeno contribui para o difícil exercício de traduzi-lo em categorias e conceitos. Não poderíamos, contudo, concluir essa primeira parte da dissertação sem enfatizarmos, portanto, que a IURD se insere como protagonista relevante do debate público e político mais amplo acerca do neoconservadorismo-neoliberal nacional e internacionalmente. E a instituição realiza esse movimento por meio da mobilização de um discurso de crise cultural e moral, que encontra na defesa da família seu principal lugar de atuação.

Não é casual que, em um episódio do programa *EntreLinhas*, apresentado por Renato no dia 19 de outubro de 2022, poucos dias antes do segundo turno das eleições presidenciais em que concorriam Jair Messias Bolsonaro, apoiado pela IURD, e o candidato petista, Luiz Inácio Lula da Silva, o bispo tenha alertado seus espectadores ao fato de que:



Fonte: Cardoso, Renato, O temor do cristão com a esquerda. *Entrelinhas*, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DFt6J8s16_Q.

De acordo com Brown (2006), o neoconservadorismo se distancia do conservadorismo clássico quando defende, abertamente, a junção entre a moralidade e o poder político, rompendo com os conservadores clássicos, que postulavam o isolacionismo, a frugalidade e a afinidade com virtudes aristocráticas de refinamento e disciplina. Como recorda Norton (1999), para os neoconservadores, a restrição ao exercício de poder não é uma virtude.

A junção da moralidade com o apelo para o poder político aparece nos discursos de Cardoso, como destacado acima. Para Renato, a esquerda que, como vimos, aparece como uma das múltiplas faces do diabo, estaria no controle de distintas instituições da sociedade brasileira e deveria ser combatida. Aqui, vemos o chamamento do povo de Deus para a ação política durante as eleições.

Note-se, como já discurremos ao longo dos capítulos, a aparição, no slide de Cardoso, da “educação”, assim como da “cultura e da arte” e das “minorias” como dominadas pela ideologia da esquerda. Mas, em comum ponto com neoliberais brasileiros, Renato denuncia a presença da esquerda no judiciário e também na mídia secular. Aqui, é válido recordarmos que a IURD, em toda a sua história, trava uma guerra contra a rede globo e a folha de São Paulo, denominada por Cardoso como “falha” de São Paulo (Campos, 1997; Almeida, 2009; Tadvald, 2020).

Na interpretação de Cardoso, as forças policiais, os militares e as igrejas evangélicas são as únicas instituições preocupadas com a verdadeira ordem da nação (porque são as defensoras da ordem e da autoridade na família). Acreditamos que a igreja católica não aparece no quadro de Renato acerca das instituições que a esquerda ainda não dominou porque diversos grupos neoconservadores (inclusive católicos) reagem negativamente ao papado de Francisco, por vezes chamado de “papa da esquerda”.

Mais do que professores do *The Love School* e apresentadores do *Escola do Amor Responde* e da *Terapia do Amor*, Renato e Cristiane Cardoso fazem parte de uma elite parlamentar, pastoral e midiática que, tomando para si o uso do termo “evangélico”, lança mão de alianças com partidos e lideranças políticas, sobretudo de direita e extrema-direita, conforme argumenta Goldstein (2021).

Além de “associar-se ao aparato do Estado, exercer funções partidárias e representativas no legislativo assim como a de deflagrar uma incisiva mobilização da sociedade civil” (Carranza, 2020, p. 185). Para que essa elite pudesse manifestar-se por meio de uma imagem de aparente unidade nos dias de hoje, como se os evangélicos

estivessem reunidos em um bloco homogêneo e como se representassem a maioria moral da população brasileira, foi e é necessário que distintas batalhas políticas, econômicas e também teológicas sejam travadas e vencidas com relação a outros atores evangélicos que se identificam com o espectro político moderado e (ou) de esquerda e centro-esquerda (Spyer, 2020), daí as constantes afirmações acerca da impossibilidade do verdadeiro cristão ser de esquerda.

Seguindo a compreensão de Burity (2020, p. 207), podemos enquadrar as lideranças iurdianas no interior dessa elite político-religiosa que “não é exclusivamente parlamentar, embora neste nível sua voz é mais audível”. Para Burity, esta é também uma elite pastoral, em duplo sentido. Primeiro, porque “é controlada por pastores e bispos de igrejas, e é constituída a partir de estratégias hierárquicas” e, segundo, por “incluir um grupo de clérigos atuantes no debate público e nas negociações, sem serem eles mesmos candidatos” (Burity, 2020c, p. 208). Esse é, especialmente, o caso de Cardoso que, por sua vez, segue os passos de Edir Macedo.

A IURD também é uma das principais instituições religiosas a desenvolver um capilar e intenso ativismo político digital (Cunha, 2022). Por exemplo, em agosto de 2022, a Igreja Universal do Reino de Deus fez o Jejum de Daniel: o jejum determinado por Deus, cujo principal objetivo era que os fiéis não consumissem informações provenientes da mídia secular. Com duração de 21 dias, o jejum começou em 28 de agosto, terminando em 17 de setembro. Curiosa é a proximidade de tal evento com as eleições presidenciais de 2022, que ocorreriam no dia 02 de outubro.

Queremos argumentar, por fim, que as lideranças iurdianas elaboram um discurso que envolve e articula o neoconservadorismo e o neoliberalismo de modo regular e constante, o que, por sua vez, facilita a instrumentalização política do discurso religioso em períodos eleitorais, bem como a conformação de um ideário neoconservador-neoliberal que, para além da defesa de um modelo familiar específico, também interpreta a realidade social como politicamente indivisível, sexualmente binária e de modo anti-intelectualista (Chaguri, Cavalcante, Neto, 2019).

Nas páginas que se seguirão, nos propomos, agora, a evidenciar a maneira pela qual neoconservadorismo e neoliberalismo não aparecem somente na representação familiar iurdiana, propriamente dita, mas, também, na definição de homem e de mulher, de marido e de

esposa “ideais”. Para isso, iremos detalhar o modelo de homem prescrito pela Universal do Reino de Deus.

É interessante apontarmos que, assim como a noção de fidelidade apareceu como um elemento central, ao nosso ver, capaz de envolver e articular o neoconservadorismo-neoliberal, ao longo de nossas investigações encontramos outro dispositivo que, nos parece, ainda pouco explorado pela literatura que investiga a IURD: a noção de inteligência espiritual. No transcorrer do quinto capítulo, tentaremos expor e explicar como a noção de homem se conforma a partir da noção de inteligência espiritual que, por sua vez, relaciona-se com a gramática moral neoliberal-neoconservadora.

5 NEM MENINO NEM MACHO: A FABRICAÇÃO DO HOMEM UNIVERSAL

Imagine: o homem está lá com a flecha. Ele tá com a flecha apontada pro veado. Ele tá morrendo de fome. Ele tem que trazer a caça pra família, tem que trazer a comida pra dentro de casa. Aí, ele olha o veado e faz assim: “eu não consigo, não... tadinho, coitado. Não vou matar não. Vou morrer de fome. Não vou matar esse veado”. Eu acho que a raça humana não existiria mais, eu arrisco dizer (Cardoso, 2021c)

Durante um episódio do *Escola do Amor Responde*, uma mulher casada há cinco anos queixa-se da insensibilidade do marido, alegando que ele não expressa aquilo que sente, além de comportar-se como solteiro, saindo frequentemente com amigos e a deixando em casa. Apesar de reprovar a atitude masculina de sair e voltar tarde da noite, o mote da resposta dada por Cardoso a essa aluna consiste em afirmar que “se seu marido não demonstra sentimentos, muito bem! ele é homem” (Cardoso, 2021c). Para a aluna da *Escola do Amor*, e para outras centenas de milhares de mulheres que ouvem e assistem aos programas diários comandados pelo casal Cardoso, Renato adverte que é preciso entender e aceitar as diferenças existentes entre o homem e a mulher.

Seria intrínseco à natureza do homem não falar sobre seus próprios sentimentos. A narrativa iurdiana ensina que diferentemente da mulher, essa “arquiteta dos relacionamentos” sensível, expressiva e atenta para os detalhes da casa e das relações (Cardoso, 2021c), o homem foi desenhado para ser um caçador. Se fosse sentimental como uma moça, de que maneira poderia caçar e matar? Como, indaga Renato, nos primórdios da humanidade, ele iria alimentar sua família se, ao olhar para a presa, se deixasse tomar pela emoção?

O homem é estimulado *pela* e se excita *com* a caça. Ao longo de nossa pesquisa, apreendermos que na IURD caçar é sinônimo de conquistar. É próprio do homem ser um caçador e um conquistador. Na teologia iurdiana, o mundo é um lugar perigoso e violento, habitado pelo diabólico. Lugar em que sempre persistirá um mal absoluto. É para combater esse mal que o Deus invocado é o senhor dos exércitos velho testamentário. Bélico e agressivo, forte e punitivo (Côrtes, 2021; 2022).

Investido da autoridade transmitida por Deus, também o homem deve ser forte, porque só assim poderá proteger sua família. Renato Cardoso seria, ele próprio, um exemplo desse homem forte. Com base nas contribuições de Carnevali (2012) acerca da estética social, atentamo-nos para a consistência sensível das cores, sons, códigos, estilos e maneiras publicamente encenadas por Cardoso, prestando atenção, ainda, na forma e no conteúdo de seus discursos (como e quais são as palavras por ele utilizadas; como e quais palavras são suprimidas

e quais são as sintaxes formadas) e nos gestos contidos em suas interações com Cristiane durante os programas que apresentam juntos.

Compreendemos que Renato manifesta-se por meio do uso regular de roupas escuras, variando entre camisas sociais nas cores preta, roxa e azul marinho. Sua vestimenta não muda, exceto quando está nos púlpitos da Universal. Neles, o bispo segue o mesmo traje: camisa social branca e terno escuro, azul marinho ou preto, com gravata vermelha. Branco, azul e vermelho remetem às cores do logotipo oficial da Universal. Renato transmite, no campo da aparência, a constância e a assertividade. Por meio de suas roupas e gestos, ele também produz uma imagem de seriedade e confiança, posicionando-se de forma ereta e com o olhar projetado para frente. Em suas falas, usa o modo verbal imperativo, reforçando sua autoridade. Nas telas, posiciona-se ao lado direito e Cristiane, por sua vez, à esquerda.

É Renato quem começa e finaliza os programas que apresentam, sendo o apresentador que possui maior tempo de fala. Seu protagonismo é justificado por meio daquilo que o casal prega também ao público: Cristiane, como mulher, é a auxiliadora do marido, não é sua função comandar. Seguindo a lógica de que a mulher está apta para discursar para outra mulher (Teixeira, 2012; 2014), Cristiane, normalmente, dirige-se ao público feminino quando toma a palavra. Teixeira (2022), ao investigar o *Intellimen*, projeto liderado por Cardoso com o objetivo de formar homens entre 8 e 88 anos, argumentou que a imagem e o reconhecimento público da participação masculina no projeto se dava não apenas pelo uso de uniformes na cor preta, mas, sobretudo, pela performance de cerrar os punhos, em uma clara referência à força masculina.

Fato é que, além de rodeado pelo mal, o mundo é hostil e competitivo, habitado exclusivamente por vencedores e perdedores. É por isso que, enquanto líder e cabeça da família (Cardoso, 2017a; 2021d), o homem deve ser forte não apenas para proteger sua casa, mas também para prover esposa e filhos, caso os possua. Diversas são as vezes em que Cristiane enfatiza que o que a mulher mais deseja de um homem é proteção e segurança, generalizando os atributos que, supostamente, são exaltados pelas mulheres. Na postagem *Cristiane revela o gesto mais romântico que recebeu* (2021e), a apresentadora narra que Renato, ao dar as mãos para ela, a faz sentir “protegida”, como se ela tivesse “um protetor, alguém que está ali cuidando de mim, e mostrando para as outras pessoas que eu sou dele” (Cardoso, 2021e).

A partir dessas afirmações, alguns pontos merecem destaque. Primeiro, existe um ethos guerreiro, exaltado e performado por Renato. Ele está tanto na predominância do uso de passagens bíblicas do velho testamento quanto na ideia de “luta contra o mal”, “batalha contra

o mal” e “batalha espiritual”. Na esfera da família, esse ethos aparece na maneira pela qual se enfatiza a importância de os casais recorrerem à uma “blindagem do alto”. Ou, ainda, quando se prega sobre a “blindagem dos relacionamentos” com o objetivo de torná-los “à prova do divórcio”, “à prova do tempo” e/ou “à prova de coração partido”. Além, é claro, de estar presente no modo pelo qual a figura masculina é construída.

Segundo, a ênfase na luta, no combate violento e na caça, está em profunda e íntima afinidade com a ética empresarial que domina o tempo presente (Dardot, Laval, 2016). Concordamos com a compreensão de Côrtes (2018; 2021) de que o pentecostalismo é uma tecnologia social de condução das condutas dos sujeitos periféricos que não apenas assimila as imposições “do alto” da racionalidade neoliberal, mas que também reelabora, “de baixo”, o próprio neoliberalismo. Nesse sentido, a racionalidade iurdiana construída em torno do homem que protege e luta pela sobrevivência da família por meio da caça e da conquista na natureza bruta e violenta, transpõe-se para a figura do marido que luta pela sobrevivência da família na esfera competitiva (e justa) do mercado. Mais do que uma ideologia, trata-se de uma tecnologia que afeta as condutas de homens e mulheres com o objetivo de alterá-las, adaptá-las, torná-las funcionais a economia do tempo presente.

Terceiro, acreditamos que é necessário atentar-nos ao fato de que a IURD atribui centralidade à existência da individualidade dos cônjuges, enfatizando a todo momento uma série de cuidados de si que tanto homens, mas, sobretudo, mulheres, devem praticar, inclusive para a manutenção do próprio casamento. Seria aquilo que Teixeira (2012; 2016) conceituou como uma “razão pedagógica” direcionada para a prosperidade familiar por meio de cursos, palestras, livros e programas midiáticos. No entanto, reiteramos que a individualidade dos cônjuges não pode sobrepor-se às diferenças existentes entre os papéis e as funções que cada um precisa desempenhar.

Com base em nossa pesquisa documental, queremos argumentar que o discurso iurdiano é construído por orações condicionais que estabelecem que o homem apenas se manterá subjugado à família *se* a mulher não sair da sua posição tradicional de submissão, como vimos anteriormente. Os líderes iurdianos, inclusive, delimitam e reforçam quais são esses limites que, se ultrapassados, justificam e legitimam o afastamento masculino da família.

Inspirados no argumento neoconservador de que a instituição familiar é menos sobre amor e mais sobre compromisso absoluto e, ainda, de que o homem precisa constantemente ser incentivado e estimulado a agir de forma responsável e comprometida com sua família (Kristol, 2001; 1986), Renato e Cristiane reivindicam a natureza masculina caçadora e conquistadora

para afirmar que “se está muito fácil para o homem, ele desanima, fica entediado” (Cardoso, 2018a), perde o interesse.

Essa ideia é, a princípio, utilizada para explicar que relacionamentos intensos tendem ao fracasso, uma vez que, quando a mulher se entrega por completo ao namorado, tão logo ele fica desinteressado. No entanto, uma segunda camada é adicionada por Renato e Cristiane quando afirmam que, justamente por conta de sua natureza, o homem não sabe lidar com o fracasso (por isso a maioria dos moradores de rua são homens, afirmam (Cardoso, 2019g), de modo que, se uma esposa for financeiramente independente ou se ganhar mais do que o marido, este, pouco a pouco, tenderá a se afastar. Ele poderá, inclusive, transformar-se em um acomodado, um preguiçoso que passa os dias jogando videogame.

Hoje em dia, contudo, não basta ser forte, caçar e conquistar. Essas são algumas das características que acompanham o homem desde a sua criação, mas não são as únicas qualidades que lhe garantirão sucesso familiar e individual. É paradoxal, mas sociologicamente interessante, o movimento feito por Renato e Cristiane de defender a existência de uma natureza inata ao homem e, ao mesmo tempo, afirmar que todo homem nasce macho, mas nem todo macho se torna homem (Cardoso, 2021a).

A ideia de “tornar-se” provém da compreensão compartilhada pelo casal (e por psicólogos, coaches, gerentes de grandes empresas e economistas neoliberais) de que nenhuma pessoa é estática, sendo responsabilidade do homem, enquanto indivíduo plenamente livre, identificar e explorar o máximo possível suas potencialidades, adaptando-se e reinventando-se segundo às exigências impostas por uma ordem social concorrencial e competitiva, sobretudo por meio da disciplina para a ousadia (Illouz, 2009; 2012; Illouz e Cabanas, 2018; Benasayag, 2018; Bodei, 2013; Ehrenberg, 2012).

Nem menino, nem macho. O caçador-provedor prescrito pela IURD revela o outro lado de sua face: a do capital humano em permanente processo de autovalorização.

É por isso que a *Escola do Amor Responde*, o *The Love School* e a *Terapia do Amor* são apresentadas ao público, sem nenhum mascaramento, como investimentos que qualquer pessoa pode e deve fazer para obter sucesso na vida amorosa e familiar. Assim como o economista estadunidense Gary Becker (1993) argumentou que o capital humano é formado por investimentos em educação, aprendizagem e treinamento, Renato Cardoso (2020e), ao explicar a importância de se ter uma escola cuja principal disciplina consiste em ensinar como amar, afirma que toda riqueza que uma pessoa possui deve ser investida no aprendizado, já que

quando você aprende, se torna rico. A aprendizagem seria a única coisa que “ladrão nenhum” pode roubar, que nada nem ninguém pode tirar daquele que a possui. Ela personifica o único investimento pessoal (jamais público) de risco zero.

Aquele que almeja tornar-se um marido de sucesso, que equivale também a ser um homem de verdade na racionalidade iurdiana, deve investir na aprendizagem e no desenvolvimento de sua *Inteligência Espiritual*.

Nossa pesquisa situa a *Inteligência Espiritual* como mais um dos dispositivos pedagógicos da IURD capazes de favorecer a construção de uma subjetividade neoliberal por meio do estímulo dado para a racionalização econômica da vida e pelo estabelecimento de metas a serem cumpridas e desafios a serem superados, como também é o caso, por exemplo, das noções de *Fé Racional e Amor Inteligente* (Côrtes, 2018, 2021; 2022; Teixeira, 2018; 2016; Abreu, 2017; Patriota, Rodrigues, 2017; 2021). Nas páginas seguintes, pretendemos expor e explicar o que é e de que maneira a inteligência espiritual é mobilizada para atribuir sentido e significado ao "tornar-se homem".

5.1 INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL PARA (MUDAR) SUA VIDA

Os estudos de Teixeira (2012; 2014) evidenciaram que na IURD a razão está associada à cabeça e se contrapõe à emoção e ao coração, características predominantemente femininas. Em nossas investigações, observamos que a noção de “usar a cabeça”, mobilizada como sinônimo para o agir racional, também se vincula ao espírito.

Ao resgatar a passagem bíblica de 1 Coríntios (15:44), Renato Cardoso (2019d) afirma que todos os seres humanos são dotados de um corpo físico e de um corpo espiritual, sendo o segundo composto por alma e espírito. Em oposição à alma, que anseia por relacionamentos e é instável, pois vincula-se às paixões e emoções humanas (Teixeira, 2012), o espírito é responsável por dotar os seres humanos de inteligência, porque é alimentado pela palavra do próprio Deus. É necessário que exista um equilíbrio entre corpo, alma e espírito. Somente assim o homem será capaz de desempenhar completamente suas funções na família e na sociedade.

Em *Lutando com a força do seu braço?*, Renato (2019f) interroga se alguém já havia se perguntado o porquê de, apesar de dispor de recursos como dinheiro e poder, beleza e popularidade, caráter e trabalho duro, algumas pessoas não eram capazes de vencer seus problemas. Na sequência, o bispo traz à tona a história de dois personagens bíblicos populares: Sansão e Samuel. Apesar de viverem em épocas diferentes, ambos foram líderes e juízes de Israel. Ambos enfrentaram o mesmo inimigo: os filisteus. Acontece que Sansão, um homem

especial, preparado por Deus que o concedeu uma força extraordinária, não foi capaz de liderar a libertação de Israel do domínio filisteu. Mas, Samuel, em apenas uma batalha, conseguiu vencer os exércitos do inimigo. Por que um fracassou e o outro venceu?! Porque Sansão era forte no braço, mas fraco no espírito. Ele se deixou conduzir pelo coração, por emoções e mulheres, e por isso foi incapaz de cumprir com o que lhe foi designado. Samuel, um homem comum, sem excepcionalidade, derrotou seu inimigo porque era espiritualmente forte.

A narrativa bíblica foi mobilizada para que Renato pudesse, por fim, responder o motivo que faz com que algumas pessoas sejam incapazes de vencer seus problemas: a falta de inteligência espiritual. Assim como existem pessoas que aprendem o amor inteligente e pessoas que optam pelo amor burro, existem aquelas que são espiritualmente inteligentes e aquelas que são espiritualmente burras.

Note-se que o homem comum é exaltado por Renato Cardoso como aquele que, se estiver em acordo e aliança com Deus, pode fazer a diferença. Nesse sentido, o espírito é o grande responsável por dar direcionamento para a vida humana. Aquele que se dispõe a aprender com ele, a ouvi-lo, será vitorioso nas suas batalhas.

Acreditamos que as noções de *Fé Racional* e de *Inteligência Espiritual* são complementares. No entanto, Renato e Cristiane Cardoso, mais do que lideranças do Reino de Deus, são figuras públicas conhecidas no meio evangélico e secular. Até mesmo pessoas que não frequentam a IURD podem saber quem são os dois “professores”, “apresentadores”, “escritores” do amor. Assim sendo, a noção de “inteligência espiritual” é capaz de atrair um público diverso que, no limite, é o grande objetivo do trabalho desenvolvido pela Universal.

A *inteligência espiritual* é também um grande guarda-chuva capaz de envolver e articular os distintos serviços e produtos (materiais e imateriais) ofertados pelo casal. Por meio dela, são feitas promessas de melhoramento e transformação não apenas de relacionamentos e questões familiares, mas, também, emprego e fé. A inteligência espiritual transformaria, inclusive, a mulher e o homem, o marido e a esposa. Enfatizamos, por fim, que ela pode e deve ser praticada por qualquer pessoa.

No entanto, para os objetivos dessa pesquisa, privilegiamos a apresentação do conceito evidenciando como ele se aplica aos homens. Tentaremos expor e explicar que é espiritualmente inteligente aquele que é responsável por si, controla suas emoções e resolve problemas. No mais, o homem provido de inteligência espiritual está apto para libertar-se de qualquer coisa ou

pessoa que queira ou possa escravizá-lo ou enfraquecê-lo. Todas as características que definem o homem espiritualmente inteligente fazem parte, também, da gramática moral neoliberal.

5.2 *SERVO DE DEUS, SENHOR DE SI: O HOMEM RESPONSÁVEL*

Uma das principais características de um homem espiritualmente inteligente é a consciência de ser o único responsável por si. É inteligente aquele que não culpa nenhuma outra pessoa, tampouco Deus, pelos seus problemas, aflições e doenças, pelo seu fracasso na vida amorosa, profissional ou familiar. Responsabilizar coisas ou pessoas externas pela condição em que se encontra a sua própria vida é a escolha dos fracos e dos fracassados.

Nas palavras de Cardoso, “não podemos controlar muita coisa ao nosso redor, mas quando entendemos que somos responsáveis por nós mesmos, aí sim podemos nos considerar adultos”. É inegável que este mesmo pensamento constitui a base sobre a qual se assenta o projeto político, econômico e cultural neoliberal. Desde a década de 1930, com a “longa marcha que levou o neoliberalismo a conquistar uma hegemonia totalitária na política e na economia” (Gallino, 2015), existe um esforço contínuo de distintos atores sociais para naturalizar as ideias de virtuosidade e superioridade do livre mercado, de necessidade de retirada do controle da política sobre a economia e de liberalização do movimento dos capitais, reforçando a suposta necessidade de privatização das funções do Estado e dos serviços públicos. Propaga-se, também, que todo ser humano deve ser compreendido como um indivíduo livre e plenamente responsável por si mesmo, tendo a sua liberdade pessoal protegida de toda e qualquer intervenção externa, coercitiva e, no limite, totalitária.

Existe no pensamento neoliberal uma visão naturalista, que afirma que a sociedade é uma artificialidade, uma coisa que não existe. Essa visão naturalista, que se contrapõe e até mesmo nega uma visão política de sociedade, estabelece que os seres humanos não são iguais, e não devem ser tratados como iguais, exceto pela igualdade jurídica formal das leis. É a livre competição e a livre concorrência, na esfera social do mercado, que determinará, através da justiça de mercado, quem são os indivíduos responsáveis, produtores de bens e riquezas, avaliados socialmente como vencedores, e quem são os indivíduos irresponsáveis, avaliados socialmente como perdedores, fracassados.

Em oposição às chamadas doutrinas totalitárias e dirigistas, que querem impor as suas palavras e ideias, valores e ideologias para todos os seres humanos, os neoliberais argumentam que o triunfo de sua proposta consiste em defender e salvaguardar a liberdade humana. É importante entendermos que, no neoliberalismo, a liberdade está intrinsecamente relacionada

com a responsabilidade individual que cada indivíduo tem por si mesmo, uma vez que a liberdade para fazer aquilo que se almeja implica na responsabilização pelas consequências de suas ações (Hayek, 1983).

Esse mesmo pensamento é reforçado e reelaborado pelo discurso iurdiano, na medida em que Cardoso afirma que é a palavra de Deus que aponta para a individualidade da responsabilidade de cada um. Para justificar e legitimar como natural o fato de a responsabilidade ser sempre individual, Renato a compara com a salvação que, no dia do juízo final, será conduzida de forma individual. Afinal, ironiza o bispo, não há como terceirizá-la, porque ela é fruto da fé, da prática da fé de cada um. Do mesmo modo, não é moralmente correto delegar responsabilidades que são particulares e privadas.

Assim como os intérpretes do neoliberalismo (Dardot, Laval, 2016; Brown, 2015; 2018; Illouz, Cabanas, 2018) evidenciam que as noções de responsabilidade e irresponsabilidade são mobilizadas para avaliar indivíduos como vencedores ou perdedores, uma vez que a incapacidade de desenvolver a si mesmo passa a ser uma responsabilidade própria que imputa aos indivíduos a sua incompetência, incapacidade, improdutividade, na Universal do Reino de Deus se propaga que uma das principais marcas distintivas entre um homem e um menino é o senso de responsabilidade.

Novamente, é possível apreendermos um sutil movimento operado pela IURD: ao associar a palavra “menino” à palavra “irresponsabilidade”, se estabelece uma equivalência entre não ser responsável e não ter condições de cuidar de si, como seria o caso, por exemplo, de homens que vivem na casa de seus pais. Por meio desta construção discursiva, Renato e Cristiane infantilizam a figura do “menino”, aquele que precisa ser tutelado.

Mas, não para por aí. Eles também o penalizam, porque ensinam para as mulheres que meninos estão despreparados para o casamento e, portanto, devem ser evitados. Ou seja, a má administração da responsabilidade individual torna legítima a exclusão destes sujeitos do mercado matrimonial. Segundo Cardoso, meninos tendem a tratar mulheres como troféus ou como “mães”, sendo incapazes de oferecer o cuidado e a proteção que uma esposa precisa. Portanto, mulheres não devem investir em meninos.

Mudando o que tem que ser mudado, os “meninos” são os indivíduos descartados pelo neoliberalismo, aqueles que defendem ou que precisam da tutela do Estado, aqueles que fazem uso da assistência social e de políticas de seguridade. Para recordarmos as categorias de Sassen (2016), assim como ocorre a exclusão e expulsão, no capitalismo, dos indivíduos improdutivos

para o sistema econômico, trata-se do uso de uma lógica de expulsão e de exclusão dos “meninos” daquilo que seria, na IURD, a base de toda e qualquer vida social: o casamento e a formação de uma família.

Servos de Deus, mas senhores de si, somente são os autorresponsáveis, aqueles que podem se responsabilizar (e serem responsabilizados). É interessante ilustrarmos as diversas maneiras pelas quais Renato e Cristiane inculcam em seu público a noção de responsabilidade individual. Vejamos algumas:

<u>Pronto, falamos!</u>	- As pessoas, às vezes, jogam para as mãos de Deus a responsabilidade delas e aí a bomba estoura e elas se perguntam “por que Deus permitiu?”
<u>Solução para marido que não dá atenção e amor.</u>	- Você coloca toda a responsabilidade de mudança na outra pessoa e ela também faz o mesmo com você, quer dizer, nada acontece!
<u>Como ter mais maturidade?</u>	- Um dos principais sinais de uma pessoa adulta e madura: ela é capaz de assumir a responsabilidade por suas ações e reações. O imaturo, infantil (ou simplesmente o adulto malformado), tende a responsabilizar os outros pelo que faz.
<u>Todo mundo, alguém, qualquer um e ninguém: a história que explica muitos fracassos</u>	-Ele diz: <i>eu demandarei da tua mão</i> . A palavra de Deus é clara: <i>eu demandarei da tua mão</i> . Então, saiba que você responde a Deus e você responde pela sua própria vida. Há coisas agora que você não tem visto acontecer na sua vida porque, talvez, você tenha esperado que alguém venha fazê-las. Alguém venha te ajudar. Você tem culpado outras pessoas pelas coisas que você já deveria ter feito?
<u>O Parceiro Controlador</u>	- O certo é: dê liberdade, mas exija o uso dela com responsabilidade.

Fonte: dados de pesquisa

Merece destaque o fato de que a autorresponsabilidade é acompanhada pela exigência de uma ação que precisa ser realizada. Pouco importa o passado. Os fiéis iurdianos são estimulados a pensarem no presente imediato e naquilo que podem fazer para que o futuro próximo seja de prosperidade pessoal, familiar e econômica. Nesse ponto, queremos chamar atenção ao fato de que a prática da teologia da prosperidade favorece a propagação de um regime de historicidade caracterizado pelo presentismo (Gendra, 2016).

Os homens são responsáveis por cumprir com as funções que o casamento demanda, proteger e cuidar de suas esposas e filhos. Os homens são responsáveis pelo domínio de seu apetite sexual. Mas, são igualmente responsáveis por melhorar sua situação financeira, sua saúde física e psicológica, por ter iniciativa e enfrentar os desafios da vida cotidiana porque, enquanto capitais humanos, tudo isso agrega valor ao serem socialmente avaliados pelas mulheres/futuras esposas.

Da libertação do vício na bebida à cura da depressão, do desemprego para a carteira assinada e da carteira para o empreendedorismo, eles são os construtores de suas histórias. Queremos chamar atenção, novamente, para esse movimento, por vezes brusco, sem intermediações, que os discursos das lideranças religiosas operam ao transpor aquilo que falam sobre a vida familiar para a vida financeira.

AUTOCONTROLE E RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

Se a responsabilidade é o principal elemento que difere o homem do menino, o autocontrole é a principal característica que separa o macho do homem. Seguindo a defesa de seu discurso acerca da primazia da razão, da racionalidade, sobre as emoções e sentimentos, Renato e Cristiane defendem que o homem espiritualmente inteligente deve empreender o difícil, contínuo e permanente exercício de controlar a si próprio.

No livro de Provérbios (16:32) existe uma passagem bíblica em que Salomão afirma que “melhor é o homem paciente do que o guerreiro, mais vale controlar o seu espírito do que conquistar uma cidade”. Transposta para as palavras de Renato (2019h) temos que “mais forte, mais valente do que o homem que controla uma cidade, conquista uma cidade, é o homem que controla a si mesmo, controla seu espírito”. A ênfase de Renato nesse excerto nos possibilita apreender como a noção de homem forte passa por uma inflexão na racionalidade iurdiana, desvinculando-se da força física do corpo para a força espiritual do autocontrole, do domínio de si e de suas paixões, emoções e pulsões.

É interessante nos atentarmos que, sob a égide neoliberal, “forte” e “fraco” constituem dois marcadores sociais e psíquicos (Illouz, 2008, p. 101). Já na IURD, “forte” e “fraco” correspondem a dois marcadores sociais e espirituais. Existe uma passagem intencional daquilo que seria classificado como inerente à ordem psíquica de cada indivíduo para aquilo que seria da ordem espiritual. Como vimos, o menino é fraco espiritualmente porque é irresponsável. O macho, porque descontrolado, desequilibrado. Na tabela abaixo, exemplificamos a maneira pela qual Renato situa a importância do autocontrole:

<u>O Camponês, A Cobra E Uma Grande Lição Para Você</u>	O ser humano que não controla seus sentimentos acaba sendo “picado” por eles (Cardoso, universal.org, 2020)
<u>Minha Esposa Diz Que Sou Viciado Em Sexo. O Que Faço?</u>	-Você deve aprender a praticar o domínio próprio. O homem, como a mulher, o ser humano, tem seus apetites (Cardoso, universal.org, 2019)
<u>Mãe, Pai Frustrado(A) – Aprenda Isto</u>	Então, por exemplo, o que pode estar sendo revelado através do mau comportamento dos filhos? Pode estar sendo revelado que você é uma pessoa temperamental, uma pessoa nervosa, uma pessoa impaciente, que você é agressivo, é agressiva, diante da situação, que você não tem controle próprio, você grita na hora da raiva (Cardoso, universal.org, 2018)

Fonte: dados de pesquisa

Diferentes pesquisas evidenciaram que, desde a segunda metade do século XX, as grandes corporações capitalistas, mediante a absorção das categorias e conceitos das ciências psi (psicologia, psiquiatria, psicologia popular), passaram a codificar uma nova conduta emocional no local de trabalho que convertia a capacidade emotiva dos indivíduos em um critério formal de avaliação e metrificacão de sua competência, eficiência e produtividade (Hochschild, 2012; Benasayag, 2016; Ehrenberg, 2010).

Na IURD, assim como no modo capitalista de produção, o homem deve se manifestar como um capital humano capaz de controlar suas emoções e sentimentos. Trata-se, como vimos, de um “eu forte”. Sofrer não deve se manifestar. Apenas deve se manifestar a capacidade de aptidão, de destreza, de uma existência positiva, criativa, inventiva. Nesse sentido, o autocontrole não significa somente o controle da raiva, do mau temperamento, do impulso sexual, da vaidade. Ele implica a existência de um trabalho emocional/espiritual cotidiano.

Primeiro, o autoexame sistemático daquilo que está sendo sentido. Renato recomenda aos alunos que nunca entrem em uma discussão de “cabeça quente”. Adotando as palavras do léxico gerencial, ele aponta a necessidade dos cônjuges explicarem, verbalizarem aquilo que sentem para que, assim, possam “negociar” e “acordar” suas necessidades e interesses dentro da relação. Cabeça de empresa, adverte Cardoso. E a sequência lógica é: a resolução de quaisquer problemas que possam estar habitando a esfera familiar.

Na família e na empresa, “uma das definições de homem é de verdade é você resolver problemas” (Cardoso, 2019a). É espiritualmente inteligente o homem que soluciona. Aquele que consegue, racionalmente, controlar suas emoções e sentimentos e conversar com sua esposa sobre a situação de seu relacionamento, terá uma família de sucesso, será vencedor no amor.

Os machos, muitas vezes brutos e ignorantes, tendem a tratar mulheres como objeto sexual para uso ou como um ser inferior. O homem, no entanto, reconhece a força da figura

feminina como complementar à sua e, por isso, está pronto para ouvi-la e para questionar “o que que tá acontecendo? vamos conversar, vamos resolver o problema. Qual é o meu problema? Onde eu estou falhando?” (Cardoso, 2019a).

Por operar como um complemento do autocontrole, a atitude de solucionar problemas na família também deve ser transposta para todas as dimensões da vida humana. É por isso que em postagens como *A chave do sucesso que a maioria não usa* (2020a) e *Por quê muitos nunca terão sucesso* (2019b), Renato argumenta que vários são aqueles que reclamam dos problemas que encontram na *empresa* em que trabalham, mas poucos são os que se dispõe a resolvê-los. De saída, é interessante enfatizarmos a presença constante nos discursos iurdianos do elogio à empresa que aparece como “lugar de realização pessoal, bem-estar material e sucesso financeiro” (Dardot, Laval, 2016).

Seguindo a mesma lógica da lei de oferta e demanda, encontramos no discurso iurdiano a defesa de que os solucionadores são raros e, por isso, valem muito. Nesse sentido, aquele que resolve problemas é valoroso na família e valioso no trabalho, o que significa que sempre será recompensado, afetiva e economicamente. Talvez seja pertinente refletirmos como a resolução dos problemas está, por si mesma, envolta de uma série de outros valores que são próprios da gramática neoliberal: iniciativa, criatividade, adaptabilidade, resiliência (Illouz, Cabanas, 2018).

Mas, não apenas. Sabendo que a grande maioria do seu público é composto por pessoas que vivem nas margens, lugares marcados pela imprevisibilidade e pela incerteza, características de uma formação histórica em que os mecanismos de proteção e de segurança social sempre foram escassos, a IURD mobiliza a lógica do desafio, do risco constante, para afirmar que o homem que resolve problemas é indispensável. “Todas as vezes em que um novo desafio surgir, ele será convocado a resolver” (Cardoso, 2020a).

Ao atribuir não apenas um acento positivo de caráter moral, mas, também, econômico ao ato de solucionar problemas (a retribuição é afetiva e sexual na família, econômica e de estima no trabalho), Renato emprega uma sofisticada “técnica de motivação, estímulo e incentivo” (Dardot e Laval, 2016, p. 328) para a construção de uma determinada subjetividade em seu público.

5.3 *HOMEM BANANA E OS DIFERENTES MODELOS DE MASCULINIDADE NA IURD*

Diante do que fora exposto, queremos enfatizar que coexistem distintos modelos de masculinidade na Universal do Reino de Deus. O primeiro, seria aquele dos “meninos”.

Irresponsáveis e infantis, eles precisam, normalmente, da tutela de outras pessoas. Meninos são pessoas de moral duvidosa, ou seja, não são dignos da confiança de uma mulher e, portanto, devem ser excluídos da possibilidade de formar uma família. Os meninos são aqueles indivíduos expulsos e excluídos das dinâmicas do capitalismo financeiro globalizado.

O segundo modelo é o dos Machos que, por sua vez, são descontrolados, escravos de suas próprias emoções e pulsões, sobretudo sexuais. Eles são agressivos e resolvem tudo na força do braço. Como vimos, tratam mulheres como objeto sexual, o que evidencia, também, o seu despreparo para o casamento e para a família. Para eles, falta inteligência espiritual e controle.

O homem verdadeiro só pode ser espiritualmente inteligente e responsável. Trata-se de alguém que tem domínio próprio, autocontrole de suas emoções, ações e de sua situação de vida. Ele está apto para a formação de uma família. Uma de suas características principais é a resolução de problemas. Iniciativa, criatividade, adaptabilidade, disciplina para a ousadia. Esse é o modelo de masculinidade que Renato Cardoso propõe para seus fiéis e que demonstra ser em sua manifestação estética pública. Esse é o tipo de homem que a Universal se propõe a fabricar. Um modelo que envolve e articula os principais valores do neoliberalismo: responsabilidade individual, controle e domínio sobre si, iniciativa e criatividade. Mas, trata-se também um modelo de masculinidade baseado em valores neoconservadores, na medida em que reforça a autoridade do homem sobre a esposa e os filhos, bem como os papéis que cada membro deve desempenhar na família, criando argumentos para justificar e legitimar o afastamento do homem da esfera familiar caso esses limites sejam ultrapassados.

Existe, contudo, um quarto modelo de masculinidade descrito por Renato: o homem banana. Esse é o homem emocional, que não exerce sua autoridade na família. Ele é espiritualmente fraco, porque é incapaz de negociar com a esposa seus desejos e vontades, interesses e necessidades. Não se trata de ser infantil como o menino, mas de ser frágil. Ou seja, de não performar os papéis convencionais do “masculino”. Esse homem foge de conflitos e de desafios. Ele não resolve problemas, não tem iniciativa. O banana, portanto, é aquele que silenciou sua natureza caçadora e conquistadora, é o exemplo de um covarde. Muitas vezes, esses homens vivem com esposas “independentes” e “mandonas”, o que aponta para a inversão dos papéis na família (Cardoso, 2020i; 2019j).

Para uma família de sucesso é necessário que homem e mulher caminhem juntos, cada qual seguindo aquilo que foi, supostamente, prescrito por Deus. Passemos, agora, para uma caracterização do modelo de mulher e, conseqüentemente, de esposa, propagado por Renato e

Cristiane. Assim como é possível falarmos da existência de masculinidades, no plural, concluímos que existem dois modelos de mulheres no discurso iurdiano. O primeiro, sobre o qual a maioria dos trabalhos acerca da IURD se debruçam, representa a mulher *Virtuosa*. O segundo, que pretendemos explorar, é o seu (im)perfeito oposto, a mulher *Poderosa*, que encarna o fracasso feminista e a solidão feminina.

5.4 A VIRTUOSA: CASAMENTO E SUCESSO FAMILIAR

Pensamos ser interessante começar este capítulo com o resgate de uma postagem contida no blog de Cristiane intitulada *Não quero ter voz*. Nela, a filha de Macedo apresenta para suas leitoras uma carta que supostamente recebeu de uma de suas alunas. Com 25 anos de idade e frequentadora da Universal há mais de 6, a jovem diz ser uma ex-feminista.

Dona Cristiane (...) Gostaria de contar para a senhora uma experiência que tive, pois contar essa experiência já reflete a mudança que Deus fez no meu interior. A senhora disse que o diabo tem investido pesado nas mulheres, para levá-las à solidão, nessa era de “empoderamento”, pois o diabo sabe da nossa força, sabe que nós temos autoridade dada por Deus para edificar nossa casa (...) Eu era uma feminista, não daquelas que inferiorizam homens, ou que saem mostrando os peitos na rua, mas do tipo que lutava pelos meus direitos de igualdade, de ter o mesmo salário e direito à fala, mas lutando de forma errada e do lado errado. Justamente por não ter essa descrição, estava sendo interpretada muitas vezes como uma rebelde (...) (C. Cardoso, Universal.org, 2019. Disponível em: <https://www.universal.org/bispo-macedo/post/nao-queiro-ter-voz/>)

De saída, merece destaque a maneira pela qual a aluna tenta desvincular-se da imagem ideologicamente construída e propagada por grupos neoconservadores e neoliberais-neoconservadores acerca do que seria o movimento feminista: mulheres que inferiorizam homens ou que fazem protestos despidas, imagem evocada para ratificar a imoralidade e a irresponsabilidade desses movimentos e, por consequência, da esquerda partidária e política (Lima, 2008; Chaloub, Perlatto, 2018).

Assim como discutimos no capítulo 3, o movimento feminista aparece associado ao diabólico também na carta da aluna. No caso, o empoderamento feminino é interpretado como mais uma das estratégias do diabo que, sabendo da importância da mulher na família e da família para a mulher, tenta levá-la para a solidão. A aluna diz que:

Eu não suportava a senhora, porque achava que queria fazer um clubinho da Luluzinha onde todas fossem iguais a senhora: de voz doce, meiga e de aparência frágil. Nunca me vi dessa forma. Eu era “topetuda”, queria voz. Queria ser alguém, queria os meus direitos e, hoje, lhe peço perdão, por não entender o que o *Espírito Santo faz através da senhora*. Há minutos atrás, estava fazendo uma oração para o Senhor me mudar e me dar essas características, ser mais mansa, mais doce e até mesmo mais frágil para ser cuidada (...) não quero mais ter voz. Quero deixar minhas ideologias, minhas independências, minha autossuficiência de lado. O empoderamento, tudo, tudo. Obrigada, dona Cristiane, muito obrigada (C. Cardoso, Universal.org, 2019. Disponível em: <https://www.universal.org/bispo-macedo/post/nao-quero-ter-voz/>.)

Deste excerto, é necessário nos atentarmos aos valores: em contraposição à sua independência e autossuficiência, a aluna almeja tornar-se doce e meiga, frágil e delicada. Essas são características da mulher de Deus, da mulher Virtuosa. Mas, estas são também as características de Cristiane Cardoso, que se manifesta socialmente como o principal exemplo do perfil da mulher de Deus.

Cristiane aparece socialmente sorrindo, ela veste roupas coloridas, principalmente em tons rosados e alaranjados, reafirmando o que seria a feminilidade. Com unhas esmaltadas e acessórios, ela fala delicadamente e sempre fica à esquerda de Renato. Uma coisa interessante que observamos durante a transcrição de nosso material foi que, todas as vezes em que Cristiane toma a palavra para si nos programas que apresenta em conjunto com seu marido, ela inicia sua fala concordando com aquilo que Renato havia dito anteriormente, nunca discordando ou negando a palavras e a autoridade de Cardoso.

Não podemos, contudo, ignorar o grande destaque público e midiático de Cristiane. Sua posição não se deve por conta de seu casamento. Muito pelo contrário, diversas são as vezes em que a apresentadora alerta suas alunas para que elas não dependam financeiramente do marido, para que desenvolvam autoconfiança e, sobretudo, amor próprio.

Nesse sentido, defende-se na IURD que as mulheres não somente podem ocupar o espaço público como também devem ser as protagonistas de suas vidas. Mulheres devem, inclusive, empreender e/ou auxiliar seus cônjuges em suas empresas e serviços. Contudo, dentro da família, elas devem manter sua posição de dominadas. Diante deste cenário, é interessante considerarmos que a prescrição iurdiana para a família promove continuidades, mas também deslocamentos, com relação ao modelo patriarcal de família, que se assemelha “a um sistema hierárquico e de valores no qual se destacariam a autoridade paterna e do homem sobre a

mulher, a monogamia, a indissolubilidade das uniões e a legitimidade da prole” (Goldani, 2005, p. 69).

Ainda sobre o excerto acima, ressaltamos que a aluna declara o desejo de ser protegida, atitude também estimulada pelos discursos iurdianos que afirmam que a força da mulher reside em saber de quem ela pode depender. No entanto, cabe destacar que não se trata, nunca, de uma dependência do Estado, ou de políticas de assistência e de seguridade social. A mulher depende única e exclusivamente da unidade econômica chamada “família”. Na Universal do Reino de Deus, o homem protege, a mulher cuida. Mas, a proteção masculina se traduz na seguridade econômica e no uso legítimo da força, pois o homem é aquele que detém a autoridade emanada de Deus. Por cuidado feminino, podemos entender as maneiras pelas quais feminilidade e trabalho doméstico não remunerado se mesclam (Federici, 2021).

É interessante destacarmos que, tanto no relato da aluna apresentado acima, quanto nos discursos iurdianos, o termo empoderamento apresenta um sentido pejorativo, uma vez que fomenta a capacidade subjetiva e as condições objetivas para a perversão feminina. Vejamos alguns exemplos:

<u>Mulher</u> <u>Culpa</u> <u>Renato E Cris</u> <u>Porque Ouve O Que</u> <u>Não Quer</u>	É, as mulheres do passado, elas poderiam não ter muitos direitos que as mulheres têm hoje, mas elas eram fortes. Muitas mulheres não toleravam certas coisas que, hoje, as mulheres empoderadas toleram (Cardoso, Universal.org, 2019).
<u>Morando Junto:</u> <u>Como Consertar O</u> <u>Que Era Pra Dar</u> <u>Errado</u>	eu falo com a mulher, eu sei que elas odeiam isso, eu sei que elas odeiam quando eu falo com elas, elas queriam que eu falasse com os homens, elas queriam que eu fosse essas feministas que odeiam homem, só que, minhas amigas, eu sou uma mulher casada, eu amo os homens que eu conheço (C. Cardoso, Universal.org, 2020).

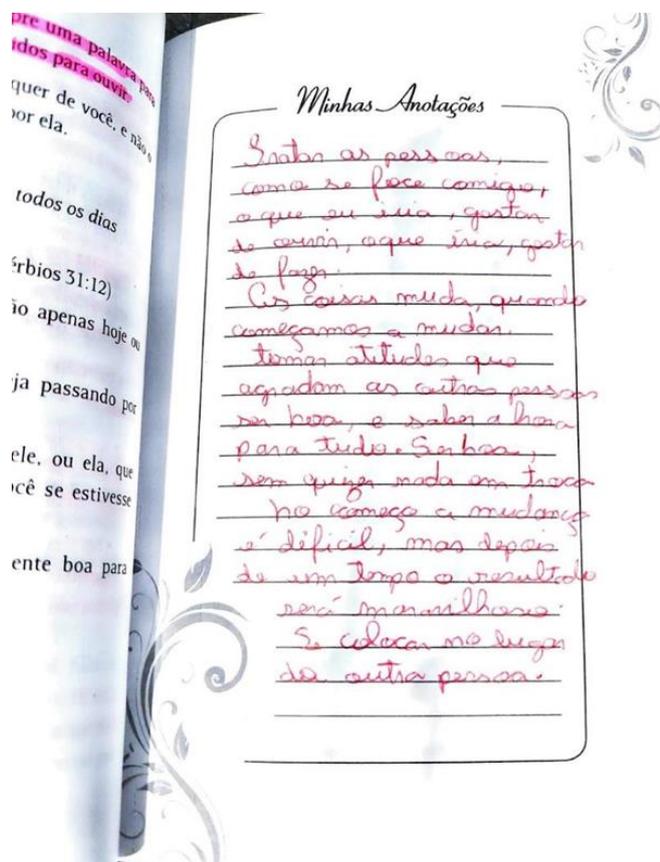
Fonte: dados de pesquisa.

De fato, como representante da mulher virtuosa, Cristiane é aquela que difunde e propaga a afirmação de que, apesar do tempo presente ser, sim, marcado por uma profunda e radical crise moral e espiritual, ainda existem boas mulheres. Por boas mulheres traduz-se que ainda existem mulheres que almejam um marido (e uma casa) para cuidar.

Segundo Teixeira (2021; 2014; 2012), diversos são os dispositivos pedagógicos existentes na Universal voltados para a produção de modos de subjetivação do ser mulher. A antropóloga destaca, por exemplo, os jornais impressos da Folha Universal, assim como os livros escritos por autoridades pertencentes à família fundadora da IURD, como, por exemplo, *O perfil da mulher de Deus*, publicado por Edir Macedo, e *Melhor que comprar sapatos e Mulher V*, títulos de Cristiane Cardoso que foram traduzidos para doze línguas.

Durante a redação final da dissertação, ocorreu algo imprevisto - mas que parece relevante para nossos objetivos de pesquisa. Ao comentar sobre a pesquisa que estava sendo desenvolvida com uma amiga da família, de 58 anos de idade, solteira, e exercendo a profissão autônoma de manicure há mais de três décadas, ela contou que havia, recentemente, efetuado a leitura de *Mulher V* e, depois, me presenteou com o seu exemplar. Com a obra em mãos, foi possível observar que, no final de cada capítulo do livro, existe um espaço intitulado “minhas anotações”, para que as leitoras, de forma prática e condensada, redijam as principais aprendizagens adquiridas até aquele momento da leitura.

Na imagem abaixo, apresento uma das anotações que encontrei no livro que me foi concedido, que penso corroborar com a compreensão de Teixeira (2012; 2014; 2021) acerca da existência de uma razão pedagógica nos trabalhos desenvolvidos por Renato e Cristiane.



Trabalhos como os de Teixeira (2012; 2018), já apontaram para as principais características da mulher, que incluem ser carinhosa, doce e dócil e, como vimos, auxiliar o marido em todas as suas atividades e necessidades. Essa é a mulher e, conseqüentemente, a esposa modelo. Ela seria o sustentáculo do casamento inteligente e a base da família de sucesso.

5.5 A PODEROSA: SOLIDÃO E FRACASSO FEMINISTA

No entanto, as lideranças iurdianas estabelecem uma clara oposição entre a mulher virtuosa e a mulher poderosa. Qualificar como “poderosa” a mulher que almeja ou que é independente financeiramente, que possui uma carreira consolidada, que pode gostar de frequentar festas e bares ou, ainda, que diz compor movimentos feministas, não é mero acaso, mas possui intencionalidade.

Renato e Cristiane objetivam construir uma caricatura de *quem* é essa poderosa: a cantora brasileira Anitta. É interessante lembrarmos que, conforme detalhamos no capítulo *O reino de Deus no espaço digital*, o público que acessa o portal da IURD é composto, majoritariamente, por jovens de 18 e 24 anos e adultos de 25 a 34 anos. Homens e mulheres que, possivelmente, estão em contato com a cultura popular e que, portanto, sabem quem são as celebridades nacionais e internacionais do tempo presente.

É por isso que a cantora “poderosa” que diz gostar de estar solteira é, para Cristiane Cardoso (2018b), o exemplo de uma mulher espiritualmente feia. Ela é “egoísta”, “egocêntrica” e “desagradável, porque não pensa nos outros”. No momento em que se esquece de que foi criada para “formar uma só carne através da união” (Cardoso, 2021e), a mulher perde seu valor e sua perfeição diante dos olhos de Deus. Ele se corrompe, se perverte.

De acordo com Cristiane, “como joia de ouro no focinho de uma porca”, a mulher poderosa é grosseira e independente, autoritária e sozinha. E é interessante a maneira pela qual o termo autoritária aparece vinculado a mulheres que, no discurso iurdiano, perderam sua feminilidade, em uma tentativa de demonstrar que essas mulheres deixam de ser interessantes e atrativas para os homens porque, supostamente, se tornam masculinizadas. Dentre da lógica binária iurdiana, o homem “banana” seria o único capaz de conviver com uma mulher autoritária, porque suas posições estariam invertidas dentro do casamento. Recomenda-se, nestes casos, que a mulher aprenda a desenvolver as suas características femininas, e que o homem passe a agir segundo as normas prescritas por Renato Cardoso, tomando as rédeas da relação.

Nesse sentido, enquanto a mulher virtuosa representa o casamento e o sucesso (sobretudo familiar, porque, como vimos, as mulheres devem abrir mão de cargos importantes ou do trabalho, quando possível, para concentrar-se em seus lares), a mulher Poderosa escancara o fracasso feminista e a solidão.



Fonte: imagem extraída da página oficial do *The Love School* no Instagram.
Data: 20 de set. 2023

Dito isso, queremos argumentar que, ao passo em que os valores neoliberais aparecem vinculados aos homens por meio das prescrições de Renato, os valores neoconservadores, por sua vez, aparecem ligados às falas de Cristiane e, especialmente, àquelas em que a apresentadora se dirige ao público feminino. Esse movimento nos levou a um questionamento, já feito por Wendy Brown em seu livro *El pueblo sin tributos* (2017), e que pode ser assim colocado: o indivíduo genérico do neoliberalismo possui um gênero?

Acreditamos que, na IURD, sim. E esse gênero é masculino. Apenas é possível ao homem iurdiano verter-se em capital humano responsabilizado quando existe uma divisão do trabalho marcada pela diferença de gênero e na qual mulheres permanecem como as principais responsáveis pelos trabalhos de reprodução da vida.

Neoconservadorismo e neoliberalismo articulam-se, assim, assegurando não apenas o modelo de família propagado e defendido por Renato e Cristiane Cardoso, mas, também, o próprio modelo de casal ideal elaborado por essas lideranças religiosas.

CONCLUSÃO

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, pensamos ter sido possível evidenciar a maneira pela qual a representação de família iurdiana é neoconservadora-neoliberal, na medida em que reconhece como família apenas o casamento exclusivamente heterossexual e determina uma rigidez com relação ao sexo, tido como seguro se praticado exclusivamente com o cônjuge, o que evidenciaria uma representação familiar convencional.

Mas, afirmar que o modelo de família iurdiano é convencional é um lugar comum dentro dos estudos sobre a Universal do Reino de Deus, uma vez que aponta para as continuidades entre um modelo patriarcal de família e aquilo que é, muitas vezes, prescrito por Renato e Cristiane Cardoso. No entanto, é necessário nos atentarmos às atualizações e aos deslocamentos desse modelo familiar que, apesar de ratificar valores neoconservadores, sobretudo no que concerne à vida das mulheres, mães e esposas, também se expande para adequar-se ao neoliberalismo, assinalando a possibilidade dessas mesmas mulheres, mães e esposas, por exemplo, trabalharem –, desde que o trabalho no espaço público não interfira no trabalho por elas desempenhado no espaço doméstico e privado do lar.

Nesse sentido, vemos que a racionalidade neoliberal é mobilizada pelas lideranças iurdianas em uma tentativa de construir a esfera familiar como uma empresa. É por isso que a família de Deus equivale a uma família de sucesso e, por sua vez, uma família de sucesso equivale à uma empresa eficiente. O homem, chefe e autoridade principal desta família-empresa, deve ser dotado de qualidades como, por exemplo, a responsabilidade, o autocontrole e a resolução de problemas. Da mulher, espera-se o cuidado, o acolhimento, a resiliência, jamais o empoderamento. Os modelos de feminilidade e masculinidade convencionais são, portanto, reforçados, na medida em que também se atualizam de acordo com os valores da gramática moral neoliberal. Basta recordarmos, por exemplo, que o conjunto de características que definem o verdadeiro homem de Deus são, na verdade, características gerenciais.

O casamento, além de sagrado, é um negócio. Trata-se de um acordo eficiente e consciente que envolve a monogamia e o sexo saudável entre um homem e uma mulher de idade e de objetivos comuns (a fidelidade física), o fim do consumo de conteúdos pornográficos e românticos produzidos pela cultura popular de massa, sobretudo os filmes, novelas e livros de romance (fidelidade emocional) e, ainda, a elaboração de um planejamento familiar no qual homem e mulher possuem acesso ao salário e às dívidas feitas por cada um. Podemos apreender

que as relações familiares se convertem em uma escolha e em um investimento plenamente racional e, por vezes, instrumental. É por isso que Renato e Cristiane reivindicam o título de “professores” do amor qualificado como inteligente, e definido como aquele que se constrói por meio da inteligência e não do sentimento, da razão e não do coração, da cabeça e não do corpo.

Inteligente é o amor que se aprende, o amor que se constrói por meio de uma série de sacrifícios e de investimentos, inclusive de tempo e de dinheiro. Longe de ser uma simples fórmula como um mais um são dois, o amor é racional e racionalizado, assim como a fé que, chutando toda a emotividade, deve também ser inteligente. Cabe destacar que o amor racionalizado seria a única forma de amar capaz de alcançar a prosperidade e o sucesso na família. Conforme desenvolvemos ao longo da pesquisa, a prosperidade, muitas vezes, relaciona-se com o desenvolvimento de uma série de práticas e condutas, como, por exemplo, o sacrifício e a disciplina. Estimula-se na IURD que os membros da família desenvolvam uma mentalidade muito específica, a “mentalidade de possuidor”, que é aquela que Deus quer que seu povo persiga e que, no limite, alude ao neoliberalismo, sobretudo porque exalta o empreendedorismo. Não se trata, contudo, de uma ação empreendedora que emana diretamente do Estado e atinge as margens, mas, para recordarmos Verônica Gago (2018), de um empreendedorismo que se desenvolve a partir das margens, das populações periféricas que, cotidianamente, lutam para transformar a viração em ação empreendedora.

Desde a mobilização de passagens bíblicas como Deuteronômios, passando pelo estímulo iurdiano para que homem e mulher inaugurem um negócio e comecem a empreender, é a família que se constrói como o suporte econômico e moral capaz de levar ao sucesso de seus membros. Diante do que fora exposto, podemos argumentar que a esfera familiar na IURD é economicizada, construindo-se sobre os princípios e critérios de mercado e sendo governada, gerida e avaliada segundo esses mesmos princípios e critérios.

Para, além disso, a compreensão de que uma das principais características do neoconservadorismo consiste em ser um fenômeno reativo à agenda de gênero e da diversidade sexual, nos possibilitou evidenciar como as lideranças iurdianas travam uma guerra cultural (e moral) contra os movimentos sociais e a esquerda intelectual, política e partidária.

Além de demonstrar quais os argumentos e como são as construções discursivas que possibilitam às igrejas tecerem equivalências entre o diabo e a esquerda, também enfatizamos

a atuação (e não apenas a reação) neoconservadora de Renato e Cristiane Cardoso, que se expressa na maneira como eles criam pânico morais acerca da educação sexual nas escolas ao mesmo tempo em que, como vimos, são os idealizadores da assim chamada educação amorosa, levada para instituições de ensino periféricas de distintas regiões do país. Evidenciamos, também, as disputas que o casal de lideranças trava com relação aos movimentos feministas quanto ao sentido e significado dos termos “patriarcalismo” que, na IURD, é visto como essencialmente positivo e justo e “empoderamento” que, por sua vez, é construído enquanto algo negativo, capaz de levar muitos casamentos e famílias ao fracasso.

Apresentamos, ainda, as distintas concepções de ordem defendidas por Renato e Cristiane Cardoso, evidenciando que a família iurdiana deve se inspirar no modelo de família divina, que é aquele em que se destaca a autoridade do homem sobre a mulher e a autoridade de Deus sobre ambos. Por outro lado, também foi possível apreendermos que essa família de antigas tradições, verte-se em uma moderna família-empresa. Moderna, à moda antiga, essa pode ser uma maneira de caracterizar a família iurdiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Nayara dos Santos. Magia neopentecostal e espírito neoliberal. 2017.130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2017.370>.

ALMEIDA, Ronaldo. Evangélicos à direita. **Horiz antropol.** [Internet]. 2020 Sep;26(58):419–36. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832020000300013>.

ALMEIDA, Ronaldo. (2018) “Deuses do parlamento: os impedimentos de Dilma”. In: ALMEIDA, R.; TONIOL, R. (Org.) Conservadorismos, **fascismos e fundamentalismos**: análises conjunturais. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

ALMEIDA, 2017. Os deuses do Parlamento. Novos estudos. **IICEBRAP IISÃO PAULO Ilespecial II71-79 IIJUNHO 2017 71**.

ALMEIDA, Ronaldo. **A igreja Universal e seus demônios**: um estudo etnográfico. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

ALENCAR, Gedeon Freire. A teologia da prosperidade e o neoliberalismo são irmãos siameses. (entrevista concedida a) Graziela Wolfart. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, Edição 319, 2010. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3209-gedeon-freire-de-alencar>. Acessado em: 25 nov. 2021.

ANDRADE, D. P.; CÔRTEZ, M.; ALMEIDA, S. Neoliberalismo autoritário no Brasil. **Caderno CRH**, [S. l.], v. 34, p. e021020, 2021. DOI: 10.9771/ccrh.v34i0.44695. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/44695>. Acesso em: 2 jun. 2022.

ANDRADE, Daniel Pereira. Neoliberalismo: crise econômica, crise de representatividade democrática e reforço de governamentalidade. Novos estudos CEBRAP [online]. 2019, v. 38, n. 1 [Acessado 7 Novembro 2022], pp. 109-135. Disponível em: <<https://doi.org/10.25091/S01013300201900010006>>. Epub 06 Maio 2019. ISSN 1980-5403. <https://doi.org/10.25091/S01013300201900010006>.

BATISTA, André. Namoro blindado nas escolas: mais de 160 mil pessoas já assistiram à palestra. **Portal online oficial da Igreja Universal do Reino de Deus**, 2019. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/namoro/>.

BARAJAS, Karina. Pánico moral y de género en México y Brasil: rituales jurídicos y sociales de la política evangélica para deshabilitar los principios de un estado laico. *Relig*

soc [Internet]. 2018May;38(2):85–118. Available from: <https://doi.org/10.1590/0100-85872018v38n2cap03>.

BECK, Ulrich. **La sociedad del riesgo global**. Madri: Siglo XXI España Editores, 2002.

BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan. **Gênero, Neoconservadorismo e democracia**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BIROLI, Flávia. “O fim da Nova República e o casamento infeliz entre neoliberalismo e conservadorismo moral”. In: BUENO, W. et al (Org.). **Tem saída?** Ensaio críticos sobre o Brasil. Porto Alegre: Zouk, 2017.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e política**. São Paulo: Boitempo, 2014.

BENASAYAG, Miguel. *Oltre le passioni tristi: dalla solitudine contemporanea alla creazione condivisa*. Milão: Giangiacomo Feltrinelli, 2018.

BENASAYAG, Miguel. *Las pasiones tristes: sufrimiento psíquico y crisis social*. Buenos Aires, Argentina: Siglo XXI Editora Liberoamericana, 2011. BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo horizonte: Ed. UFMG, 2006.

BODEI, Remo. *Immaginare altre vite. Realtà, progetti, desideri*. Itália: Feltrinelli, 2013.

BOLSONARO, Jair Messias. *O caminho da prosperidade: proposta de plano de governo*. 2018.

BRENNER, Johanna. **Woman and the politics of class**. Nova Iorque: Monthly Review Press, 2000.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.

BROWN, Wendy. *Frankenstein do neoliberalismo: liberdade autoritária nas “democracias” do século XXI*. In: RAGO, M; PELEGRINI, Mauricio. **Neoliberalismo, feminismos e contracondutas**: perspectivas Foucaultianas. São Paulo: Intermeios, 2018a.

BROWN, Wendy. **Cidadania Sacrificial**: neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. Trad. Juliane Bianchi Leão. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2018b.

BROWN, Wendy. Neoliberalismo. “Estamos diante de um novo capítulo”. (Entrevista concedida a) Ignasi Gozalo-Salellas, Álvaro Guzmán Bastida e Héctor Muniente, publicada por Ctxt, 30-11-2017. A tradução é do Cepat. **Revista Instituto Humanitas Unisinos**, 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/574278-neoliberalismo-estamos-diante-de-um-novo-capitulo-entrevista-com-wendy-brown>. Acesso em: 23 de nov. 2021.

BROWN, Wendy. Neoliberalism, Neoconservatism, and De-Democratization. **Political Theory**, v.34, n.6, p.690-714, 2006. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/20452506?seq=1&cid=pdf-reference#references_tab_contents. Acesso em: 20 nov. 2021.

BROWN, Wendy. **Undoing the Demos**: Neoliberalism's Stealth Revolution. New York: Zone Books, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectivas, 2011.

BURGIO, Alberto. **Nonostante Auschwitz**: Il Ritorno del razzismo in Europe. Roma: Derive Approdi, 2010.

BURITY, Joanildo. Itinerário histórico-político dos evangélicos no Brasil. In: Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI / [organização José Luis Pérez Guadalupe e Brenda Carranza]. — Rio de Janeiro : Konrad Adenauer Stiftung, 2020c.

BURITY, Joanildo. A onda conservadora traz o fundamentalismo ao poder? In: ALMEIDA, Ronaldo; TONIOL, Rodrigo. (Org.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos**: análises conjunturais. Campinas: Editora da Unicamp, 2018

CAMURÇA, Marcelo. Um poder evangélico no Estado brasileiro? Mobilização eleitoral, atuação parlamentar e presença no governo Bolsonaro. *Revista do NUPEM*, v.12, p. 1, 2020. Disponível em: <http://revistanupem.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/713/416>. Acessado em: 20 de mai. 2021.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CARDOSO, Renato; CARDOSO, Cristiane. **Casamento blindado**: o seu casamento à prova de divórcio. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2012.

CARDOSO, Renato. Sucesso é o destino dos disciplinados. São Paulo: UniPro, 2020.

CARDOSO, Renato. Ezer Kenegdo: o poder oculto da mulher. **Universal.org**, 2019a. disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/ezer-kenegdo-o-poder-oculto-da-mulher/>. Acesso em: 28 de out. 2022.

CARDOSO, Renato. Pronto, falamos. **Universal.org**, 2019d. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/pronto-falamos/>. Acesso em: 25 de out. 2022.

CARRANZA, Brenda. Evangélicos: o novo ator político. In: **Novo ativismo político no Brasil**: os evangélicos do século XXI / [organização José Luis Pérez Guadalupe e Brenda Carranza]. — Rio de Janeiro : Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

CAVALCANTE, Sávio. “Classe média e conservadorismo liberal” In: VELASCO, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo. (Org.) **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

CHAGURI, Mariana; CAVALCANTE, Sávio; NETTO, Michel Nicolau. O homem médio e o conservadorismo liberal no Brasil contemporâneo: o lugar da família. Artigo apresentado no **43º Encontro Anual da ANPOCS**, realizado em Caxambu, 2019a.

CHAGURI, Mariana; CAVALCANTE, Sávio; NICOLAU NETTO, Michel. O conservadorismo-liberal no Brasil de Bolsonaro: a força da articulação no contexto de pandemia. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 285–307, 2021. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/127240>. Acesso em: 25 oct. 2022.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. Intelectuais da ‘nova direita’ brasileira: ideias, retórica e prática política. **Insight Inteligência**. Rio de Janeiro, v. 1, p. 25-42, 2016. Disponível em: <https://insightinteligencia.com.br/a-nova-direita-brasileira-ideias-retorica-e-pratica-politica/>. Acesso em: 18 de fev. 2021.

COOPER, Melinda. **Family values**: between neoliberalism and the new social conservatism. Nova Iorque: Zone Books, 2017.

CÔRTEZ, Mariana. É culpa de quem? Guerra, humilhação e verdade nas relações entre pentecostalismo e bolsonarismo. *Contemporânea: revista de sociologia*. v. 12 n. 3 (2022): Setembro - Dezembro de 2022. Disponível em:

<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1174>.

CÔRTEZ, Mariana. A REVOLTA DOS BASTARDOS: do Pentecostalismo ao Bolsonarismo. **Caderno CRH**, [S. l.], v. 34, p. e021025, 2021. DOI: 10.9771/ccrh.v34i0.46419. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/46419>. Acesso em: 4 nov. 2022.

CÔRTEZ, Mariana. “O dispositivo pentecostal e a agência dos governados”. **Revista Debate**, Belo Horizonte, v.10, n.1, p.31-38, 2018.

CUNHA, Magali do Nascimento. **My News explica**: evangélicos na política brasileira. São Paulo: Edições 70, 2022.

CUNHA, Magali do Nascimento. Os processos de mediação das religiões no Brasil e o ativismo político digital evangélico. *Revista FAMECOS*, v. 26, n. 1, p. e30691, 19 ago. 2019.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Mídia, Religião e cultura**: percepções e tendências em escala global. Curitiba: Prismas, 2016a.

CUNHA, Magali do Nascimento. Religião e política: ressonâncias do neoconservadorismo evangélico nas mídias brasileiras. *Revista Perseu: história, memória e política*. São Paulo, n.11, ano 07, 2016b.

CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Mauad X: Mysterium, 2007.

CUNHA, Magali do Nascimento. A influência da ideologia neoliberal na religiosidade evangélica: o discurso do mundo “gospel”. *Revista Caminhando*, vol. 7, n. 2 [10], 2002. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/1465/1489>. Acesso em: 04 de nov. 2022.

DATAFOLHA. Rede social e imprensa tem maior prestígio e poder na sociedade brasileira, dizem paulistanos. **Instituto de Pesquisa Datafolha**. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/06/1297630-rede-social-e-imprensa-tem-maior-prestigio-e-poder-na-sociedade-brasileira-dizem-paulistanos.shtml>. Acesso em: 20 de jun. 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAMOND, Sara. **Roads to dominion: right-wing movements and political power in the United States.** Nova Iorque: The Guilford Press, 1995.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In: ARRUDA, Heloisa Buarque de Hollanda (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 25- 48.

EHRENBERG, A. **La società del disagio: Il mentale e Il sociale.** Turim: Einaudi, 2012.

EHRENBERG, A. O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP: Ideias & Letras 2010.

FEDERICI, Silvia. O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo, volume 1. São Paulo: Boitempo, 2021.

FERNANDES, Rubem César. **Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política.** Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FRIEDMAN, Milton, FRIEDMAN, Rose. **Livre para escolher** [recurso eletrônico] / Milton Friedman, Rose Friedman; tradução Ligia Filgueiras. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2015.

FONSECA, Alexandre Brasil. Mídias, religiões e política no Brasil de Bolsonaro. In: GUADALUPE, Jose Luis Pérez e CARRANZA, Branda (orgs). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI.** Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

FOUCAULT. Michel. **O nascimento da biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008

GAGO, Juan Maldonado. Política y religión en la derecha cristiana de los Estados Unidos del América. **La balsa de piedra,** 2013.

GAMA, MCB da. Cura Gay? Debates parlamentares sobre a (des)patologização da homossexualidade. **Sex, Salud Soc (Rio J)** [Internet]. 2019Jan;(31):4–27. Available from: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.31.02.a>

GALLI, Carlo. **Spazi politici: l'età moderna e l'età globale,** Bologna: Il Mulino, 2001.

GALLINO, Luciano. A longa marcha dos neoliberais para governar o mundo. **Instituto Humanitas Unisinos**. Tradução de Moisés Sbardelotto, 31-07- 2015, disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/169-noticias-2015/545210-a-longa-marcha-dos-neoliberais-para-governar-o-mundo>. Acessado em: 15 de out. 2021.

GALLINO, Luciano. **La lotta di classe dopo la lotta di classe**. Roma: Laterza, 2012.

GOLDANI, Ana Maria. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. Cadernos Pagu, Campinas, (1), p.38-110, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1681>. Acesso em: 20 out. 2022.

GOLDSTEIN, Ariel. Poder evangélico: cómo los grupos religiosos están copando la política en América. Buenos Aires: Marea, 2020.

GUADALUPE, José Luis Pérez. **Entre Dios y el César**: el impacto político de los evangélicos en el Perú y América Latina. Peru: Konrad-Adenauer, 2018.

HAN, Byung-Chul. **No Enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis, Rio de Janeiro: editora Vozes, 2017.

HAYEK, Friedrich. **Os fundamentos da liberdade**. São Paulo: Visão, 1983.

HAYEK, Friedrich. **O caminho da servidão**. Editora Globo. Porto alegre, 1977.

HIGH, Brandon. The Recent Historiography of American neoconservatism. **The Historical Journal**, 52 (2), p. 475-491, 2009.

HOCHSCHILD, Arlie. **Strangers in their own land**: anger and mourning on the American right. New York: New Press, 2016.

HORKHEIMER, Max. Autoridade e família. In: HORKHEIMER, Max. Teoria Crítica. Uma documentação. Tomo I. São Paulo, Editora Perspectiva, 1990 [1936], pp. 175-253.

ILLOUZ, Eva. Why Love hurts: a sociological explanation. London: Polity Press, 2012.

ILLOUZ, Eva. El futuro del alma: La creación de estándares emocionales. Espanha: Katz Editores, 2014.

ILLOUZ, Eva. *Emotion as commodities: Capitalism, Consumption and Authenticity*. New York: Routledge, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107?detalhes=true>. Acesso em: 17 jul. 2020.

JELIN, Elizabeth. "Las familias latinoamericanas en el marco de las transformaciones globales. Hacia una nueva agenda de políticas públicas", en ARRIAGADA, I. (ed.). **Políticas hacia las familias, protección e inclusión sociales** [S.l.]: Naciones Unidas, Cepal, 1995.

KALIL, Isabela. Políticas antiderechos en Brasil: neoliberalismo y neoconservadurismo en el gobierno de Bolsonaro. In: SANTANA, Ailynn Torres (Org). **Derechos en riesgo en America Latina: 11 estudios sobre grupos neoconservadores**. Ecuador: Ediciones desde abajo, 2020.

KRISTOL, Irving. **The Neoconservative persuasion**: selected essays 1942-2009. Basic Books, 2011.

KRISTOL, Irving. **Neoconservatism**: the autobiography of an idea. Chicago: Elephant Paperback, 1995.

LACERDA, Marina Basso. "Bolsonaro: entre Pinochet e Reagan". **Horizontes ao Sul**. Disponível em: <https://www.horizontesaosul.com/single-post/2020/07/22/BOLSONARO-ENTREPINOCHET-E-REAGAN>, 2020.

LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro**: de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre: Editora Zouk, 2019.

LAKOFF, George. **Don't think of an elephant!** Know your values and frame the debate. Vermont: Chelsea Green Publishing, 2004.

LAVAL, Christian. **Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal**. São Paulo: Elefante, 2020.

LIMA, Diana. Alguns fiéis da igreja universal do reino de Deus. **Mana** [Internet]. 2010 Oct;16(2):351–73. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132010000200005>.

LIMA, Diana. 2008. "Prosperidade na década de 1990: etnografia do compromisso de trabalho entre Deus e o fiel da Igreja Universal do Reino de Deus". **Dados**. Revista de Ciências Sociais, 51(1):7-36.

LIMA, Diana. "Trabalho", "mudança de vida" e "prosperidade" entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. *Relig soc* [Internet]. 2007 Jul;27(1):132-55. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0100-85872007000100007>.

LORENSINI, Marco Antonio; ORO, Ari Pedro. Transnacionalização da Religião: A Presença da Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil e no Mundo.

MACEDO, Edir. **Plano de poder: Deus, os cristãos e a política**. Rio de Janeiro: Thomas Nielsen, 2000.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religion and moral conservatism in Brazilian politics. **Politics and religion journal**, v. 12, n. 01, p. 55-77, 2018.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião, cultura e política. **Religião & Sociedade**. v. 32, n. 2, pp. 29-56, 2012. Acesso em: 24 Setembro 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-85872012000200003>

MACHADO, Maria das Dores Campos; BURITY, Joanildo. A Ascensão Política dos Pentecostais no Brasil na Avaliação de Líderes Religiosos. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 3, p. 601-631, Sept. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S0011-52582014000300601 & lng=en& nrm=iso>. Acesso em: 26 de fev, de 2021.

<https://doi.org/10.1590/00115258201419>.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa e seus efeitos na esfera familiar**. São Paulo: Editores Associados/ANPOCS, 1996.

MARIANO, Ricardo.; GERARDI, D. A. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. **Revista USP**, [S. l.], n. 120, p. 61-76, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i120p61-76. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/155531>. Acesso em: 5 dez. 2021.

MARIANO, Ricardo. Expansão Pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos avançados**: São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, dez. 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10028>. Acesso em: 17 de jun. 2020.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

Marchesi, V. B. dos S., Rosa, P. O., & Resende, P. E. da R.. (2021). Conjugalidade e racionalidade neoliberal na Igreja Universal: A conversão do *homo oeconomicus* em família-empresa e a submissão da mulher . *Religião & Sociedade*, 41(1), 101–124.
<https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n1cap04>.

MARIZ, Cecília. Alcoolismo, gênero e pentecostalismo. **Religião e Sociedade**. n. 167, vol. 3, 1994.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à "ideologia de gênero" - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro / From “Marxist indoctrination” to “gender ideology”: Escola Sem Partido (non-partisan school) and gag laws in Brazilian congress. *Revista Direito e Práxis*, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 590–621, 2016. DOI: 10.12957/dep.2016.25163.

MONTI, Isabela Vicente; CAVALCANTE, Sávio, 2023, "Entre a fé racional e o amor inteligente: as postagens sobre família contidas no blog do bispo iurdiano Renato Cardoso", <https://doi.org/10.25824/redu/2EILUK>, Repositório de Dados de Pesquisa da Unicamp, V1.

MONTI, Isabela Vicente. (2021). A comunidade dos iguais e o líder do verdadeiro povo: Uma breve caracterização do fenômeno do populismo contemporâneo. *Conversas & Controvérsias*, 8(2), e40011. <https://doi.org/10.15448/2178-5694.2021.2.40011>.

NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada?: Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Relig soc* [Internet]. 2010;30(2):90–121. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0100-85872010000200006>

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; OLIVEIRA, Leandro de. (2009), "Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia (s) em discursos evangélicos conservadores". *Sexualid, Salud y Sociedad: Revista Latino americana*, vol II: 121-161.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. *Ilha. Revista de Antropologia*, 3(1):71-86, 2001. Disponível em:<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/165036/000310450.pdf?sequence=>. Acesso em: 20 de fev. 2021.

PATRIOTA, K. M., Casaqui, V., & Rodrigues, E. G. (2017). Blindando relacionamentos: narrativas terapêuticas e racionalização dos afetos na escola do amor. *Animus. Revista Interamericana De Comunicação Midiática*, 16(31). <https://doi.org/10.5902/2175497722958>.

RODRIGUES, EMANUELLE. Pedagogias de um amor inteligente: empreendedorismo e racionalização dos afetos na Escola do Amor da Igreja Universal do Reino de Deus. Universidade Federal de Pelotas, Dissertação de Mestrado, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17278>.

ROSAS, NINA. Heterossexualidade e homossexualidade: prescrições sobre o uso do corpo das mulheres evangélicas. *Relig soc* [Internet]. 2018May;38(2):176–97. Available from: <https://doi.org/10.1590/0100-85872018v38n2cap06>.

ROSAS, N. NOTAS SOBRE EVANGÉLICOS, POLÍTICA E GÊNERO A PARTIR DAS ELEIÇÕES DE 2022. *Debates do NER*, [S. l.], p. 65–82, 2023. DOI: 10.22456/1982-8136.130797. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/130797>. Acesso em: 10 jan. 2024.

QUINTELA, Débora Françolin. A direita bolsonarista: neoconservadorismo, neoliberalismo e a instrumentalização política da ‘família’. Artigo apresentado no 44º Encontro Anual da ANPOCS - SPG13 - Direitas no Brasil contemporâneo, 2020.

SANTANA, Ailynn Torres. Derechos en riesgo en América Latina: 11 estudios sobre grupos neoconservadores. Ecuador: Ediciones desde abajo, 2020.

SANTOS, Rayani Mariano dos. Pensando a família como um dos pontos de intersecção entre o neoliberalismo e o conservadorismo. III Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social 27-29 de maio de 2019b UFPEL – Pelotas. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/legadolaclau/files/2019/07/ARTIGO-Santos.pdf>.

SANTOS, Rayani Mariano dos. As disputas em torno das famílias na câmara dos deputados entre 2007 e 2018: familismo, conservadorismo e neoliberalismo. 2019. xii, 289 f., il. Tese (Doutorado em Ciência Política)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019a.

SCHULTZ, Theodore. W. O capital humano: investimentos em educação e pesquisa. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SPYER, Juliano. Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

STREECK, W. Tempo comprado: A crise adiada do capitalismo democrático. Coimbra: Actual, 2013.

TADVALD, M. Religiões evangélicas e sua presença nas mídias brasileiras. O caso da Igreja Universal. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 80, n. 315, p. 46-60, 18 jun. 2020. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/2021>. Acesso em: 20 abr. de 2021.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. Masculinidade e pentecostalismo como tecnologia neoliberal. *Contemporânea: revista de sociologia*. v. 12 n. 3 (2022): *Setembro - Dezembro de 2022*. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1182>. Acesso em: dez. 2023.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. A conduta universal: governo de si e políticas de gênero na Igreja Universal do Reino de Deus. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.8.2019.tde-30052019-103135. Acesso em: 14 de maio. 2021.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. Mídia e performances de gênero na Igreja Universal: *O desafio Godllywood*. **Relig soc** [Internet]. 2014Jul;34(2):232–56. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1984-04382014000200012>

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. **Da controvérsia às práticas**: conjugalidade, corpo e prosperidade como razões pedagógicas na Igreja Universal. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/D.8.2012.tde-05032013-120422. Acesso em: 2024-01-10.

TRAVERSO, Enzo. *La história como campo de batalla: interpretar las violencias del siglo XX*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

VAGGIONE, Juan Marco. A restauração legal: o neoconservadorismo e o direito na América Latina. In: BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco. *Gênero, Neoconservadorismo e democracia*. São Paulo: Boitempo, 2020.

WEBER, Max. *A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais*. São Paulo: Ática, 2006.

WRENN, Mary V. (2019) Consecrating Capitalism: The United States Prosperity Gospel and Neoliberalism. *Journal of Economic Issues*, 53:2, 425-432, DOI: [10.1080/00213624.2019.1594528](https://doi.org/10.1080/00213624.2019.1594528)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DIGITAIS

CARDOSO, Renato. Comece já a “blindagem do alto”. Youtube, 31 de maio 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zThw7MIFbL4&t=45s>. Acesso em: 01 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Comece já a “blindagem do alto”. Universal.org, 26 de set. 2017a. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/comece-ja-a-blindagem-do-alto-3/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. Como ter mais maturidade? Univeral.org, 18 de julho de 2017b. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/como-ter-mais-maturidade/>. Acesso em: 30 de jan. 2023.

CARDOSO, Renato. Liberdade no casamento. Universal.org, 26 de jul. 2017c. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/liberdade-no-casamento/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. Cabeça de homem vs cabeça de mulher. Universal.org, 21 de agosto de 2017d. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/cabeca-de-homem-vs-cabeca-de-mulher/>. Acesso em: 21 de fev. 2023.

CARDOSO, Renato. Como ter mais maturidade? Univeral.org, 18 de julho de 2017e. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/como-ter-mais-maturidade/>. Acesso em: 30 de jan. 2023.

CARDOSO, Renato. Amor e escolha. Univeral.org, 10 de maio 2017f. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/amor-e-escolha/>. Acesso em: 22 de nov. 2023.

CARDOSO, Renato. Mariana Rios: evite o que ela fez com o noivo. Universal.org, 03 de dez. de 2018a Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/mariana-rios-evite-o-que-ela-fez-com-o-noivo/>. Acesso em: 11 de fev. 2023.

CARDOSO, Renato. Mariana Rios: evite o que ela fez com o noivo. Youtube, 01 de dez. 2018a. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3TOuHw5hHy0>. Acesso em: 11 de fev. 2023.

CARDOSO, Renato. Entenda quais são os benefícios de ser casada (o). Universal.org, 21 de dezembro de 2018b. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/entenda-quais-sao-os-beneficios-de-ser-casadao/>. Acesso em: 10 de fev. 2023.

CARDOSO, Renato. Entenda quais são os benefícios de ser casada (o). Youtube, 20 de dez. 2018b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2YBJ9f29AA4>. Acesso em 10 de fev. 2023.

CARDOSO, Renato. A furada de morar junto sem casar. Universal.org, 3 de jul. 2018c. Disponível em: <https://www.universal.org/blogs-e-colunas/renato-cardoso/post/a-furada-de-morar-junto-sem-casar/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. A furada de morar junto sem casar. Youtube, 17 de jul. 2018c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3Q9vLDKPyw>. Acesso em: 31 de jul. 2022.

CARDOSO, Cristiane. Como ser carinhosa. Universal.org, 19 de nov. 2018d. Disponível em: <https://www.universal.org/cristiane-cardoso/post/como-ser-carinhosa-2/>. Acesso em: 31 de janeiro. 2022.

CARDOSO, Cristiane. A coroa. Universal.org, 05 de nov. 2018d. Disponível em: <https://www.universal.org/cristiane-cardoso/post/a-coroa-2/>. Acesso em: 25 de janeiro. 2022.

CARDOSO, Renato. Pronto, falamos! Universal.org, 3 de abril de 2019a. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/pronto-falamos/>. Acesso em: 31 de janeiro. 2022.

CARDOSO, Renato. Por que muitos nunca terão sucesso. Universal.org, 29 de Março de 2019b. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/por-que-muitos-nunca-terao-sucesso/>. Acesso em 19 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Por que muitos nunca terão sucesso. Universal.org, 29 de Março de 2019b. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/por-que-muitos-nunca-terao-sucesso/>. Acesso em 19 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Casais, alerta: por que a grama do vizinho parece mais verde? Universal.org, 04 de novembro de 2019c. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/casais-alerta-por-que-a-grama-do-vizinho-parece-mais-verde/>. Acesso em: 15 de fev. 2023.

CARDOSO, Renato. Casais, alerta: por que a grama do vizinho parece mais verde? Youtube, 03 de ago. 2019c. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zXPMY5tKOxE>. Acesso em: 15 de fev. 2023.

CARDOSO, Renato. Tem cuidado das 3 partes de você? Universal.org, 01 de out. de 2019d. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/tem-cuidado-das-3-partes-de-voce/>. Acesso em: 12 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Um segredo nosso para melhorar a convivência no casamento. Universal.org, 07 de outubro de 2019e. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/um-segredo-nosso-para-melhorar-a-convivencia-no-casamento/>. Acesso em 21 de fev. 2023.

CARDOSO, Renato. Um segredo nosso para melhorar a convivência no casamento. Youtube, 13 de jul. 2019e. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=end_8KqRzkw. Acesso em 21 de fev. 2023.

CARDOSO, Renato. Lutando com a força do seu braço? Universal.org, 12 de março de 2019f. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/lutando-com-a-forca-do-seu-braco/>. Acesso em 18 de ago. de 2022.

CARDOSO, Renato. Lutando com a força do seu braço? Youtube, 04 de março de 2019f. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KQLJtRYeMiA>. Acesso em 18 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Quando a mulher ganha mais que o marido. Youtube, 06 de set. 2019g. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QqA2NQTG_zU. Acesso em: 12 de jul. 2022

CARDOSO, Renato. Minha esposa diz que sou viciado em sexo. O que faço? Universal.org, 9 de set. 2019h. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/minha-esposa-diz-que-sou-viciado-em-sexo-o-que-faco/>. Acesso em: 31 de jan. de 2022.

CARDOSO, Renato. Minha esposa diz que sou viciado em sexo. O que faço? Youtube, 01 de jul. 2019h. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sz0G4AfoEOE>. Acesso em: 03 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Deus não tem agência de relacionamentos. Universal.org, 8 de março 2019i. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/deus-nao-tem-agencia-de-relacionamentos/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. Deus não tem agência de relacionamentos. Youtube, 28 de fev. 2019i. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KMU97fP3kBE>. Acesso em: 01 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Quando o homem VIRA UM BANANA na relação. Youtube, 04 de out. 2019J. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-aGSpf0HQJQ>. Acesso em: 07 de fev. 2023.

CARDOSO, Renato. Renato e Cristiane dão aula sobre sexo. Universal.org, 08 de abril 2019k. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/renato-e-cristiane-dao-aula-sobre-sexo/>. Acesso em: 31 de janeiro. 2022

CARDOSO, Renato. Renato e Cristiane dão aula sobre sexo. Youtube, 15 de março 2019k. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TuNbd_nVbIw

CARDOSO, Renato. 3 passos para reativar o desejo em seu casamento. Universal.org, 7 de Maio de 2019l. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/3-passos-para-reativar-o-desejo-em-seu-casamento-2/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. 3 passos para reativar o desejo em seu casamento. Youtube, 11 de abril 2019l. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sk6hEXKtMpM>. Acesso em: 31 de jul. 2022.

CARDOSO, Renato. Pornografia e masturbação: meu marido é viciado! O que faço? Universal.org, 19 de fev. 2019m. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/pornografia-e-masturbacao-meu-marido-e-viciado-o-que-faco/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. Pornografia e masturbação: meu marido é viciado! O que faço? Youtube, 09 de fev. 2019m. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DUZa7GY88ww>. Acesso em: 08 de set. 2022.

CARDOSO, Renato. Aprenda com os erros dos outros: live! Universal.org, 27 de fev. 2019n. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/aprenda-com-os-erros-dos-outros-live/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. Aprenda com os erros dos outros: live! Youtube, 21 de fev. 2019n. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=L_f2RBpzTyY. Acesso em: 02 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Por que filme romântico pode ser um veneno para seu relacionamento. Universal.org, 7 de jan. 2019o. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/por-que-filme-romantico-pode-ser-um-veneno-para-seu-relacionamento/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. Por que filme romântico pode ser um veneno para seu relacionamento. Youtube, 04 de jan. 2019o. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a5xAluV27y4>. Acesso em: 09 de jul. 2022.

CARDOSO, Renato. Juju Salimeni reclamou disso sobre os homens (lições para eles e para as mulheres). Universal.org, 26 de dez. 2019p. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/juju-salimeni-reclamou-disso-sobre-os-homens-licoes-para-eles-e-para-as-mulheres/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. Juju Salimeni reclamou disso sobre os homens (lições para eles e para as mulheres). Youtube, 25 de dez. 2019p. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1C5aw2W7bfs>. Acesso em: 01 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Chegue aonde você quer! Universal.org, 29 de ago. 2019q. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/chegue-aonde-voce-quer/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. Chegue aonde você quer! Youtube, 17 de jun. 2019q. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uJHTpG6h8yQ>. Acesso em: 31 de jul. 2022.

CARDOSO, Renato. Pense como dono! A mentalidade de possuidor. Universal.org, 28 de agosto de 2019r. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/pense-como-dono-a-mentalidade-de-possuidor/>. Acesso em 12 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Pense como dono! A mentalidade de possuidor. Youtube, 22 de jul. 2019r. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z-U2z3ofASw>. Acesso em 12 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Pare de viver de salário em salário. Universal.org, 26 de novembro de 2019s. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/pare-de-viver-de-salario-em-salario/>. Acesso em 12 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Pare de viver de salário em salário. Youtube, 28 de out. 2019s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8h1tv1mh9do>. Acesso em 12 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. A chave do sucesso que a maioria não usa (sorte sua!). universal.org, 18 de novembro de 2020a. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/a-chave-do-sucesso-que-a-maioria-nao-usa-sorte-sua/>. Acesso em 18 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. A chave do sucesso que a maioria não usa (sorte sua!). youtube, 31 de ago. 2020a. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JNdfеRuqjF4>. Acesso em 18 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Solução para marido que não dá atenção e amor. Universal.org, 15 de jul. 2020b. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/solucao-para-marido-que-nao-da-atencao-e-amor/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. Solução para marido que não dá atenção e amor. Youtube, 25 de jun. 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g27KtPVcle0>. Acesso em: 19 de jul. 2022.

CARDOSO, Renato. Cristiane não sabe assobiar (e a aluna que não sabe se deve divorciar). Universal.org, 01 de set. 2020c. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/cristiane-nao-sabe-assobiar-e-a-aluna-que-nao-sabe-se-deve-divorciar/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, RENATO. Cristiane não sabe assobiar (e a aluna que não sabe se deve divorciar). Youtube, 28 de jul. 2020c. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8V_oP3hh_9A. Acesso em: 08 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Tem jeito para seu casamento se você fizer isto. Universal.org, 10 de junho de 2020d. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/tem-jeito-para-seu-casamento-se-voce-fizer-isto/>. Acesso em: 21 de fev. 2023.

CARDOSO, Renato. Tem jeito para seu casamento se você fizer isto. Youtube, 28 de maio de 2020d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o9zLkno5q6A>. Acesso em 21 de fev. 2023.

CARDOSO, Renato. A mentira do “casalzinho 20” exposta! Renato e Cristiane explicam. Universal.org, 7 de dez. 2020e. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/a-mentira-do-casalzinho-20-exposta-renato-e-cristiane-explicam/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. A mentira do “casalzinho 20” exposta! Renato e Cristiane explicam. Youtube, 12 de dez. 2020e. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FnT0PdpnVII>. acesso em: 31 de jul. de 2022.

CARDOSO, Renato. Pegue a visão: quando tentaram fazer Jesus de coitado. Universal.org, 4 de nov. de 2020f. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/pegue-a-visao-quando-tentaram-fazer-jesus-de-coitado/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. Pegue a visão: quando tentaram fazer Jesus de coitado. Youtube, 12 de out. 2020f. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pwx-skkqCvY>. Acesso em 30 de jul. 2022.

CARDOSO, Renato. Use este poder para mudar de vida! (você já tem). Universal.org, 13 de novembro de 2020g. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/use-este-poder-para-mudar-de-vida-voce-ja-tem/>. Acesso em: 26 de jan. 2023.

CARDOSO, Renato. Use este poder para mudar de vida! (você já tem). Youtube, 02 de set. 2020g. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7k968ZtB1co>. Acesso em 26 de jan. 2023.

CARDOSO, Renato. Cristão e movimentos ativistas: como deve se posicionar? Universal.org, 18 de agosto 2020h. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/cristao-e-movimentos-ativistas-como-deve-se-posicionar>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. Cristão e movimentos ativistas: como deve se posicionar? Youtube, 14 de ago. 2020h. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bw1Rb6U37-c>. acesso em 25 de jul. 2022.

CARDOSO, Renato. Quando o homem VIRA UM BANANA na relação. Universal.org, 06 de março de 2020i. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/quando-o-homem-vira-um-banana-na-relacao>. acesso em 07 de fev. 2023.

CARDOSO, Renato. Casado? Bem-vindo ao ramo de serviços! Universal.org, 17 de jul. 2020j. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/casado-bem-vindo-ao-ramo-de-servicos/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. Casado? Bem-vindo ao ramo de serviços! Youtube, 30 de jun. 2020j. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zmRhrQ5iASA>. Acesso em: 24 de jul. 2022.

CARDOSO, Renato. Dicas de um ex-viciado em pornografia para viciados e cônjuges. Universal.org, 04 de março de 2020k. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/dicas-de-um-ex-viciado-em-pornografia-para-viciados-e-conjuges/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. Dicas de um ex-viciado em pornografia para viciados e cônjuges. Youtube, 01 de out. 2020k. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t9DBequLIU>. Acesso em: 08 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Pense como dono. Universal.org, 05 de outubro de 2020l. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/pense-como-dono/>. Acesso em 13 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Como ser independente financeiramente. Universal.org, 15 de maio de 2020m. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/como-ser-independente-financeiramente/>. Acesso em 12 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Como ser independente financeiramente. Youtube, 14 maio 2020m. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rrPsolX6lwU>. Acesso em 12 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Me doeí demais: como saber os limites no relacionamento (participação especial: Seven). Universal.org, 17 de nov. 2020n. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/me-doei-demais-como-saber-os-limites-no-relacionamento-participacao-especial-seven/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. Me doeí demais: como saber os limites no relacionamento (participação especial: Seven). Youtube, 07 de out. 2020n. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=c_nGuja2ScM. Acesso em: 03 de jul. 2022.

CARDOSO, Renato. Aceita que dói menos: você foi uma ficada, nada mais! Youtube, 26 de maio de 2021a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8E7jkWBM-es>. Acesso em: 31 de jul. 2022.

CARDOSO, Renato. Todo mundo, alguém, qualquer um e ninguém: a história que explica muitos fracassos. Universal, 31 de março de 2021b. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/todo-mundo-alguem-qualquer-um-ninguem-a-historia-que-explica-muitos-fracassos/>. Acesso em 08 de set. 2022.

CARDOSO, Renato. Todo mundo, alguém, qualquer um e ninguém: a história que explica muitos fracassos. Youtube, 29 de março de 2021b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i6FQuuoFMMQ>. Acesso em 08 de set. 2022.

CARDOSO, Renato. Meu marido é insensível! O que faço? Universal.org, 27 de agosto de 2021c. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/meu-marido-e-insensivel-o-que-faco/> . acesso em: 08 de fev. 2023.

CARDOSO, Renato. Meu marido é insensível! O que faço? Youtube, 25 de ago. 2021c. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9KWJwPLqbbI>. Acesso em: 08 de fev. 2023.

CARDOSO, Renato. Gênesis: por que Noé amaldiçoou o filho Cam. Universal.org, 29 de jan. de 2021d. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/genesis-por-que-noe-amaldicoou-o-filho-cam/> . acesso em: 09 de fev. 2023.

CARDOSO, Renato. Gênesis: por que Noé amaldiçoou o filho Cam. Youtube, 29 de jan. 2021d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=au9ZrsUdB7k>. Acesso em 09 de fev. 2023.

CARDOSO, Renato. Por que é difícil ser disciplinado (E como dar um jeito nisso). Universal.org, 21 de janeiro de 2021e. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/por-que-e-dificil-ser-disciplinado-e-como-dar-um-jeito-nisso/>. Acesso em 18 de ago. 2022.

CARDOSO, Renato. Por que é difícil ser disciplinado (E como dar um jeito nisso). Youtube, 14 de jan. 2021e. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=w3h5QjbLO0g>. acesso em 18 de ago. 2022.

CARDOSO, Cristiane. Eva. Universal.org, 20 de jan. 2021e. Disponível em: <https://www.universal.org/cristiane-cardoso/post/eva/>.

CARDOSO, Renato. Cristiane revela gesto mais romântico que recebeu. Universal.org, 19 de abril 2019. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/cristiane-revela-gesto-mais-romantico-que-recebeu/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

CARDOSO, Renato. Cristiane revela gesto mais romântico que recebeu. Youtube, 27 de março 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0fKB3t2wGNw>. Acesso em: 01 de ago. 2022.

ANEXOS

Anexo I

Renato e Cristiane Cardoso desenvolvem as noções de fracasso e sucesso que aparecem, respectivamente, em 15% e 13% do total das postagens de Cardoso, e as noções de perder e vencer/ganhar, contidas, respectivamente, em 27% e 22% do material transcrito. Nas tabelas abaixo, apresentamos as principais ideias mobilizadas para complementar e caracterizar essas noções:

SUCESSO	Afetividades	Reprodução familiar	Núcleo familiar	Planejamento familiar
Em que não basear o sucesso da relação (atração física, beleza, dinheiro, poder)	2	3	0	0
hábitos para o sucesso (disciplina, sacrifício, fidelidade, arriscar, trabalhar duro, negociar, investir)	18	40	15	0
sucesso vs família	3	7	8	0
sucesso nas áreas em que aplica a cabeça (trabalho, carreira)	5	5	1	0
sucesso = êxito	5	2	0	0
Em que basear o sucesso da relação (Critérios, liberdade, felicidade esposa)	4	0	0	0
sucesso na vida amorosa	1	1	0	0
narcisismo	0	1	0	0
Pai quer sucesso do filho, deus quer sucesso fiel	0	0	8	0
TOTAL	38	59	32	0

Fonte: dados de pesquisa

FRACASSO	Afetividades	Reprodução familiar	Núcleo familiar	Planejamento familiar
medo de dar errado, medo fracasso, medo começar negócio e fracassar	9	1	0	0
morar junto, test drive, divórcio, desequilíbrio, ignorar reclamações, pornografia	10	5	0	3
homem não sabe lidar com fracasso	11	1	0	0
fracassado no casamento	3	1	5	0
se sentir uma mulher fracassada	3	0	0	0
bagunça, indisciplina, coisas deveriam ser diferente, coração, infidelidade	6	10	0	0
quem sacrifica e persevera NÃO fracassa	0	0	6	0
fracasso da revolução sexual	0	0	0	2

TOTAL	41	18	11	5
-------	----	----	----	---

Fonte: dados de pesquisa

PERDER	Afetividades	Reprodução familiar	Núcleo familiar	Planejamento familiar
Tempo	8	3	2	1
medo de tentar algo e perder (dinheiro, reputação)	14	0	0	0
quando não tenta, já está perdendo	6	0	0	0
medo de perder um relacionamento	4	0	1	3
medo de perder uma pessoa	21	0	13	3
nada a perder quem perde tudo para deus	11	0	1	0
perder peso	4	2	0	0
blindar para não perder o que investiu no casamento	2	3	3	0
perder a imagem e semelhança porque não investiu no relacionamento com Deus	1	0	0	0
perder-se de si mesma, perder o seu valor, autoconfiança	5	1	4	0
perder uma chance	1	0	0	0
quando a mulher perde a atenção do marido, perde poder na relação, seu valor	6	0	2	0
perder o casamento	3	11	2	2
perder o bonde	3	0	0	0
perder o controle, sair dos trilhos, perder senso do limite	4	0	1	0
não perder o dom da fé	1	0	0	0
perder habilidades interpessoais	1	1		0
perder o emprego	3	2	1	0
perder a oportunidade de ter relacionamento feliz	4	0	0	0
perder para o vício (bebida, vaidade)	1	5	0	0
perder uma pessoa de fato	7	0	0	0
perder oportunidade	1	1	0	0
perder os filhos	2	1	1	0
perder a feminilidade, essência de mulher, senso de justiça, poder na relação	3	1	1	0
perder as identidades que o mundo dá	1	0	0	0
perder o negócio, perder o cliente	2	2	1	0

sente que já nasceu perdendo, se vitimizand	1	0	0	0
perder dinheiro	0	3	3	1
perder o foco	0	0	2	0
perder a paz	0	0	3	0
perder a essência da informação	0	0	2	1
perder a referência de pai e perder a referência de deus	0	0	7	0
mulher perder (carreira) para ganhar (A família)	0	0	1	0
cônjuges que se perderam, perder interesse	0	0	2	1
perder a confiança na pessoa (infel)	0	0	2	2
perde a noção do que é uma família	0	0	1	0
medo de casar com uma mulher e perder outra melhor	0	0	2	0
perder o entendimento do que é o sexo	0	0	0	3
total	120	36	59	17

Fonte: dados da pesquisa

VENCER	Afetividades	Reprodução familiar	Núcleo familiar	Planejamento familiar
Vencer o medo = ser homem	4	1	2	0
tomar atitude, investir, usar a cabeça, mudar, criatividade	5	3	3	0
vencer na vida amorosa	3	0	2	0
vencer um trauma, rancor, mágoa, abuso na vida amorosa	7	0	3	0
amor não vence tudo	4	0	0	0
vencer no trabalho	1	0	0	0
vencer problemas, dificuldade	2	4	0	0
ser fiel	1	0	0	1
vencer a pornografia, o vício, pecado	2	0	3	2
não vence porque usa coração	0	1	0	0
vencer a ansiedade, agressividade, insegurança, orgulho	0	0	7	0
TOTAL	29	9	19	3

Fonte: dados de pesquisa

ANEXO II: Organograma das principais construções narrativas acerca do sucesso e do fracasso, do perder e vencer na Universal do Reino de Deus.

